

Marco Akerman
Silmara Conchão
Roberta Cristina Boaretto
Organizadores

“BULINDO” COM A UNIVERSIDADE
Um estudo sobre o trote na Medicina

~~**“BULINDO” COM A
UNIVERSIDADE
UM ESTUDO SOBRE O
T R O T E N A
M E D I C I N A**~~

editora



rede unida

Marco Akerman
Silmara Conchão
Roberta Cristina Boaretto
Organizadores

“BULINDO” COM A UNIVERSIDADE
Um estudo sobre o trote na Medicina

1ª Edição
Porto Alegre, 2014
Editora Rede UNIDA

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Emerson Elias Merhy

Ivana Barreto

João José Batista de Campos

João Henrique Lara do Amaral

Julio César Schweickardt

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Lisiane Böer Possa

Mara Lisiane dos Santos

Márcia Cardoso Torres

Marco Akerman

Maria Luiza Jaeger

Ricardo Burg Ceccim

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Rossana Baduy

Sueli Barrios

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Kadjaoglanian

Vera Rocha

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

Arte Gráfica - capa

Mariana Nada

Diagramação

Luciane de Almeida Collar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B933 "Bulindo" com a universidade : um estudo sobre o trote na medicina / Organizadores: Marco Akerman, Silmara Conchão, Roberta Cristina Boaretto. - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 188 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-66659-14-6

1. Violência 2. Universidade 3. Estudantes I. Akerman, Marco II. Conchão, Silmara III. Boaretto, Roberta Cristina IV. Título V. Série

NLM LB2301

Catálogo na fonte: Rubens da Costa Silva Filho CRB10/1761

Todos os direitos desta edição reservados à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRAREDE UNIDA

Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

Dedicamos aos alunos e alunas que corajosamente
quebraram o silêncio do trote violento
tornando possível nosso estudo e marcando uma
história com novas possibilidades em nossa Faculdade!

Agradecimentos a HUCITEC e ao Centro de Estudos de Saúde Coletiva da Faculdade (CESCO) pelo apoio na publicação dos primeiros 100 exemplares e na competente revisão do texto realizada por Flavio Aderaldo e na idealização da primeira versão da capa por Mariana Nada.

Índice

Apresentação para esta Edição.....	11
Apresentação Edição anterior.....	15
Prefácio - Trote: bulir para abolir.....	19
Capítulo 1 - Narrativa de uma experiência.....	23
Capítulo 2 - Como nos aproximamos para juntos “bulir” com o tema?.....	39
Capítulo 3 - Alguém já “buliu” com este tema antes?.....	45
Capítulo 4 - Como tudo isso “buliu” com os estudantes? Narrativas dos estudantes em foco.....	61
Capítulo 5 - Que modos usamos para “bulir” com o tema na nossa Faculdade?.....	91
Capítulo 6 - Como os resultados “buliram” com a gente? Afinal de contas, porque nos submetemos a tudo isso?.....	95
Capítulo 7 - “Bulimos” com a universidade? E agora como seguimos?.....	103
Pós-fácio.....	109
Bibliografia.....	111
Glossário.....	115
Anexo - Transcrição dos grupos focais.....	117

Apresentação para esta Edição

Este livro foi originalmente publicado pela Editora Hucitec em 2012, com apoio do Centro de Estudos de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina do ABC. Nossos agradecimentos especiais a Flávio Aderaldo e Mariana Nada pela competência, esmero e carinho na edição do livro e criação da capa.

A opção de agora relançá-lo pela recém criada Editora da Rede Unida passa pela percepção de que a Rede Unida e seus componentes – movimentos sociais, trabalhadores da saúde e gente das universidades - possuem capilaridade e potência suficientes para disseminar aos quatro ventos do ambiente educacional a necessidade de “bulir” com o tema do trote universitário. Nossos agradecimentos a Alcindo Ferla e Janaina Collar pelo acolhimento da ideia.

Há sinais por todos os lados de que o tema incomoda a muita gente. Entretanto há ruídos, também por todos os lados, de que o trote violento permeado por jogos bizarros e práticas opressoras persistem apesar deste incômodo manifestado por docentes, estudantes, pais e pela mídia.

Por que será? Múltiplas hipóteses, múltiplas resistências.

Nesta apresentação, lançamos mão de uma destas hipóteses e fazemos dela um apelo. Um apelo aos Diretores e Diretoras de Instituições de Ensino Superior: por favor, não se rendam ao trote!

Tenham coragem, não se omitam diante de uma denúncia! Não naturalizem dizendo que vocês também passaram por isso e que tudo não passa de um ritual inocente.

O trote é um ritual de opressão! É um ritual de assimetria de poder. De imposição pela força física e pela humilhação de um conjunto de regras em que os mais novos devem deferência e submissão, a todo custo, aos mais velhos.

O que dizer sobre armazenar o vômito dos convivas da última festa para que na festa seguinte, os novos alunos passem pela provação de consumir cubos de vômito congelado; ou da experiência de “ficar de quatro” e receber sobre o corpo nu pratos de macarronadas adormecidas, para um cão que espreita comer o alimento sobre o corpo do calouro? Ou de cenas de subjugação de alunos ingressantes que obrigados a deitarem no chão são urinados por estudantes mais velhos?

O que argumentar sobre o fato de que pais fazem denúncias dos maus tratos que sofrem seus filhos sob a cobertura de nomes fictícios e de e-mails criados especialmente para veicular denúncias “sem que sejamos notados, para que nossos filhos não sofram retaliação”? Ou do caso de um pai que teve que simular um enfarto para que veteranos se convencessem a libertar seu filho de um lugar isolado onde deveria passar o fim de semana, após ter ligado para a família pedindo socorro, pois estava sendo espancado pelos estudantes mais velhos.

A cada uma destas bizarrices, muito difícil de se compreender à luz de qualquer marco civilizatório contemporâneo, corresponderia um nome de uma Instituição de Ensino Superior em que o senhor é, ou foi diretor.

Há evidências de que esta prática prevalece de modo mais intenso em cursos universitários conectados com profissões mais tradicionais e que estão relacionadas com setores econômicos mais consolidados como Medicina, Direito, Engenharias e Agronomia.

Nas escolas médicas o trote serve muito mais para manter a hierarquia existente no meio médico do que como mecanismo de integração. Se o “calouro” ingressante “vale menos” que o aluno do segundo ano, que deve reverência ao colega do terceiro e assim sucessivamente até o aluno do sexto ano, ao residente e ao professor, o que se dirá de um outro profissional não médico? Neste sentido, todo o discurso feito sobre a necessidade de equipes interprofissionais que sejam colaborativas, horizontais e solidárias cai no vazio.

Senhor@s Diretor@s, não faça do trote e do espírito de corpo que ele quer produzir um escudo para as mazelas das suas instituições.

Entretanto, um enfrentamento sustentável e duradouro desta problemática passa pela discussão do poder: do poder dos mais fortes sobre os mais fracos, dos homens sobre as mulheres, dos mais ricos sobre os mais pobres, dos esportistas sobre os não esportistas, dos professores sobre os alunos, dos veteranos sobre os calouros, etc. Um poder que usa e abusa dos preconceitos. Em nenhum lugar estamos totalmente isentos de relações de poder ou do preconceito, mas seremos livres sempre que reagirmos ao ver o abuso de poder afetar a dignidade

do outro e, portanto, também a nossa.

Trata-se de um incômodo debate que precisa ser enfrentado para, aí sim, erradicarmos a violência e a intimidação em nossas instituições de ensino. Além das marcas emocionais e psicológicas, por vezes indelévels, que resultam dessas interações violentas para os sujeitos que delas participam, também, precisamos nos preocupar com suas repercussões no exercício de sua futura profissão.

Senhor Diretor, não cuide apenas dos mais fortes, crie as condições necessárias para que todos possam ter autonomia nas suas escolhas.

Este apelo toca em uma das hipóteses de porque o trote violento, bizarro e opressor persiste no meio universitário. Esperamos que este livro, fruto de uma ação concreta que buscou incidir sobre as causas e conseqüências desta “invenção humana” possa ser útil para gerar e testar novas hipóteses e, mais importante do que um mero exercício científico, produzir indignação suficiente para que dirigentes universitários, estudantes, professores, pais, sociedade, etc. possam ativar múltiplas maneiras para abolir o trote violento, bizarro e opressor.

Marco Akerman, Silmara Conchão, Roberta Cristina
Boaretto. - 2014

Apresentação Edição anterior

Como toda esta situação buliu com a gente

Este livro coroa um intenso, sofrido e celebrado trabalho coletivo de professores e alunos da Faculdade de Medicina do ABC. Ao final desta apresentação aparecem os nossos nomes que SOMOS AUTORES DESTA LIVRO.

A partir de encontros frequentes organizamos duas pesquisas que foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade (registrados sob o número 194/2010) e financiados com recursos para bolsas de iniciação científica providos pelo Centro de Estudos de Saúde Coletiva da Faculdade (CESCO).

Uma delas investigou por que os alunos se submetem ao trote abusivo na FMABC. A outra organizou uma revisão bibliográfica para aprofundar o conhecimento sobre as origens do fenômeno “trote”, que extrapolam o meio universitário e respondeu a seguinte questão: quais as origens - as raízes - do fenômeno trote universitário?

Então bulimos com o trote no curso de Medicina, considerando que é de responsabilidade da instituição de ensino. Construímos novas formas de sociabilidade para

receber os alunos ingressantes e nos indignamos ao entrar nesse mundo do trote tradicional. Era preciso conhecer, estudar, jogar luz neste contexto, até então, bem obscuro.

É comum vermos todos os anos aparecerem matérias nos jornais que divulgam o trote violento nas universidades. O trote, que deveria ser um instrumento de integração dos alunos novatos com os veteranos, na realidade, são recebidos com agressões físicas e morais que são cometidas pelo grupo que organiza a sua "recepção" e justifica tais ações abusivas como brincadeira ou ritual de passagem, "natural" desse processo. E isto ocorre em diversas instituições de ensino superior, após a tão esperada lista classificatória dos aprovados.

O trote, considerado um fenômeno social, cultural e histórico, não é específico de uma carreira e muito menos de uma universidade. No entanto, é curioso notar que o curso de Medicina tem despontado ao longo dos anos como sendo um dos mais agressivos. Tal fato é comprovado pelo culminar da morte, em 1999, de um estudante da Faculdade de Medicina da USP, afogado durante a "recepção" aos calouros.

Por sua vez, na Faculdade de Medicina do ABC - FMABC, indagações, indignações e denúncias sigilosas mobilizaram diretores, professores e alunos iniciantes do curso, ao se depararem com situações abusivas na relação com veteranos, que se mantinham mesmo quando deixavam de ser iniciantes.

Estávamos diante de uma emergente necessidade de redimensionar essas práticas sustentadas socialmente e provocadoras de silêncio, solidão e medo no interior da faculdade. E como não podíamos nos omitir, resolvemos então "bulir" com o trote.

O termo “bulir”, de uso popular, de acordo com o dicionário Aurélio significa mover, balançar, provocar, mexer, tocar ou colocar a mão. E assim foi, nos mexemos e colocamos a mão, os olhos, os ouvidos, o coração e a mente nessa prática tradicional que reproduz, dentro da instituição de ensino, as relações abusivas de poder como um espelho da sociedade em que vivemos.

Diante dessa realidade, iniciativas foram tomadas pela Diretoria da FMABC para coibir o trote, a experiência esta descrita detalhadamente no primeiro capítulo.

Os resultados das duas pesquisas desenvolvidas constam desse livro e estão descritas a partir do capítulo 2.

No capítulo 4, as alunas e alunos narram situações vividas, uma sucessão de fatos, acontecimentos, com muita subjetividade, mistura de sentimentos e afetos que nos ajudará a entrar na cena e a conhecer com mais intimidade o contexto velado dos abusos.

No capítulo 6, refletimos e problematizamos sobre a pergunta da pesquisa “por que nos submetemos?”, indicando algumas evidências a partir de citações coletadas nos grupos focais e selecionadas como as mais representativas.

Entretanto, compartilhamos com os leitores todo o banco de dados “bruto” obtido na pesquisa, composto de citações emitidas pelos sujeitos nos grupos focais, para que outros estudiosos interessados no tema, possam dele, também fazer uso, caracterizando o como um banco de dados aberto e de uso público, desde que citada a fonte da pesquisa, o presente livro.

No capítulo 7, assumimos as nossas responsabilidades pela escolha efetuada de “bulir com a universidade”, e então apontamos alguns caminhos construídos coletivamente

por todos os autores em uma oficina de planejamento participativo.

Esperamos que a leitura deste livro, para além do interesse acadêmico e de pesquisa, possa simbolizar, também, a adesão a um projeto ético-político de não naturalização e indignação contra qualquer manifestação de violência e subjugação no ambiente universitário, quer seja entre alunos ou entre professores e alunos!

Boa leitura! Bem vind@ à nossa luta.

Marco Akerman, Roberta Boaretto, Silmara Conchão, Sílvia Kharmandayan, Mariana de Souza Alencar, Lucas Bueno Feo, Bruno Bertoldo, Fernando Henrique Rea Cabral, Ivan Mattos, Leonardo dos Santos, Luis Felipe Goulart, Marcel Chabaribery, Mariana Gonçalves, Pedro Mattos, Rafael Neves Nicolau, Webster de Oliveira Vitoria. - 2012.

Prefácio

Trote: bulir para abolir

O trote é ousado, quer bulir com todos, e violento, ninguém ousa bulir com ele. Esta é a realidade universitária com a qual convivemos. Os mais destacados intelectuais silenciam diante do trote ou, pior ainda, não o pesquisam, mas se sentem à vontade para dele falar sem seriedade e sem sinceridade, brincam com o trote, dizem que é diversão, recepção, rito de passagem. Fazem declarações sem sentido nos grandes veículos de comunicação, confundindo e promovendo clima propício ao trote. Afirmam que há violência, trote violento, mas que o trote mesmo é brincadeira. Quanta bobagem!!! Consideram ainda que o trote é uma “pedagogia”, que educa os novos alunos nos costumes da Universidade, que promove amizades, que é uma tradição e que, portanto, merece ser mantido. Quanta mentira!!! É bom que se diga claramente: todo trote é violento, sempre se funda no desrespeito ao outro, em sua colonização pelas ideias dos grupos trotistas.

Faz mais de dez anos que estou “bulindo” com o trote, coletando informações, debatendo, escrevendo, expondo as mazelas do trote e da feiosa Universidade trotista. Nestes anos, muitos parceiros apoiaram minhas atividades ou fizeram outras tantas para minar o poder dos grupos

trotistas. No entanto, estes alunos e alunas da Faculdade de Medicina do ABC tiveram a capacidade, a coragem, a firmeza e a inteligência para romper definitivamente com o silêncio. Eles e elas ousaram bulir com o trote, desafiar seu poder, falar livremente sobre o sofrimento que experimentavam pessoalmente ou que testemunhavam em sua própria escola, pesquisar e escrever sobre tudo isto que o trote desperta. Não se trata de tarefa fácil, corriqueira, pois se está a bulir com a violência, a corrupção, o sadismo, o medo, os preconceitos, as frustrações e outras coisas desagradáveis que fundam os grupos trotistas. Trata-se de lançar luz sobre aqueles que querem ocupar o centro do espaço universitário, mas que não têm condições de estabelecer relações amistosas de cooperação. Enfim, isto bole com a Universidade, questiona os valores que a conduzem, exige reflexão e transformação. Além de tudo, estes alunos e alunas realizaram seus trabalhos de um modo cooperativo, grupal, solidário e, ao agir assim, mostraram um caminho para romper com o isolamento que tanto machuca as vítimas do trote. Revelam com seu exemplo como sua escola e a Universidade brasileira podem ser. Enchem-me de orgulho e de esperança em um futuro mais humano para nossa Universidade e para a nossa sociedade. Mostram também que são, desde já, muito mais que médicos, pois não querem apenas curar os corpos e as mentes, mas também a escola e a sociedade que geram doenças.

Mas, em primeiro lugar, este livro é fruto do trabalho de pessoas adultas, profissionais maduros que se empenham na condução do grupo, das pesquisas, dos tantos cuidados, conversas e embates que bulir com o trote e com a Universidade demandam. Que serviço magnífico prestam ao Brasil, à Universidade e aos jovens estes pesquisadores que querem abolir o trote e, para isto, ousadamente bolem com ele, afastando medos, insanidades, violências, e

assim, constroem na Universidade um espaço de liberdade, de criatividade, de satisfação. Que bom seria se todas as Universidades tivessem profissionais como estes, capazes de romper com a cultura da violência e de oferecer aos alunos a possibilidade de pensar livremente, de se apaixonar pelo estudo e de bem conviver com as pessoas que os cercam.

“Porque os alunos (as) se submetem ao trote, muitas vezes abusivo, na entrada e permanência na faculdade?” Com esta clareza, estes pesquisadores formularam a pergunta que conduziu suas investigações e as respostas a que chegaram são igualmente claras, revelando muito sobre as práticas trotistas, seus efeitos, dinâmicas sociais, e também sobre a Universidade. Eles ainda escolheram vincular o trote ao *bullying*; coisa que a literatura científica tem tido dificuldade em fazer, mas que é uma necessidade para que se possa bem entender o trote e também o *bullying*. Ao fazer isto, colocam-se na fronteira do conhecimento sobre o assunto. Considero que este é um livro indispensável para quem quer entender o trote, para aqueles que desejam organizar ações que visem aboli-lo e também para todos os que se interessam pela Universidade.

Como garante o inciso II do artigo 5º da Constituição Federal de 1988, “ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei”. Assim, com o apoio da lei que estabelece o estado democrático de direito em que vivemos, ninguém precisa submeter-se ao trote e às suas práticas bárbaras, que machucam física e psiquicamente, que criam grupos cujos poder foge ao controle de seus membros e que perturbam a vida universitária. Este livro deixa isto evidente e aponta para a possibilidade de novas formas de convívio, muito mais solidárias, criativas e inteligentes.

Antônio Ribeiro de Almeida Júnior
28 de outubro de 2012.

Capítulo 1

Narrativa de uma experiência¹

Dicionários da língua portuguesa definem trote como “andadura natural das cavalgadas, entre o passo ordinário e o galope”. Pode significar também “zombaria, realizada por pessoa que, pelo telefone, se faz passar por outra, ou não diz seu nome”. E, mais recentemente, pode indicar prova que nas escolas e universidades, os “veteranos” (estudantes mais antigos) submetem os “calouros” (estudantes recém chegados).

Portanto, trote no sentido mais amplo trata do “caminhar” de um animal e posteriormente foi sendo utilizado também como palavra para expressar “zombarias, provas”. Como podemos associar o “trote” com os princípios da educação superior que tem como um de seus objetivos a garantia da liberdade de expressão e da liberdade de “caminhar” dos indivíduos que participam desta comunidade?

Parece-nos que trote não combina com o caminhar

1 Por Marco Akerman, Silmara Conchão, Roberta Cristina Boaretto, Fernando Luis Affonso Fonseca, Maria Aparecida Pinhal - Faculdade de Medicina do ABC, originalmente publicado na Revista Brasileira de Educação Médica.

livre, garantido pela Constituição Brasileira de 1988, Artigo 5º, inciso XV ². Sob a égide da busca da autonomia de sujeitos que precisam fazer escolhas livres de pressões está embasado o presente artigo.

“Sejam bem vindos à Faculdade!”. Com estas palavras estavam sendo recebidos os pais dos novos estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Ciências Farmacêuticas, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Nutrição e Saúde Ambiental.

Dentre os vários interesses manifestados pelos pais, um deles era sobre o “trote” imposto aos calouros da Medicina. Os pais foram tranquilizados com um leque de informações dadas por professores e estudantes de que havia sim um “ritual de passagem, mas que isto não passava de um conjunto de atividades para que o calouro se integrasse na Faculdade”.

Em uma “roda de conversa” com veteranos da faculdade, havia se apreendido anteriormente que o objetivo maior deste “ritual” seria formar um espírito de corpo entre os estudantes e que este “ritual de passagem” teria entre suas funções “baixar a bola do calouro que entra na faculdade se achando” por ter passado em um curso tão cobiçado. Nesse sentido, estaria a lógica do calouro “baixar a cabeça”, de ser chamado apenas de calouro no início das aulas para depois adquirir um apelido e de “servir” ao veterano trazendo-lhe bebidas em festa, por exemplo.

2 “Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”. Brasil. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003, p. 5.

Infelizmente, fatos ocorridos após esta reunião não puderam validar a tranquilidade que foi passada aos pais pela Diretoria da faculdade, de que seus filhos estariam “sãos e salvos” ao serem recebidos como calouros.

O presente livro narra um conjunto de fatos ocorridos relacionados à recepção dos calouros de um curso de Medicina e indica que mudanças foram adotadas para a recepção dos ingressantes no ano seguinte e os resultados obtidos com estas intervenções.

Caminhos metodológicos

Os autores desta narrativa, mais do que pesquisadores, foram protagonistas de uma sucessão de fatos, que merecem ser trazidos à luz. Esse relato levanta hipóteses sobre como este processo de recepção; mais que um “ritual de passagem”, revela-se um modo de relação arraigado e permanente entre estudantes ao longo do curso de Medicina.

Intimidações, abusos e assimetrias de poder entre estudantes não se restringem ao período de recepção ao calouro, conhecido como “trote”. São atos que persistem ao longo do ano, nos fazendo imaginar que o “bullying” (atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, e adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder) descrito e relatado no ensino fundamental e médio está, também, presente no ensino universitário (AKERMAN et al, 2010).

A técnica da narrativa foi o método utilizado para a elaboração do presente texto, que tem como objetivo mostrar que “a experiência, dimensão existencial do viver,

pode ser abordada e compreendida utilizando relato dos fatos, acontecimentos e afetos. Cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações.” (DUTRA, 2002, p. 371; LIRA et al, 2003)

A seguir, narramos uma sucessão “dos fatos, acontecimentos e afetos”, bem como as providências que foram tomadas para enfrentar o problema.

Narrativa dos acontecimentos

Contexto

No início do ano letivo de 2010, a FMABC, por meio de sua “Ouvidoria” e de sua Comissão de Apoio Permanente aos Estudantes, recebeu uma série de denúncias, anônimas ou não, por telefone ou por email, relatando a existência de atos de violência sofridos por calouros do curso de Medicina.

Esta Comissão de Apoio, de caráter permanente, substituiu a Comissão de Recepção ao Calouro, de caráter provisório, pela compreensão de que muitas das situações vividas pelos calouros na recepção se mantinham de maneira velada ao longo do ano. Nenhuma destas denúncias chegou à esfera policial, pois não foram abertos Boletins de Ocorrência, apesar de mensagem estampada no site da Faculdade sugerindo esta atitude.

No entanto, estudantes citados nestas denúncias foram chamados, individualmente, para averiguação, na presença de professores e estudantes membros da Comissão. Todos os estudantes negaram seu envolvimento em atos de violência. As iniciativas da Comissão e o teor das

denúncias foram relatados em reuniões aos estudantes do 1º ano do curso de Medicina, ao Núcleo Docente Estruturante e à Comissão de Residência Médica que decidiram incluir em seus estatutos punições específicas para os residentes que fossem denunciados por ações abusivas e violentas.

Um novo fato

Apesar de toda esta mobilização por parte da Comissão, o vice-diretor da faculdade recebeu em sua caixa postal, e-mail anônimo, denunciando “introdução de pimenta através do ânus” em calouros:

“Eu sou mãe de um estudante do primeiro ano de Medicina. Queria expressar meu desgosto por algumas coisas que vem acontecendo na faculdade. Eu vim no sábado... e disseram que os nossos filhos iriam ser muito bem recebidos e integrados a faculdade. Pois bem, isso não é o que vem ocorrendo, existe um trote violento sim, os calouros apanham no chamado “educandário” que acontece no campo. Porém além da agressão física existe a introdução de pimenta no ânus dos calouros. Isso é uma boa recepção não acha? Aliás todos serão colegas daqui há alguns anos e o que esperar desses futuros médicos formados por essa faculdade? Todas as quintas-feiras, alguns calouros selecionados pelos veteranos devem comparecer a esse educandário. Lá, veteranos... fazem a festa. Eu espero que o senhor como vice-diretor da faculdade tome alguma providência, e não adianta proibir festas dentro da faculdade ou ainda deixar calouros de um lado e veteranos do outro, o senhor deve tomar medidas mais drásticas, como por exemplo a punição dos agressores e a colocação de câmeras no tal campo, porém sem que eles saibam. Aí você terá provas concretas porque eu já sei de várias denúncias que ocorreram e nada foi feito... Bom,

espero que o senhor tome medidas cabíveis e não com toda faculdade, pois são alguns que praticam esse trote violento, e eu acho que já está na hora de acabar”.

Diante deste fato, realizou-se reunião com todos os estudantes do 1º ano de Medicina, que confirmaram, publicamente, a denúncia de “introdução de pimenta através do ânus” em calouros.

No sentido de obtermos embasamento sólido e por escrito para uma tomada de decisão com precisão e critérios, todos os estudantes do 1º ano do curso de Medicina responderam, sem se identificarem, a um questionário elaborado pela Comissão com seis perguntas:

(1) Você foi vítima de introdução de pimenta no ânus?

(2) Se sim, pode identificar quem realizou o ato?

(3) Você já foi vítima de alguma humilhação por parte de seus colegas de Faculdade?

(4) Se sim, qual? Pode dizer quem realizou o ato?

(5) Você já presenciou algum colega seu sendo humilhado por outro colega?

(6) Se sim qual? Pode identificar quem realizou o ato?

Foram respondidos 106 questionários; 65% dos estudantes informaram terem sido vítimas de algum tipo de humilhação por parte dos veteranos; foi confirmada a denúncia de “introdução de pimenta no ânus”.

Referendadas pela Diretoria e de acordo com o Regimento Interno, foram tomadas medidas disciplinares, de acordo com a intensidade e a frequência das denúncias.

Desdobramentos

A Congregação da faculdade reuniu-se e, por unanimidade - apoiada por abaixo-assinados dos estudantes exigindo providências firmes (72 alunos, dentre 106 estudantes do 1º ano firmaram um abaixo assinado e 150 estudantes dos outros cinco anos) - referendou as medidas tomadas anteriormente e determinou a abertura de processo disciplinar, recomendando que fossem ouvidos todos os estudantes do 1º ano e os suspeitos de agressão por uma Comissão Independente. Foi solicitado que em 20 dias fosse apresentado relatório em reunião extraordinária da Congregação.

A Comissão de Averiguação cumpriu a seguinte metodologia de trabalho: (1) os estudantes do primeiro ano foram subdivididos em grupos de 20 de acordo com ordem de chamada (N=106 estudantes); (2) os estudantes considerados como “envolvidos agressores”, citados nos questionários anteriores, foram convocados por intermédio de carta contendo “Aviso de Recebimento” a comparecerem no dia agendado, às 14 horas, na sala pré-definida (N= 15 estudantes e 1 médico residente); (3) as datas de atendimento aos estudantes do 1º ano foram feitas em seis dias consecutivos, no mesmo horário e local; (5) os encontros possuíam hora marcada somente para início, sendo livre o tempo de permanência do estudante com a Comissão; (6) aos estudantes foi dada a possibilidade de conversarem, com os membros da Comissão, em grupo ou separadamente (6) todos os estudantes assinaram um termo de consentimento e respondiam a um questionário. Entrevistas autorizadas previamente pelos estudantes foram gravadas.

Foram sete dias de atendimento; em média 8 horas de trabalho por dia: 83% dos estudantes do 1º ano deram

seus depoimentos (89 alunos num total de 106); 72% responderam que há “trote abusivo”; 88% dos estudantes acusados como agressores atenderam a convocação da Comissão (14 alunos de um total de 16); 100% dos estudantes acusados negaram qualquer envolvimento com os atos citados e as declarações foram realizadas na presença de advogados; todos os estudantes acusados eram, ou foram, membros da Atlética da Faculdade³, reconhecida por alunos como espaço onde o trote se realiza.

Os seguintes atos de violência foram relatados pelos estudantes do 1º ano como “repertório” do trote:

1. Agressão Física (fechar o indivíduo em caixa contendo gelo)
2. Agressão Física (Socos, pontapés, chave de braço, cuspir)
3. Agressão Moral
4. Agressão Verbal
5. Pressão Psicológica
6. Humilhação
7. Ato da Pimenta (Cartão Vermelho)
8. Mesa Redonda (Falar sobre a Vida sexual)
9. Assédio Moral
10. Coação
11. Educandário feminino
12. Obrigatoriedade em beber (“kosucos”, “tequiralho”)

³ Associação Atlético Acadêmica Nylceo Marques de Castro

13. Pagamento de “funça” (responder chamada para outro estudante, comprar bolo, pagar bebida, fazer trabalho).

Os depoimentos foram analisados e estes atos acima descritos, foram associados com cada estudante acusado como agressor. Foram atribuídos graus de gravidade (1 - “menos grave” a 4 - “mais grave”), de acordo com a quantidade e tipos das agressões sofridas. Dois estudantes tiveram grau 4, quatro estudantes grau 3, dois estudantes grau 2 e seis estudantes grau 1.

Estes resultados foram apresentados na Reunião Extraordinária da Congregação e foi determinada por unanimidade (com abstenção dos estudantes) a expulsão da faculdade dos dois estudantes grau 4, a suspensão de 60 dias para os estudantes grau 3 e para os estudantes grau 2 e 1 foram reiteradas as repreensões e advertências anteriormente emitidas.

Um conjunto de medidas foi proposto:

- fechamento imediato do “campo” onde ocorreram os fatos descritos;
- reformulação no modo como as atividades da Atlética eram desenvolvidas;
- proibição de recados e informações dos veteranos em salas de aula sem acompanhamento ou autorização prévia - os estudantes relataram que este era um momento de pressão psicológica e verbal intensa quando os recados sobre treinos e competições eram repassados;
- fim da proibição, imposta pelos veteranos aos calouros, de frequentarem o restaurante da faculdade - simbolicamente, a Diretoria da Faculdade ofereceu um almoço no restaurante para todos os estudantes do 1º ano.

As medidas foram inicialmente comunicadas aos estudantes punidos e seus familiares que, em muitos casos, tiveram reação explosiva e de total incompreensão de por que aquilo acontecia e as frases típicas eram: “eu só fiz aquilo que fizeram comigo quando aqui cheguei” ou “só queria que os calouros se envolvessem com a faculdade como eu me envolvi”. Posteriormente todas as classes foram visitadas pessoalmente pela Diretoria e pela Comissão de Apoio aos Estudantes, em que foi relatada toda a intervenção empreendida e suas consequências.

Finalmente, os pais de todos os estudantes do 1º ano foram chamados para conhecerem todos os fatos e consequências. Chamou-nos a atenção a fala de uma aluna, reagindo a uma pergunta de um pai, sobre se a Diretoria dava garantias de que nunca mais tais episódios voltariam a se repetir. A aluna emendou “confio que a Diretoria irá fazer tudo ao seu alcance para que isso não se repita, mas eu não tenho essa certeza, porque a cultura ao redor do trote é algo muito velado e eu não sei, se esta cultura foi, ou não abalada.”

Depois de todos estes desdobramentos, seguiu-se uma intensa batalha jurídica entre a faculdade e os estudantes expulsos e suspensos. O órgão jurídico responsável pelo processo aberto, ao final, ordenou em liminares a reintegração dos “expulsos” sob a alegação de que “não tiveram direito ao contraditório e a ampla defesa”. O processo ainda tramita na Justiça e foi aberto inquérito policial pela Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo para apurar os fatos.

Medidas adotadas para o ano seguinte

O desafio era fazer com que os eventos narrados acima não se repetissem novamente. Mas como fazer? Muita discussão e diálogo precederam à formulação do plano de ação. Como pressuposto básico estava a ideia de que a Diretoria da faculdade tinha que liderar este processo e que o “calouro” e “sua recepção” não “pertenciam ao veterano”, mas era de responsabilidade de toda a Comunidade Acadêmica, sob a batuta da Diretoria (ALMEIDA JR e QUEDA, 2006).

Um conjunto de medidas foi adotado. De alguma maneira, neste momento foi enfatizado o “vigiar e punir”, mas sem que esta tática inicial significasse um fim em si mesmo. O propósito básico era a intervenção na cultura do trote que transcendia o âmbito da faculdade e perpassava, muitas vezes, as atitudes e procedimentos profissionais durante a carreira profissional.

Verificamos, ao longo dessa trajetória, que medidas de regulação, controle e punição são insuficientes para acabar com o trote. Um contínuo processo de diálogo, à luz de qualquer evento sobre o tema, com os órgãos colegiados, com as entidades estudantis, de residentes e de ex-alunos tem sido a tônica.

E que medidas de vigilância e controle foram estas?

1. Instalação de 25 câmeras no Campus principal da faculdade, com capacidade de efetuar gravações durante 24 horas em locais estratégicos.

2. Por sugestão de um estudante, que é advogado, foi elaborada uma Cartilha “Movimento Trote Já Era, Cabeça Baixa Nunca Mais” e distribuída no primeiro dia de aula para todos os estudantes. Também, no primeiro dia de aula, o Promotor Público de Santo André fez uma palestra para

todos os estudantes mostrando seus direitos e deveres. Esta Cartilha fazia uma relação entre os atos do trote e como isto se enquadrava no Código Penal. A Cartilha foi inspirada em um documento elaborado pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, em 2010, e trazia a seguinte informação:

“A leitura desse documento trará aos novos calouros o conhecimento necessário para dizerem “NÃO” às práticas absurdas que constituem crime e esclarecerá aos veteranos as atitudes criminosas que, se cometidas, serão passíveis de ações administrativas (como suspensão ou expulsão), civis e criminais, sob pena inclusive de prisão. Importante lembrar que qualquer outra prática criminosa não mencionada nesta cartilha também estará sujeita as mesmas penalidades administrativas e às penas estipuladas no Código Penal. Lembrem-se que a Constituição Federal do Brasil estabelece que ninguém pode alegar a ignorância da Lei”.

Exemplos de como se relacionou “trote e Código Penal” na cartilha:

1. DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE E INTEGRIDADE INDIVIDUAIS

i) obrigar os calouros a ficarem de cabeça baixa (olhando para o chão) sempre que estiverem na presença de um veterano sob ameaça de agressão física;

ii) ditar normas de comportamento como obrigar as meninas a usarem cabelos presos, sem maquiagem ou unhas pintadas, sem brincos e saias;

iii) obrigar os calouros a tirarem seus calçados antes de entrarem na Atlética;

iv) proibir que os calouros frequentem a lanchonete da Faculdade;

v) *obrigar os calouros a tomarem bebidas alcoólicas contra sua vontade.*

As práticas elencadas do item i a v constituem os seguintes crimes:

Crime Constrangimento ilegal - Art. 146 do Código Penal - Pena - detenção, de três meses a um ano.

Perigo para a vida ou saúde de outrem - Art. 132 do Código Penal - Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano.

vi) *trancar os calouros em um local, mandar ficarem de joelhos desferindo-lhes socos e pontapés ou obrigá-los a se agredirem mutuamente;*

vii) *impedir que os calouros se retirem das festas da faculdade ou mesmo saiam da sala de aula enquanto os veteranos estão passando os “recados” da atlética.*

As práticas elencadas nos item vi e vii constituem os seguintes crimes:

Crime de Sequestro e cárcere privado - Art. 148 do Código Penal - Pena - reclusão, de dois a oito anos.

3. Qualquer contato de estudantes e ingressantes em sala de aula deveria ser autorizado previamente pela Coordenação de Curso e constar da grade de Programação semanal, que foi postada no endereço eletrônico da faculdade (<http://www.fmabc.br>) durante o primeiro mês da recepção. Sempre que possível, estes contatos em sala de aula com os ingressantes era acompanhado por um docente ou um inspetor de estudantes.

4. Foram feitas negociações junto à mantenedora da faculdade para incluir no seu orçamento o “apoio a atividades esportivas”, de maneira que recursos contínuos

fossem garantidos à Atlética da Faculdade. Muito da pressão sobre os calouros se devia à necessidade de obter recursos para as competições promovidas pelos estudantes sem o respectivo aporte financeiro garantido a priori.

Para além, do controle e da vigilância, buscamos construir novas formas de sociabilidade para receber os novos alunos.

Realizamos uma Oficina conjunta entre docentes e estudantes, em que estiveram presentes todas as entidades estudantis e projetos de extensão realizados por estudantes para organizar a recepção aos novos ingressantes. A premissa básica era de que na primeira semana os ingressantes deveriam conhecer todas as frentes estudantis da faculdade – Diretório Acadêmico - DA, Atlética, grupo de atividade *clown* dos alunos Sorrir é Viver, Congresso Médico Universitário – COMUABC – realizado pelos alunos da faculdade com caráter científico, IFMS (intercambio estudantil internacional), Feira de Saúde, Departamento de Assistência e Previdência - DAP (extensão do DA), etc. - e não só ter contato com os veteranos e membros da Atlética como em anos anteriores.

Este conjunto de medidas adotadas anuncia, primeiramente, que a Direção de uma faculdade não pode ser omissa com a recepção de seus novos estudantes. Ela tem que deliberadamente operar as atividades desta recepção, em conjunto com os estudantes, sob pena de que ao não executar esta tarefa passe a ideia aos estudantes de “vazio receptivo”, lhes abrindo espaço para sua própria atuação autônoma.

Segundo, há que se explicitar interdições e limites: câmeras, cartilha, contatos com a promotoria criminal, dentre outros.

Terceiro, mobilizar e ativar uma cultura de diversidade e respeito com a abertura de espaço de participação na recepção a todas as “áreas” estudantis. Em tempos passados, o DA se “atreveu” a oferecer uma “pizzada” para os novos estudantes e a atividade foi coibida pelos veteranos pertencentes à Atlética, instando todos os ingressantes a se retirarem do DA, “pedido” prontamente atendido pelos novos estudantes. Aos diretores do DA restaram algumas pizzas e a frustração de não ter podido ser parte da recepção aos novos colegas.

Observações preliminares

O caminho é árduo e os ganhos até o momento são frágeis, mas destacamos alguns avanços:

1. O jornal do Diretório Acadêmico da Faculdade trouxe como matéria de capa a “recepção aos calouros” e destaca o espaço dado a todas as entidades estudantis nesta recepção, valorizando esta diversidade. Mais ainda, problematiza de maneira competente a tensão entre “tradição e inovação”, e conclui que a “hibridação entre tradição e inovação é decerto muito preciosa e permite a evolução de fato”.

2. De acordo! Nos últimos três meses do ano os estudantes seguiram uma TRADIÇÃO consagrada da faculdade, treinaram muito para a CALOMED e foram os campeões! Dois torpedos recebidos logo após esta vitória, e que foram enviados por dois estudantes da Faculdade, talvez indique alguma INOVAÇÃO: (1) “professor, GANHAMOS A CALOMED!!! Acho que agora acredita-se que não precisa bater em ninguém para treinar...” e (2) “Boa noite professor. Acabo de ser informado que os calouros se sagraram campeões da CALOMED. Nada melhor para reforçar que

não é pela força que as coisas acontecem. Estou muito feliz por mais esta conquista da ‘nova’ Faculdade que estamos construindo!”

3. Mais ainda, em comparação com anos anteriores, a lista da Medicina “girou menos”, isto é, menor número de estudantes trocou a FMABC por outra faculdade em que também havia sido aprovado no vestibular.

4. No primeiro ano da intervenção não tivemos nenhuma denúncia por parte de estudantes ou pais de violências ou abusos sofridos pelos estudantes ingressantes. E este indicador de “denúncia zero” continuará sendo nossa meta para o futuro vindouro e um termômetro da ação. Entretanto, qualquer denúncia será trabalhada de maneira firme e coletiva entendendo que o tempo de ação contínua é de no mínimo seis anos, quando a turma que foi recebida de maneira distinta pela comunidade acadêmica, receberá o ‘seu calouro’. Só aí, talvez, é que saberemos se houve impacto positivo na cultura do trote.

5. Constituição de um grupo de pesquisa sobre o trote universitário constituído por discentes e docentes e intercâmbio com outras universidades, com a realização de visitas e seminários conjuntos.

Capítulo 2

Como nos aproximamos para juntos “bulir” com o tema?

Como vimos em 2010, a Diretoria da FMABC recentemente eleita, se organizou através de várias iniciativas para coibir e prevenir as perpetradas, abusivas e tradicionais formas de receber os calouros, marcando uma história de mudança nesta instituição. Isso ocorreu com a chegada de denúncias anônimas via internet. Revelou-se, depois de um difícil processo de investigação interna, que envolveu professores (as) e alunos (as), uma séria realidade, com disfarce de brincadeira, e com isso, a necessidade emergente de efetivar ações que provocassem mudanças definitivas.

Com esta movimentação na FMABC em relação ao trote, um grupo de alunos (as) daquele 1º ano, sete jovens, sendo uma moça e seis rapazes, que não se submeteram e não concordavam com as “brincadeiras”, indignados (a), procuraram-nos no início do ano, dizendo que era preciso fazer o trote diferente no próximo ano: *“professora, precisamos fazer um plano estratégico e mudar a recepção dos novos alunos.”*

Do sentimento de indignação e das indagações

coletivas aconteceu nosso encontro, e assim juntos, começamos acreditar que a mudança era possível, éramos um grupo formado por professores e alunos. No caminhar das nossas reuniões foi chegando mais gente, outra aluna do 1º ano e mais seis do 2º, juntaram-se à nós: *“puxa, ainda bem que encontrei vocês, estava me sentindo só... e quase desisti da faculdade.”*

Nossa pretensão inicial era buscar uma forma de organizar um tratamento melhor para os novos alunos (as) da FMABC no próximo ano, mas também entender o que acontecia com aqueles que se submetiam às situações abusivas e humilhantes na relação com os veteranos: *“porque se submetem?”*.

E assim, surgiu a ideia da pesquisa *“Bulindo com a Universidade: um estudo sobre o trote na medicina”*. O que começou com um acolhimento, uma escuta, um desabafo desses alunos (as) em nossa Disciplina de Saúde Coletiva, se transformou num grupo de iniciação científica onde nos encontramos frequentemente naquele ano.

A entrada no ensino superior significa um momento importante de transição na vida destes (as) jovens. Numa fase onde estão entrando majoritariamente na maioridade, a juventude nesse período, se encontra mais do que antes, num momento de desligamento da família. Com mais autonomia, buscam incluir-se nesse novo universo construindo e conquistando formas de serem aceitos e de se relacionarem com seus pares. Logo de início, essa poderia ser uma das nossas hipóteses: se submetem para serem aceitos no grupo, mas refletimos que poderia não ser somente isso, então foi necessário aprofundar a nossa investigação.

Levantamos referências teóricas existentes, convidamos outros professores (as), fizemos observação de

campo, organizamos diversas narrativas, assistimos filmes, fizemos contatos com outras faculdades, nos dividimos nas responsabilidades, levantamos depoimentos de situações vividas, fomos entrando nessa dinâmica de pesquisa em grupo. Debates, estudamos, refletimos e percebemos que “aquelas” situações de dominação e opressão se repetiam mesmo quando os estudantes deixavam de ser iniciantes na área, nos remetendo a questão de que a cultura do trote tem se perpetuado nas relações entre alunos (as) e se transformando em bullying. Portanto, pudemos afirmar que existe bullying no ensino superior e poucos estudos nessa área.

Em julho de 2010, representando a FMABC, organizamos e participamos de uma mesa “*Existe bullying nas universidades?*”, em Porto Alegre, no 9º Congresso da Rede Unida: Saúde é construção de vida no cotidiano: educação, trabalho e cidadania, o que nos possibilitou avançar nos conceitos.

A palavra bullying, de origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores (SILVA, 2010).

Ao analisar as situações assimétricas na relação de “calouros” com “veteranos” que se repetiam ao longo do ano, nos remetemos à outras hipóteses: o trote é um importante instrumento de sustentação do bullying no ensino superior, e mobiliza diferentemente rapazes e moças, tanto na aplicação como na submissão à esta prática. Atitudes estas, que desencadeiam relações agressivas, assédio moral, dominação e coação realizadas de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.

Se o trote tem sido um instrumento significativo para perpetrar o bullying na faculdade, onde há a clara distinção entre “o mais forte” e “o mais fraco”, foi preciso redimensionar, no interior da instituição de ensino, estas práticas que sustentadas socialmente provocam silêncio, abuso de poder, solidão e medo nas relações entre alunos (as), e mobilizam diferentemente rapazes e moças.

Sendo assim, as questões de gênero, ao longo das apresentações das narrativas, marcava as diferenças entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino nas suas diversas formas de perpetrar e se submeter ao trote. Segundo Scott (1995, p.12), gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais, a organização social da diferença sexual. O saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo.

Desse modo, Scott desestabiliza o determinismo biológico e em sua clássica definição de gênero, considera a existência e a necessidade de uma conexão integral entre duas proposições básicas: gênero seria, tanto “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, quanto “uma forma de dar significado às relações de poder.”⁴

Já o conceito de juventude tem limites pouco definidos considerando-a como resultado de fatores sociais e individuais, podemos dizer que o início define-se biologicamente através do processo de maturação sexual, e a definição da “finalização” é sociológica, ou seja, é resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito e a aquisição de papéis sociais (DEVAL, 1998).

⁴ Scott, 1995, p. 86. In Conchão, 2011.

Diante do exposto, constata-se a existência de “juventudes”, com diferenças econômicas, sociais e culturais, e não apenas um grupo etário homogêneo com as mesmas características e demandas e avançamos ainda mais na análise, quando levamos em conta o saber sobre as diferenças sexuais, em nosso caso, nas distintas manifestações do trote. (CONCHÃO, 2011)

De acordo com Abramo (1997), podemos supor que a juventude seja um barômetro das mudanças sociais, pois a reconhecemos como uma geração responsável pela transmissão de valores ou pela ruptura de determinados padrões. Desse modo, ela pode ser tomada como responsável pela transgressão de mecanismos que presidem a integração social. Mais que isso, ela é usualmente analisada a partir da ótica de “problema social” quando se afasta das expectativas sociais nela depositadas.

Grupo de alunos(as) “veteranos” tradicionalmente se afastava das expectativas da faculdade quando praticavam o trote violento. O que acontecia de forma velada era de fato, um problema social, e necessitava de medidas urgentes. Mas era o caso de somente coibir, punir, individualizando a problemática? Ou assumir a responsabilidade de uma instituição de ensino, em compreender, fazer compreender, e assim, transformar estruturalmente essa realidade?

Muitas vezes é veiculado o discurso de que os (as) jovens são irresponsáveis, imediatistas e individualistas. Outras vezes, afirma-se de modo genérico que as pessoas dessa faixa etária estão às voltas com um turbilhão hormonal que as torna mais impulsivas, e rebeldes. Todos esses discursos têm em comum o fato de individualizarem os problemas, isto é, atribuírem-nos a características e comportamentos individuais, e mais grave do que isso, produzirem rótulos danosos.⁵

5 Pesquisa “**Juventude: cultura e cidadania**”. Fundação Perseu Abramo.

E assim, nossa pesquisa foi tomando, ao longo destas reflexões, um sentido cada vez maior nesse processo de mudança da cultura do trote violento na FMABC: entender esse fenômeno resultante de um processo histórico de socialização hierárquica e predatória.

Esse estudo buscou uma releitura sobre as relações hierárquicas dentro de uma instituição de ensino superior que envolve o público jovem. Desvelou mais uma forma de perpetrar a lógica da dominação, onde o sujeito que vivencia a experiência apreende e depois a reproduz, convencido de que essa prática é integrativa, mas que na realidade são intenções que fundamentam e legitimam a manutenção de relações pautadas por valores e atitudes que legitimam o poder e as desigualdades sociais.

Nossa pesquisa apresenta um material que proporciona várias oportunidades de reflexão, relativizando a visão de senso comum relacionada à esta “*ação integradora*” do trote para a recepção dos novos alunos (as). Visão esta que coloca no campo individual, questões que há muito tempo levantam preocupações. Verificou-se os principais fatores sócio-culturais que determinam as atitudes e valores e permeiam a vida destes jovens intra e extramuros da escola.

Capítulo 3

Alguém já “buliu” com este tema antes?

Como vimos, nos encontros frequentes com alunos e alunas da Medicina, organizamos nosso grupo de estudos e conseqüentemente, dois projetos de pesquisas que foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade.

Uma destas pesquisas buscou desvelar por que os jovens se submetem a estes atos abusivos e a outra, que apresentaremos agora, organizou uma revisão bibliográfica para aprofundar o conhecimento sobre as origens do fenômeno “trote”, que extrapolam o meio universitário e procurou responder a questão: *quais as origens - as raízes - do fenômeno trote universitário?*

Portanto, a partir da pesquisa intitulada “Raízes do trote universitário - um olhar para o passado” foi realizado um levantamento bibliográfico, que trataremos a partir deste ponto, nas principais bases de dados indexadas, a saber *scielo*, *bvs*, além de livros e teses disponíveis nas bases de dados universitárias, para então sistematizar os conhecimentos acumulados sobre este fenômeno.

As primeiras palavras-chave usadas foram “trote”

e “trote universitário”. Foi encontrada apenas uma referência no *scielo* e nove referências nas bases de dados universitárias, o que provocou surpresa, uma vez que o assunto trote é tratado constantemente pela mídia. Para ampliar a busca, usamos as palavras “bullying”, “assédio” e “violência escolar”, o que nos trouxe algumas outras referências e estudos associados, especialmente, ao ensino pré-universitário.

Apesar do tema estar presente nas discussões cotidianas por meio da mídia, pareceu-nos que, num primeiro momento, não havia o mesmo interesse em se tratar sobre o assunto dentro do próprio meio em que é afetado, ou seja, dentro do próprio âmbito universitário o trote não pareceu ter adquirido visibilidade suficiente para tornar-se uma categoria importante para estudos acadêmicos, o que confirmamos posteriormente em Almeida Junior (2011).

Uma importante fonte de referências encontrada foi o endereço eletrônico que trata do problema do trote e oferece artigos e bibliografia para o grande público por meio da internet: www.antitrote.org.

Um primeiro artigo de referência que nos permitiu compreender as raízes e a própria manutenção do trote foi o escrito por Suely Ongaro (1991), que questiona se o fenômeno é uma proposta de integração ou um problema psicopatológico de quem aplica. A autora estabelece duas formas de olhar para o trote: a primeira vê o fenômeno como um mecanismo psicológico em que os indivíduos, saídos da adolescência e prestes a entrar na fase adulta, estão em busca de uma identidade, gerando comportamentos sádicos ou masoquistas:

“De frustradas e dominadas, elas passam a frustradoras e dominadoras e temos então os meninos

batendo no cavalo e as meninas batendo nas bonecas” (ONGARO, 1991, s/p).

A segunda forma de entender o trote parte do pressuposto de que este seria um rito de passagem, a exemplo dos que ocorrem nas sociedades tradicionais, como indígenas ou aborígenes.

Nessa linha, o artigo de Zuin (2002) mostra o trote como

“um rito de passagem cujas violências física e psíquica são justificadas como uma tradição que deve ser perpetuada durante o processo de integração entre os calouros e os veteranos das universidades” (p. 245).

A partir da análise do trote realizado no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, o autor conclui que este ritual mostra uma identificação masoquista por parte das veteranas que, ao aplicar o trote, conseguem gozar a dor que tiveram que reprimir no ano em que entraram na faculdade. As calouras, por sua vez, conteriam a revolta pelo trote considerando que “faz parte do jogo”, de uma tradição - motivo de *orgulho* e, na interpretação de Almeida Júnior (2011), motivo da persistência da prática do trote tal como é.

Voltando a Zuin (2002), uma aula-trote, por exemplo, ministrada de forma autoritária por uma aluna veterana acaba sendo a exteriorização de raiva e ressentimento recalcados, num processo sadomasoquista, como se fosse uma prévia do que as alunas sofrerão nas relações cotidianas com alguns professores que integram um método de educação para a disciplina por meio da rigidez e severidade.

No entanto, nos alerta Ongaro (1999) que o trote não é um rito de passagem, o que acabou modificando as

concepções iniciais dos pesquisadores sobre o trote.

Mas o que diferenciaria o evento do trote de um rito de passagem? Ongaro (1991) nos mostra que, numa sociedade tradicional, o corpo dos iniciados é usado pelo rito de passagem para deixar suas marcas, é cruel e deve ser suportado com silêncio, como se um segredo fosse confiado ao iniciado e o tornasse igual aos outros membros do grupo. Isto significa que o rito de passagem “é uma proibição à **desigualdade**” (grifo nosso). No entanto, não podemos assemelhar nossa estrutura social, marcada pela desigualdade, a este rito, são contextos, bases e pressupostos totalmente distintos.

Uma série de artigos também foi encontrada na seção de Debates da Revista Interface de 1999 (nº 5), número dedicado à questão da violência e, nesta seção, especificamente ao trote universitário. Em nota, os editores colocam que,

“por sugestão de um estudante universitário, o “trote aos calouros na universidade” ganha destaque pela atualidade e abre novos espaços de interlocução: professores e estudantes trazem suas ideias, problematizam experiências, constroem reflexões sobre o tema.” (p. 9)

Isso mostra a visibilidade que o tema começa a ter, em especial após o acidente ocorrido na Faculdade de Medicina da USP em fevereiro de 1999, em que um estudante do primeiro ano do curso foi encontrado morto na piscina.

Warth e Lisboa (1999), à época docente e acadêmico da Faculdade de Medicina da USP, por exemplo, iniciam o artigo com definições sobre o que é trote, o que é tradição e o que significa violência, já desde início dando mostras de onde a escrita vai chegar. Segue-se a isso um relato pungente

sobre a mistura de atos de intimidação e confraternização, permeados por “brincadeiras” e bebidas alcoólicas. Além desta tragédia ter dado início a uma série de debates sobre o trote dentro da universidade, permitiu a professores e alunos levantar hipóteses para a ocorrência do trote, tais como competição entre estudantes pré-universitários, falta de tempo para os alunos do curso de Medicina se dedicarem a sua juventude, domínio docente e submissão do aluno, autoritarismo e necessidade de repetição das práticas por aqueles que se submeteram ao trote. Importante ressaltar que os autores, além de enfatizarem a necessidade de mais debate sobre o assunto, indicam a necessidade de revisão dos modelos pedagógicos e ampliação dos espaços de trocas entre alunos e professores.

Em outro artigo, Segre (1999), partindo de uma postura mais contundente, trata o trote como ato de violência, sendo consentido ou não, é uma violação da **autonomia** dos sujeitos que entram na universidade, a discussão da violência a que todos estamos submetidos passa pela retomada do humanismo, que certamente não está presente no trote e na violência. Na mesma linha, Giarola (1999) entende que trote “solidário” não é trote, pois uma de suas características é a subjugação do outro. Esclarece que atitudes solidárias são sempre bem vistas, mas que não é possível garantir que a comunidade acadêmica seja totalmente solidária e cidadã e, assim, seria necessário estabelecer uma legislação explícita sobre sua proibição, pois não há meio termo, pois o que é considerado brincadeira ou abusivo varia de pessoa para pessoa.

Martins (1999) e Novelli (1999) por sua vez, analisam respectivamente o reflexo do trote no contexto das relações sociais em geral, questionando se essa prática não seria um conjunto de ações que acabam fortalecendo a corporação médica, uma prova que o iniciante do curso de Medicina

deveria sofrer para que ele passe a ocupar um espaço privilegiado, além de garantir um status do profissional médico. Também trata da banalização da violência existente em nossa sociedade, naturalizando e legitimando formas violentas de atos como se fossem brincadeiras.

Para os quatro últimos autores citados, trote e violência possuem uma relação histórica, o que nos permitiu inferir que não há possibilidade de haver trote sem que ele fosse violento, concordando que se trata de uma falácia nomear um trote de solidário. Uma prática inversa ao trote seria, como afirma Coltro (1999), promover a inserção politizada dos novos alunos, para que eles compreendam o papel das universidades e se formem como profissionais mais críticos, integrando um projeto político pedagógico mais amplo.

Ribeiro (1999) faz uma análise com caráter mais filosófico em que, para analisarmos o trote, precisamos verificar aspectos mais profundos como a dificuldade em lidar com o sofrimento alheio, com a doença e com os limites humanos. Segundo o autor, nossa sensibilidade “oficial” seria a de solidariedade para com os desvalidos, mas implicitamente estaria o prazer com a dor alheia. A situação do trote é ambígua nesse sentido, ou seja, aplica-se a dor ao novato sem nenhuma razão justificável mas, como isto é injustificável, inadmissível, fica estabelecida uma data específica para se infringir a dor de forma permitida ao outro. A prática teria, portanto, um sentido social que é o de um

“sadismo eventual, mas bem datado, previsto no calendário, promovido de público e com um certo tom de brincadeira, constitui assim um ritual de descarga coletiva, de esconjuramento do horror que todos presenciam.” (p. 157)

No caminho de uma humanização estariam as tarefas de romper a distância entre a consciência ética e

uma reação afetiva que se deleita com a dor alheia e de compreender o trote como sintoma de um processo de desumanização como procedimento sistemático para lidar com o sofrimento alheio.

Apontando diretamente no cerne da questão, num editorial da Revista Brasileira de Educação Médica, Palácios e Rego (2006) mostram a necessidade de se estabelecer uma relação entre a violência que ocorre nas escolas médicas e a prática profissional. Citam um estudo multicêntrico realizado pela Organização Internacional do Trabalho - OIT que tinha como objetivo quantificar e qualificar a violência nos ambientes de trabalho no setor saúde, evidenciando a violência moral, denominada assédio moral, perpetrada entre colegas, chefes e subordinados. Esta forma de violência acaba sendo repetida e tolerada sem maiores discussões.

Os autores acabam comparando o assédio moral ao bullying e à violência no trote. O espaço de formação profissional, no caso, as escolas médicas, acaba sendo alvo dessas práticas e, apesar dos esforços de algumas universidades para combater o trote violento e da criação de serviços de apoio psicológico e educacional aos estudantes, são insuficientes para a magnitude do problema. Chegam a apontar a ausência de discussões sobre o tema nos congressos da área de educação médica e da própria revista. Para compreender melhor o que acontece, é necessário ampliar a discussão para o espaço extra escolar, ou seja, para o espaço de trabalho, uma vez que estão integrados e reproduzem a relação entre professor e aluno por meio de preceptorias, internatos e residência:

“as formas de bullying compreenderam desde discriminação racial e sexual a humilhações na frente de pacientes, não excluindo as que ocorreram em salas de cirurgia.” (PALÁCIOS e

Desta forma, o bullying não é um problema apenas de competição entre alunos, é um problema que deve ser enfrentado e discutido claramente para romper a espiral de violência que se reproduz entre gerações; para isso, é necessário o envolvimento dos diretores das faculdades, dos diretores de instituições de saúde, diretórios acadêmicos, associações atléticas, de docentes, sindicatos e outros para ter alguma repercussão.

Ao analisar o trote aplicado na Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCamp - Marin et al (2008) confirmam a diferença de gênero na aplicação do trote. Para os autores, as justificativas comuns para o trote - tradição, brincadeira e integração - são falsas, respectivamente por falta de conceituação, ausência de concordância entre os participantes com as regras do jogo e por uma integração que não ocorre. Os autores fizeram uma pesquisa para conhecer do trote da Medicina da PUCCamp e sua intensidade na tentativa de mudar os comportamentos que cercavam o trote.

Os resultados apresentados mostraram que, de um total de 208 alunos entrevistados, a maioria (74,5%) sofre mais trote de homens; quando separados por gênero, 95,7% dos homens e 64,7% das mulheres referiram ter sofrido mais trote de homens; ao considerar o pior trote recebido de acordo com o gênero, 63,2% (93/147) dos alunos disseram que estes foram aplicados por homens. Comparando-se homens e mulheres, 93,5% dos homens tiveram seu pior trote aplicado por um homem e 50,5% das mulheres tiveram seu pior trote aplicado por uma mulher.

Dos homens que participaram da pesquisa, 63% sofreram algum constrangimento durante o trote e 80,6% das mulheres participantes afirmaram ter passado por

constrangimentos. Ao analisar os alunos que sofreram constrangimento (num total de 75,2%), a maioria dos homens sofreu constrangimento psicológico (78,9%), seguido de constrangimento físico (13,2%) e sexual (5,3%). A maioria das mulheres (86,7%) também afirmou ter sofrido constrangimento psicológico, seguido de constrangimento físico (7,8%), racial (1,25%) e sexual (5%). A conclusão do estudo é de que o trote *pode ser considerado uma forma de violência* para ambos os gêneros: 74,5% dos homens e 91,3% das mulheres responderam afirmativamente a esta questão.

Os autores concluem que há um “limiar de violência” (p. 478) entre os jovens que vem aumentando, trote e violência andam tradicionalmente juntos e, assim, invadir o espaço um do outro, humilhar, segundo os jovens, não são considerados atos violentos.

Uma explicação para a forma diferente de trote entre homens e mulheres podem ser explicadas pelas características dos valores de gênero (Marin et al, 2008). Na mulher estariam valores como ênfase no relacionamento interpessoal, atenção e cuidado um com o outro, proteção à vida, valorização da intimidade e do afetivo, enquanto que para os homens requer a supressão de muitas necessidades, sentimentos e formas de expressão. Homens consideram a recepção na faculdade como uma ação integrativa e uma forma de brincadeira, mais do que as mulheres.

“Tal fato pode se dever à forma de controle social exercida entre os homens desde os primeiros passos de sua educação, que os obriga a serem viris, a se mostrarem superiores, fortes, competitivos, ou serão tratados como fracos ou como mulheres. Os homens, em sua maioria, consideram o trote de leve a moderado, ao passo que as mulheres

o consideram mais pesado.” (p. 478)

O constrangimento sofrido por homens e mulheres no trote é, para ambos, de caráter psicológico e as mulheres sofrem mais constrangimento do que os homens, o que favorece a lógica da hierarquia de gênero que, na escola teria um tipo comum de violência nas relações pautadas por hierarquias, exercida por constrangimento, pelo uso de símbolos do poder, sem o recurso da força física, corporificando-se naqueles tipos de violências não percebidas como tais. Desta forma, o poder é entendido como respeitabilidade, autoridade, invulnerabilidade e força.

Apesar de uma pequena parcela de mulheres aplicar trote em homens, os autores averiguaram que o trote é mais aplicado por homens. Mas os piores trotes em homens são aplicados por homens, o que não ocorre em mulheres, havendo um equilíbrio da proporção de homens e mulheres que aplicam os piores trotes a elas. A violência é mais frequentemente praticada por e contra homens, preferencialmente homens jovens, que pode estar relacionada à maneira como os homens são socializados. Podemos dizer que o masculino exerce uma dominância simbólica sobre o feminino, que é criada na lógica do discurso da naturalização do social e é essa dominância simbólica que divide o mundo em masculino e feminino.

Uma importante contribuição para a revisão bibliográfica foi a obra de Almeida Júnior (2011) que, além de possuir vários anos de estudo sobre o tema, apresenta autores nacionais e internacionais que enfocam este assunto, fonte onde o grupo de pesquisadores pôde beber, além de interagir com o próprio autor, convidando-o a uma visita à Faculdade de Medicina do ABC - FMABC e posteriormente fazendo uma visita à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ/USP.

Apresentamos a partir deste ponto os principais tópicos discutidos pelo autor, sem a pretensão de substituir sua leitura - muito pelo contrário, consideramos esta publicação imprescindível a quem quer compreender mais sobre o fenômeno do trote - mas principalmente com o intuito de agregar a nossa discussão aspectos que não foram encontrados em outras obras.

Sob o título de “Anatomia do trote”, Almeida Júnior (2011) mostra que este é um assunto complexo algumas hipóteses elaboradas são apressadas, sem embasamento científico ou responsabilidade educacional, uma vez que interfere diretamente na vida dos acadêmicos:

“(...) considero o trote uma espécie de microcosmo social, uma síntese das relações sociais (...) assenta-se em valores, sentimentos e comportamentos que se encontram disseminados em nossa sociedade, sendo sustentado principalmente por um determinado tipo de imaginação sobre as relações sociais, sobre o que é válido ou não na interação entre as pessoas. Por isso, sua persistência demonstra o fracasso de nosso sistema educacional, que possibilita alguma formação técnica, mas deixa muito a desejar no campo cultural e moral. Em todos os seus níveis, nossa educação não desbarbariza, antes faz o contrário.” (p. 22)

Fundamentados nas referências bibliográficas, assumimos aqui que o trote é uma forma de violência mas, neste caso, precisa ser autorizada, estimulada e dissimulada, para continuar a existir (ALMEIDA JÚNIOR, 2011).

Dentre as explicações para a existência do trote, vimos que alguns autores adotam a perspectiva de rito de passagem e outros que o consideram um fenômeno psíquico-social. Para Almeida Júnior (2011), há três matrizes

principais de explicação para o trote: este como rito de passagem, como relação de poder entre alunos e como relação sadomasoquista. Esclarece que as explicações não se restringem a essas três matrizes, mas ainda assim são incompletas e necessitam maior problematização.

Compreender o trote a partir de um rito de passagem parte de uma fundamentação teórica da Antropologia o que, apesar de permitir explicações importantes, são insuficientes, uma vez que vivemos numa sociedade industrial, dividida por classes sociais. Se o que se quer com o trote é a distinção social, constitui-se numa ação que resulta na formação de um pequeno grupo e de uma grande quantidade de excluídos, ou seja, o trote, ao contrário dos ritos de passagem, funda-se na exclusão. A violência existente nos ritos de passagem serve para incluir quem o sofre em outro patamar. No entanto, a violência presente no trote é resultado e uma reprodução da construção social em que vivemos, sociedade de classes com construções ideológicas que intentam alienar os sujeitos e mantê-los naturalizadamente e reificadamente em sua posição social. Podemos compreender, portanto, que o trote em si também é uma construção que faz parte dessa estrutura social segregadora e individualista. Se o trote fosse considerado um rito de passagem, seria para uma fase da vida que é fundada na competição, submissão a hierarquias irracionais, opressão, assédio moral e outros.

A segunda matriz explicativa para o trote é a das relações de poder, fundamentada na Ciência Política (ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Essas explicações acabam por servir tanto para questionar o trote, como para legitimá-lo. Há uma naturalização da violência como instrumento político que procura manter os sujeitos em suas posições sociais, sem questionamentos. Violência e relações de poder seriam, portanto, compreendidos como culturalmente

inevitáveis, como necessárias, o que daria margem à continuidade do trote.

A terceira matriz explicativa é a do sadismo e masoquismo, fundamentado na Psicologia (ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Apesar de permitirem considerações bastante ricas, esta explicação não seria suficiente para explicar comportamentos agressivos ou a atuação das instituições de ensino superior, uma vez que transforma o problema em algo individual. Nas palavras do autor:

“De minha Perspectiva, nas instituições trotistas esses indivíduos encontram um ambiente cultural que lhes permite expressar seu sadismo ou seu masoquismo, com uma liberdade que não teriam em outros contextos sociais. Portanto, não se trata apenas de questionar os comportamentos individuais, mas de questionar a criação desse contexto social onde o sadismo e o masoquismo podem expressar-se com tamanha desenvoltura. Principalmente, cabe questionar a ação da instituição de ensino diante desses problemas, dessas personalidades e desse ambiente cultural.” (p. 108)

Ora, se o trote fosse causado exclusivamente por impulsos sadomasoquistas, a exemplo de outros eventos como guerras e torturas, ele deveria ser fonte de preocupação e de extinção pelas instituições onde ocorrem, o que não vemos na prática, vemos tradicionalmente um pacto entre instituição e atores.

O discurso, a prática e o potencial de mudança

Como pudemos observar pelas leituras feitas a partir da revisão bibliográfica, a discussão sobre o trote é recente e complexa. A tentativa de resgatar as origens do trote por

meio de outros autores tem como objetivo modificar uma situação vivenciada pelo corpo acadêmico da FMABC.

O estímulo ao debate sobre o assunto, dar visibilidade à questão e a não omissão nos parecem ações fundamentais, ainda que difíceis e trabalhosas. Uma proposta segundo Almeida Júnior (2011) é a de levar em conta aspectos como os interesses da universidade, interesses corporativos que levam a questionar por que o trote é realizado especialmente em cursos mais concorridos e que refletem nossa hierarquia social, tais como Medicina, Engenharia e a própria Agronomia – e outros.

Ainda em direção a propostas, cabe ressaltar o artigo de Gonçalves e Sposito (2002), que descreveu iniciativas ocorridas nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, sugerindo o nascimento das políticas públicas voltadas para a superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares. Para isso, devemos considerar que a violência em meio escolar no Brasil decorre tanto da situação de violência social, como pode expressar ações que nascem no ambiente pedagógico e se perpetuam nos ambientes de trabalho.

Uma primeira iniciativa de induzir políticas de redução da violência escolar no governo federal não partiu do Ministério da Educação, mas do Ministério da Justiça, o que se explica pelo fato de que houve um aumento dos índices de violência envolvendo jovens com o crime organizado e homicídios, como vítimas e como protagonistas (GONÇALVES e SPOSITO, 2002). Esses acontecimentos também foram reforçados pela imprensa, que, na década de 1990 enfatizou o envolvimento sistemático de jovens em práticas criminosas, como o ocorrido em 1997, com o índio pataxó Galdino, queimado e assassinado por cinco jovens pertencentes a camadas médias da cidade de Brasília.

Assim, o Ministério da Justiça volta sua atenção de forma mais sistemática para o tema da violência entre os jovens, sem excluir a questão escolar. Estando à frente na redução da violência escolar, esse ministério condicionou uma série de iniciativas que foram desdobradas em nível estadual e municipal. Criou, em junho de 1999, uma comissão de especialistas encarregada de elaborar diretrizes para enfrentar a violência nas escolas, contando com a parceria de alguns institutos de pesquisa e algumas organizações não governamentais.

Na educação havia um consenso, tanto no debate acadêmico quanto no político, que o ponto central da questão residia na necessidade de democratizar a escola, promovendo maior acesso dos setores populares à educação formal e melhoria da qualidade de ensino, além de eliminar processos de exclusão como evasão e repetência. Ou seja, isto se traduziu em democratização da gestão interna das instituições escolares.

No município de São Paulo, por exemplo, a partir de uma gestão municipal de caráter democrático-popular, foram criadas outras modalidades de interação da escola com seus usuários por meio de novos canais institucionais - abertura nos fins de semana - e pelo aumento dos espaços de *participação*, constituindo-se assim em chave simbólica importante para operar como prática capaz de neutralizar a violência. Observou-se que:

“(...) os episódios de violência tenderam a diminuir, sobretudo quando a experiência bem sucedida da atividade no fim de semana traduzia uma continuidade das práticas e projetos educativos que tentavam alterar a cultura e criar um clima favorável no interior da unidade escolar.” (p. 112)

Um dos primeiros passos conduzidos pela diretoria assumida em 2010 na FMABC foi estreitar os canais de comunicação com os alunos e a garantia de não omissão diante de atos de violência. Apesar de sabermos que uma nova prática e cultura sem violência não pode ser verificada em pouco tempo, observamos atualmente pequenas mudanças no cotidiano da escola, que apontam principalmente para uma possibilidade até então não cogitada: a inclusão concreta e sem violência do aluno recém-chegado.

Capítulo 4

Como tudo isso “buliu” com os estudantes? Narrativas dos estudantes em foco

De acordo com Benjamin (1994) a arte de contar uma história é um acontecimento infinito, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (p.37). Podemos entender que a narrativa não é estática, um fim em si mesma, uma lembrança acabada de uma história vivida, ela se reconstrói na medida em que é relatada. Narrar alguma coisa consiste na “faculdade de intercambiar experiências”, configurando-se naquilo que Eco (1993) chama de obra aberta, ideia também referendada por Benjamin (1994), no seu trabalho “O Narrador”.

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-

nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas ideias fenomenológicas e existenciais.

Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa (DUTRA, 2002).

Como mais uma contribuição aos nossos estudos, a seguir, nossos alunos e alunas narram situações vividas, uma sucessão de fatos, acontecimentos, com muita subjetividade, mistura de sentimentos e afetos que nos ajudará a entrar na cena e a conhecer com mais intimidade o contexto velado dos abusos. Ao narrar esses acontecimentos, alunos (as) da FMABC demonstraram compromisso, esperança, sonho de mudança, mas acima de tudo, muita coragem em quebrar esse silêncio sustentado pelo medo.

A seguir, estas narrativas falam por si mesmas (ou pelos alunos...)

“Todo mundo sabia da fama desses residentes”

A intermed aconteceu na cidade da Santa Rita do Passa Quatro, como de costume. Eu, porém, fui com uma amiga de sala direto para Ribeirão Preto, onde ocorreria a competição de atletismo (pela falta de pista na cidade onde acorriam os jogos) e onde, portanto, os atletas se concentrariam para a competição que teria início no dia

seguinte, logo pela manhã.

Era cedo da tarde de sábado. Alguns calouros haviam já chegado na quinta anterior - principalmente os escalados para comporem a atlética do ano seguinte. Porém, eram também nesses primeiros dias que haviam chegado os residentes como um todo, incluindo os famosos e mais temidos deles. Apesar de estes serem poucos, eram de um imenso destaque para nós, calouros.

Desse modo, os primeiros dias da intermed seriam os piores, visto que esses residentes, tendo chegado mais cedo, também iriam embora adiantadamente se comparados aos demais veteranos: já não estariam por lá no começo da outra semana.

Todo mundo sabia da fama desses residentes (e até da intermed como um todo, pois, diferente da calomed, lá iriam todos os nossos superiores), fazendo com que os calouros já chegassem por lá totalmente temerosos do que os tivesse os esperando.

No alojamento do atletismo, no entanto, o clima não estava tenso como em Santa Rita. Ainda assim, logo ao chegar lá, deparei-me com um de meus amigos cabisbaixo a chorar. Assustada, fui socorrê-lo e perguntei se haviam feito algo. Ele disse que estava atormentado. Cheio de medo nos olhos, e, quase que não querendo falar de tanta decepção e desalento, comentou que antes de chegar lá ele havia apanhado dos tais residentes em Santa Rita. Mas o pior, ele dizia, era que os amigos dele, que não faziam atletismo, continuaram lá, apanhando e ouvindo desaforos. A preocupação maior era sempre com os meninos, que eram os de fato mais sacrificados.

Era evidente que, apesar de ele estar momentaneamente aliviado por se refugiar naquele

alojamento, ele estava atormentado pelos seus amigos que ligavam-lhe desesperados e também por não querer mais voltar lá depois da competição de atletismo.

Eu quis chorar e, apesar de meus olhos lacrimejarem, eu não o fiz. Abracei-o sem ter o que dizer e decepcionada com o que eu acabara de ouvir. Eu queria fazer algo, mas senti-me completamente impotente, assim como ele também. Então, ficamos um bom tempo assim, com medo e agonia, sem dizer uma só palavra a mais.

Minha amiga, que ouvia a conversa, começou a chorar. Desesperada com as notícias que vinham de lá, ela quis voltar para casa imediatamente, mesmo tendo acabado de chegar comigo. Mas, como sempre, ninguém voltou.

A gente pensou nos nossos amigos. Eles já estavam lá, e, uma vez lá, não se volta mais. Era isso que os veteranos falavam pra gente: ninguém consegue voltar depois que já se está lá. Certamente, não iríamos abandonar nossos amigos lá, que nos ligavam desesperados querendo saber quando chegaríamos.

Enquanto estava tentando confortar meu amigo, com grande sensação de incapacidade, outro de nós, calouro, veio contar-me que estava preocupado com um em especial que estava em Santa Rita: O menino havia levado uma cabeçada virulenta de um residente, tendo adquirido um hematoma na cabeça. Convém comentar que isso foi executado para que o apelido do menino fosse representado devidamente.

Tentei falar coisas que os fortalecessem, mas nada surtia efeito. Até que me calei e deixei que o silêncio fizesse seu trabalho. Depois, eu, meus dois amigos e minha amiga saímos da sala de aula onde seria nosso quarto, tentando esquecer por um momento o que nos atormentava - na verdade, era impossível estar lá sem estar tenso.

Resolvemos andar pela escola onde estávamos alojados. Enquanto andávamos, aquele meu amigo (que me deparei logo ao chegar) parou em um dos murais. Atento, começou a observar os trabalhos das crianças que estavam fixados. O enunciado do trabalho pedia que fosse descrito e desenhado seu super-herói inventado. Então começamos a ler também. As crianças falavam coisas tão engraçadas e tão bonitas que começamos a rir naquele precioso instante. Decerto, aquelas crianças não sabiam o quanto elas nos fizeram bem naquele momento.

Eu lembro de um super-herói que comia todo o mal do mundo, e ele podia tornar-se invisível. Quando lemos aquilo, a gente parou de rir. A gente pensou que aquele super-herói pudesse ter vindo com a gente. A gente pensou na possibilidade de ele existir.

Os olhos de meu amigo lacrimejaram de novo. Ele comentou que queria voltar a ser criança. Todo mundo consentiu calado. Um dos veteranos percebeu nossa agonia ao passar por nós, e nos perguntou se estava tudo bem. A gente sabia que aquele veterano era legal e então perguntamos se aquele sofrimento em Santa Rita iria durar muito. Ele disse que não. Logo na segunda, terça-feira os residentes iriam embora. Ele nos abraçou e falou que também já tinha sido um de nós e que sabia o quão difícil era ser um de nós. Mas garantiu que isso logo ia passar e que a gente ia conhecer a parte legal da intermed.

Então, tentando mudar o clima, nos chamou para conversar lá no refeitório onde estavam todos da equipe. Passamos o resto do dia conversando e rindo bastante, esquecendo de tudo que estava nos atormentando até então. A equipe nos recebeu muito bem e quis nos fazer rir naquele momento.

Eu me senti bem, pois, até então, como tinha acabado

de chegar, estava perdida e sem saber como seriam os dias. Agora, me sentia acolhida. Agora, a gente contava piada com os veteranos e os técnicos da equipe. Parecia que tudo ia ficar bem.

Posteriormente escrevemos recados em homenagem aos nossos 6º anistas e demos-lhes presentes. Assistimos ainda aos vídeos preparados com carinho pelos nossos treinadores, visando nos apoiar e nos fornecer coragem e força para a competição.

Fomos dormir cedo sob a promessa de ter êxito na competição do dia seguinte. Fomos dormir com boas mensagens da equipe. No dia seguinte fomos competir. Durante o dia não havia quase trote praticamente - Nas torcidas todos se divertiam e aclamavam pelo nome da faculdade.

Eu não havia percebido nada de diferente, exceto alguns poucos meninos da sala com um certo desânimo, provindos de Santa Rita para torcer. Perguntei se estava tudo bem com eles e eles afirmaram que sim, que não era preciso me preocupar. Não sei se estava tudo bem de fato e aquele comportamento era apenas devido ao cansaço da noite anterior, ou se eles não queriam preocupar as meninas ou se os veteranos haviam os ameaçado para que não falassem nada.

Mas depois tudo pareceu bem, os calouros torciam animados e riam bastante. Fiquei feliz por ver que não estava como eu imaginava. Nós da equipe usávamos um sombreiro com nossos respectivos apelidos. Tirávamos muitas fotos, gritávamos para os nossos companheiros de treinos, zuávamos as equipes concorrentes com grande animação. Esqueci completamente da existência do trote, focando-me nos meus companheiros de equipe.

Em todas as competições era servido Kossucos e cerveja ilimitadamente. Boa parte das pessoas da faculdade (inclusive das outras também) apresentava-se em um estado entre a consciência e a inconsciência, também decorrente do uso de outras substâncias psicoativas eventualmente.

Aliás, algumas pessoas até não tinham tempo nem sequer para ter ressaca, de tão contínuo que era o uso dessas substâncias em geral. No final do dia, voltamos todos para Santa Rita e, no meu caso, era o primeiro dia que chegaria lá.

De noite teve festa. Aliás, todo dia era dia de festa. Os calouros não podiam frequentar as festas das demais faculdades. Sabíamos que sempre era necessário estar algum calouro presente, de modo que era de 24 horas nossa presença lá. Fazíamos quase que um revezamento de pessoas (apesar de serem quase as mesmas sempre lá), assim como os veteranos, para nos vigiar - era essa a nossa sensação. Parecia que os veteranos “maus” se revezavam para vigiar se estávamos sempre a postos, pois sempre havia um deles lá.

Desse modo, quase não dormíamos. Para mim, confesso que isso não era um problema: eu me divertia muito nas festas, conversando com diversos veteranos, e acabava dormindo durante o dia, em qualquer lugar mesmo, de tão cansada. Mas achava divertido e muitos veteranos eram engraçados. No entanto, para muitos calouros isso era um estorvo, algo difícil de cumprir e do qual tinham a obrigação, tornando-se algo extremamente desagradável e até sendo motivo de desavenças entre os colegas da própria sala.

Como um todo “com exceção da segunda-feira, cuja festa era o famoso “Carna ABC”, considerada a melhor festa da Intermed e depois da qual os temidos residentes

iam embora, sendo substituídos pelos veteranos “maus” - havia pequenas festas todo dia no alojamento da faculdade. Nessas festas, havia uma hora em que quase todos os meninos presentes desapareciam. Nós meninas não sabíamos o que ocorria, pois eles faziam questão de esconder de nós. Mas presumíamos que era dado o trote. Era difícil presenciar o trote pesado mesmo, mas sabíamos que ocorria, pois alguns de nossos amigos acabavam nos falando, até como uma forma de procurar ajuda ou de apenas ter um ombro para chorar.

O trote das meninas era considerado mais “leve”. A gente ouvia esporros, xingamentos e desaforos, principalmente das meninas - que não aceitavam que qualquer caloura se destacasse mais do que alguma veterana. Inclusive por esse motivo, não podíamos dançar bonito, nem nos vestir bem e tampouco nos maquiar. Era muito comum também sermos xingadas de vaca, puta ou coisa do gênero.

As meninas, assim como os meninos, faziam as chamadas “funças”, tento de estar a postos para ajudar em qualquer coisa a qualquer momento (como montar a tina, fazer o kossucos, montar as barracas dos veteranos e etc.)

Em uma das “funças” que fui incumbida de fazer (não lembro com exatidão o que, mas era algo corriqueiro como pegar uma cerveja em algum lugar distante), tive que andar para bem longe de onde ocorria a festa. Passando pela piscina (o alojamento era imenso e bem verde, com uma grande piscina), ouvi sons de água como se alguém estivesse nela. Ao olhar por entre as grades - e era difícil ver pois, além de ser madrugada e por isso estar muito escuro, eles estavam bem distantes - vi que havia um veterano e uns 3 calouros (dos que sempre estavam em tudo).

Fazia muito frio aquela hora. Eu estava de calça e

casaco, e ainda assim eu tremia. O veterano ordenou com imensurável grosseria que tirassem a roupa. Ordenou, em seguida, que nadassem ininterruptamente naquela água extremamente gelada.

Os calouros não paravam de nadar naquele frio. Quando um deles cessou e pediu encarecidamente que ele parasse de ordená-los a nadar, o veterano o repreendeu fortemente, sem nenhum remorso. O calouro parecia dizer que não conseguiria continuar e mesmo assim ele o obrigou. O calouro tentou continuar, quase parando. O veterano ainda mandou que ele fosse mais veloz. Ele não conseguia.

Pensei que aquele veterano havia perdido o coração.

O veterano viu que eu estava por lá. Encarou-me de longe, como quem me ordenasse ir embora dali. Eu fui pensando no quão horrível era tudo aquilo. Pensando em como deveriam estar meus colegas. Pensando, mas tendo a certeza de que nada eu poderia fazer. Naquele momento me senti péssima por consentir de alguma forma com aquilo tudo.

Voltei à festa e não consegui parar de pensar no absurdo que tinha visto, sobretudo em relação ao caráter que parecia faltar àquele indivíduo. Contei para minhas amigas o que acabara de presenciar. Todas indignaram-se também. Mas, mais uma vez, não sabíamos o que fazer. Além disso, aquele veterano possuía a maior hierarquia, então também por isso não surtiria efeito tentar fazer qualquer coisa.

Novamente, nos rendemos ao silêncio e continuamos lá.

Os calouros dormiam no chamado “palquinho” - que nada mais era do que um grande elevado no chão

mesmo. Calouro era proibido de dormir na barraca - somente veterano possuía esse privilégio. Nós dormíamos no chão, com colchonetes e cobertores vagabundos. Mas dormíamos quando sobrava algum espaço (não cabiam todos os calouros), ou quando não tínhamos nossas coisas roubadas pelos veteranos, ou quando não eram soltadas bombas para nos acordar assustados ou quando não nos iam encher o saco para ir à festa - eles falavam a toda hora: “Calouro não pode dormir!”. Ainda assim, dava-se um jeito de dormir durante os 10 dias de intermed.

Outro dia, quando voltei de uma das festas, eram umas 6 horas da manhã, não havia espaço no “palquinho” e um dos meus amigos, que apresentava-se com suas coisas roubadas, usava minhas coisas para dormir. Eu não tive nada roubado, ainda bem. Naquele dia, dormi debruçada na mesa do bar que havia em frente ao “palquinho”, dentro do próprio alojamento. Acordei toda dolorida. Mas isso, hoje, é até motivo de risadas.

Quando descobriram que as calouras do basquete dormiam em barraca, orientadas discretamente e escondida pela própria veterana do basquete, fizeram a façanha de pendurar a barraca na árvore.

Quando elas foram dormir, escondidas, depois da festa, perderam de vista a barraca delas. Acharam estranho suas coisas estarem jogadas no chão. Depois de procurar, depararam-se com a barraca suspensa no ar, de ponta cabeça, como forma de punição. Depois desse episódio, elas tiveram que se render ao “palquinho”.

Porém, muitos calouros arranjavam um jeito de dormir escondido algum dia no carro de alguém ou na barraca de algum veterano legal, para poder dormir bem pelo menos uma vez.

E assim eu fiz: o mesmo veterano que me falou que logo tudo aquilo ia passar e que iríamos conhecer a parte legal da intermed, me ofereceu sua barraca para eu dormir um dia.

Aquele dia eu estava extremamente cansada por dormir mal todos os outros. O veterano estaria no turno dele da atlética na festa e, então, não dormiria naquela noite. Ele quis que eu dormisse lá e acobertou minha saída discreta da festa.

Dormi o dia inteiro lá de tanto sono acumulado que eu tinha. Foi a melhor dormida que eu já havia presenciado na minha vida. E uma dormida numa barraca nunca seria tão perfeita quanto aquela!

Acordei com todas as energias possíveis e muito feliz por saber que lá existiam pessoas admiráveis. Lá havia pessoas com coração, e eram muitas. O problema é que os poucos que não o possuem se destacam sobre os muitos outros. Os poucos são tão ruins, tão horrorosos, fazem coisas tão absurdas e tão inacreditáveis, que se sobressaem sobre os bons. O mal que eles causam deixam marcas em muitas pessoas e a gente esquece que lá também tem gente legal.

Os poucos são tão fortes que acabam comandando todo esse processo inexplicável, cobrindo e tornando impotente aqueles que levam o coração consigo.

“Agora a faculdade inteira está com medo de dar trote”

A Intermed ocorre na cidade de Santa Rita do Passa Quatro, durante a chamada semana da pátria, que é caracterizada pelo feriado de 07 de setembro. Desse modo, a intermed 2010 estava compreendida entre os dias 04.09 -

Sábado e 12.09 - Domingo.

A abertura aconteceu no primeiro sábado, às 8 horas da manhã. As finais dos jogos ocorreram nos dias 11 e 12 de setembro.

O ônibus da faculdade (que levaria apenas os alunos do 6º ano e os calouros) saiu de São Paulo na quinta-feira dia 02 e voltou de Santa Rita no domingo dia 12. Esse ônibus na cidade de Santa Rita era usado para transportar a torcida e a bateria da faculdade de medicina do ABC para os jogos.

A maioria das pessoas integrantes da Atlética foi para Santa Rita na quarta e na quinta-feira, para organizar o evento como um todo. Eu fui para lá na sexta-feira dia 03 e voltei na outra sexta, dia 10. A grande maioria das pessoas vai de carro para lá, enquanto outros poucos vão de ônibus pela rodoviária.

Ao todo são 10 faculdades de medicina participantes, que sofrem reajustes a cada ano conforme as desclassificações e o desempenho na pré-intermed. Esse ano, estavam presentes as faculdades: Santa Casa de São Paulo, Lusíadas (Santos), Unicamp, Puccamp, USP, Unesp (Botucatu), FMABC, Unifesp (Paulista), USP Ribeirão Preto e Marília.

Os esportes participantes são: vôlei, basquete, handebol, futsal, tênis, tênis de mesa, futebol de campo, beisebol, natação e atletismo. Os jogos ocorriam nos ginásios denominados G1, G2 e G3, além do campo de beisebol, futebol e tênis, com exceção do atletismo (que ocorreu na AFA de Pirassununga) e da natação (que ocorreu em Campinas).

Como a cidade era pequena e muito simples, era muito fácil andar por lá e tudo era relativamente perto e de fácil acesso.

O alojamento da faculdade do ABC estava localizado perto do G1. Nas redondezas também havia um posto de conveniências e um restaurante grande chamado Lucca, ambos localizados na avenida principal da cidade. Dentro do próprio alojamento também havia uma lanchonete, contígua do chamado “palquinho”, onde dormiam os calouros, que não possuíam barraca. O “palquinho” ficava em um galpão grande e coberto. Lá havia um banheiro, mas só era possível tomar banho nos outros dois vestiários longínquos de lá. O alojamento era em um parque da cidade, enorme e bem arborizado possuía também uma piscina grande e uma concha acústica.

Os veteranos e residentes como um todo dormiam em barracas, acampados no espaço verde do parque. Porém, os mais velhos tinham o privilégio de escolher os melhores lugares, principalmente os poucos locais cobertos (evitando inundar as barracas em caso de grandes tempestades).

Diferente da intermed passada, o 6º ano não dormiu com suas barracas no galpão, perto dos calouros, uma vez que, com as mudanças nas regras do trote, temiam ser denunciados e não poderiam impedi-los de dormir, fazendo muito barulho e soltando bombas.

Havia também um alojamento separado exclusivamente para os atletas que fossem jogar no dia seguinte. Esse alojamento localizava-se perto do alojamento da faculdade e tinha o intuito de garantir uma noite bem dormida aos atletas além de fornecer disciplina para a competição. O alojamento do atletismo era diferente por ser um esporte que ocorreria em outra cidade. Nós do atletismo do ABC, na véspera da competição, nos alojamos numa escola infantil na própria AFA de Pirassununga.

Todo dia havia uma festa aberta das faculdades de medicina, que ocorria nos respectivos alojamentos. A

programação era a seguinte:

- Sexta-feira: MED integração na praça
- Sábado: Fantasia da Paulista
- Domingo: Rave de Santos / Sertanejo da Paulista
- Segunda-feira: Carna ABC
- Terça-feira: Futebol dos pelados da Santa Casa
- Quarta-feira: Metelança de Botucatu

O Carna ABC era a festa mais famosa e considerada a melhor da intermed, estando todo ano muito cheia. Essa festa simula uma micareta, sendo contratados 2 trios elétricos. A metelança, pelo contrário, tinha a fama de ser a festa mais “miada” da intermed.

Eu fui na MED integração, no Carna ABC e no futebol dos pelados.

Na MED integração havia um som, sendo uma espécie de balada na rua, e muita gente de todas as faculdades à dançar, beber e conversar, em um clima bem amigável.

No futebol dos pelados, havia uma balada fechada, com músicas variadas. Durante a balada, os homens que jogariam o futebol pelados eram escolhidos pelas estudantes da Santa Casa, sendo marcados com tinta. Em um dado momento, a balada era interrompida para que fosse iniciada a partida de futebol. O jogo que durou alguns minutos e homens de outras faculdades também entraram no jogo. Depois, deu-se continuidade à balada.

Nas festas, a maioria das pessoas usava roupas da própria faculdade. Alias, durante a intermed inteira era usado esse tipo e roupa. Durante o dia, fazia um calor insuportável, fazendo com que as pessoas usassem shorts,

saia, bermudas e havaianas. Porém, durante a noite o frio era severo, fazendo com que as pessoas passassem a usar calças, casacos e tênis.

No alojamento do ABC havia festa todo dia. Diferente do ano passado, porém, as festas estavam bem mais vazias e pouco animadas. Diferente do ano passado também, calouro não era obrigado a ficar nessas festas e tampouco não era obrigado a ficar acordado. As festas do alojamento já estabelecidas tinham a seguinte programação:

- Domingo: Churras da XXXIV
- Segunda-feira: Carna ABC (Aberta)
- Terça-feira: Porca D.A.
- Quarta-feira: Festa da mortadela
- Quinta-feira: Macarrão dos calouros

Durante os jogos, havia bateria, bombas, fumaça e muita gente cantando as músicas da faculdade à torcer. Também havia kossucos e cerveja à vontade. De vez enquanto as pessoas se pintavam para torcer, escrevendo o nome da faculdade ou apenas pintando o rosto com as cores da faculdade ou o símbolo da mesma: um urso. As torcidas eram sempre bem animadas.

Quando ganhávamos os jogos, a torcida invadia a quadra e começava a comemorar lá mesmo. Muitas vezes, quando sobrava tempo por não ter jogos seguidos, as faculdades faziam uma pequena festa em frente aos ginásios, com muita música e animação.

Quando cheguei em Santa Rita, a primeira coisa que algumas pessoas da minha sala vieram me falar era que os calouros não estavam levando trote nenhum e que, pelo contrário, eles estavam muito folgados e sem levar esporro

algum. A menina que conversava comigo impaciente falava que as calouras já tinham até ido tomar sol de top na piscina, coisa que não poderíamos nem cogitar na nossa intermed. Além disso, os calouros estavam dormindo tranquilamente, sem tampouco precisar ficar acordado e ir para a festa. Ao invés de acontecer o que nos ocorria ano passado, os veteranos estavam zelando atenciosamente pelo sono intocável dos calouros (até que um pouco irônicos na verdade). Todos falavam: agora a faculdade inteira está com medo de dar trote. A faculdade inteira, até aqueles temidos residentes, está com medo de sequer relar nos calouros.

Mas, as pessoas que falavam comigo completavam: mas isso tem um troco. A 42 (a sala dos calouros 2010) é excluída. Muitos veteranos não querem nem olhar na cara deles. Muitos veteranos os ignoram, decepcionados. A maior prova da exclusão desses calouros na faculdade foi o fato de eles não poderem meiar o cabelo e estar com o cabelo característico da faculdade, enquanto o resto da faculdade inteira meiou o cabelo.

Uma coisa era indiscutível: os calouros foram proibidos mesmo de meiar o cabelo, e muito mais veteranos meiararam o cabelo se comparado ao ano passado (apenas o meu 4º ano havia meiado, enquanto esse ano todos os anos quiseram meiar). Porém, as verdadeiras razões, ninguém sabia ao certo... Só se ouvia falar de hipóteses.

Reclamaram ainda que, por causa dos calouros não poderem levar trote, a nossa sala estava levando trote no lugar deles. Aliás, até mesmo alguns outros veteranos nossos também estavam levando dos mais velhos. Um dos residentes temidos havia acabado de pedir para que os meninos fizessem inúmeras flexões, dando esporros insensíveis. Outra que também ouvia a conversa rebateu, dizendo que isso, de veterano levar um trote mais ameno,

todo ano acontecia, só que agora os calouros não levavam o trote pesado como de costume. Ela disse, ainda, que a menina fazia muito drama, porque só havia ocorrido aquele episódio e que ninguém estava fazendo mais nada. Além disso, ele estava feliz pelos calouros não levarem mais trote.

Eu permaneci calada, sem saber o que de fato ocorria, porque não havia visto nada. Depois fomos montar nossa barraca nos locais que nos restavam.

Fomos em seguida para a festa da MED integração e quando voltamos fomos logo dormir. Quase não vi muitos calouros, já que eles estavam ajudando a atlética a organizar as coisas - como descarregar os engradados de cerveja para as festas.

Os calouros não estavam de fato levando trote. Eles se quisessem ajudar, faziam as “funças”. Não havia nada que fossem obrigados a fazer, embora alguns poucos - os que mais participavam - se sentiam na obrigação de ajudar constantemente. Eles (e na verdade eram sempre os mesmos poucos calouros, por isso sobrava muita coisa para poucos fazerem) serviam as cervejas nas torcidas, buscavam cervejas para veteranos, montavam a tina, descarregavam a bateria do ônibus para os jogos, tocavam a bateria ininterruptamente e também, eventualmente, ajudavam a montar as barracas dos veteranos. Mas se eles não quisessem ajudar, diferente do que ocorreu em todas as outras intermedes, eles podiam não ajudar e não levariam nenhum esporro. Não houve também trote físico, já que nenhum veterano ou residente encostou neles.

Aliás, a intermed estava tão diferente do de costume, que até mesmo os calouros “PC” puderam ir ao evento sem que fossem linchados ou humilhados. Alguns calouros ficaram até hospedados em sítio, e não houve reclamação por parte de ninguém. Os calouros que foram embora

antes, não precisaram fazê-lo escondido. Em outros tempos, essas pessoas levariam um trote muito violento. Assim, os calouros podiam fazer o que bem entendessem, como tomar banho quando quisessem - já não havia mais aquele velho medo de os calouros tomarem banho, ou das calouras se maquiarem. Dessa vez, houve o tão aclamado livre arbítrio para os calouros!

Os calouros dessa vez também não tiveram nada roubado, voltando para casa com todas as suas coisas de dormir em mãos.

A competição de atletismo ocorreria no primeiro domingo. No sábado anterior, no final da tarde, seria necessário que os atletas se concentrassem em um alojamento exclusivo. Então, assim aconteceu.

Chegando lá, escolhemos as salas que dormiríamos. Depois conversamos um pouco, rindo enquanto esperávamos a janta ficar pronta. Lá não havia diferença entre calouros e veteranos, todos conversavam de igual para igual. Então, fomos jantar. Logo após o jantar, os nossos treinadores quiseram dar algumas palavras de apoio e incentivo, garantindo-nos confiar em nossa capacidade.

Alguns alunos puseram-se a falar também, sempre elogiando muito a equipe e fornecendo palavras de grande apoio a todos. Falaram de nossos 6º anistas também, homenageando-os com palavras emocionantes, que acarretaram até em lágrimas da equipe como um todo. Todos se emocionaram, até que em alguns momentos faltaram palavras. Nossa treinadora, que estava há pouco tempo grávida, pôs-se a chorar também pelas homenagens a ela e aos integrantes de sua equipe.

Andei um pouco pela escola e quis ler alguns trabalhos feitos pelas crianças que estavam pregados nos murais. Eu

quis ler porque me lembrei que havia feito isso na intermed passada. Mas li os trabalhos sem a mesma agonia que tinha no coração há um ano atrás. Dessa vez, os trabalhos foram de fato engraçados.

Depois foi pedido que fôssemos dormir, para que estivéssemos bem descansados para a competição. Eu e minha amiga estávamos sem sono. Fomos conversar com algumas pessoas em mesma situação. Depois de um bom tempo, havia apenas eu, minha amiga e 3 calouros a conversar quase de madrugada. Perguntamos do trote, eles falaram que não estava tendo trote e que, pelo contrario estava tudo tranquilo. Foi então que, conversando com um deles, soubemos que eles estavam ajudando apenas nas chamadas “funças”, mas que nada era cobrado a eles além disso. Aliás, eles estavam bem à vontades.

Depois de muito conversarmos e rirmos, fomos dormir, vendo que o horário já estava por demais ultrapassado. Acordamos 6h30 para tomar café e arrumar as coisas. A competição se iniciaria as 8h e terminaria umas 17h. Minha prova de salto em altura seria às 9h.

Na minha prova saltei meu máximo, e fiquei feliz por isso. Minhas companheiras de prova e minha treinadora permaneceram o tempo inteiro ao meu lado durante a prova, dando-me muito apoio para que eu passasse a cada etapa. De lá, vi meus amigos torcendo por mim e gritando meu nome, o que me fez saltar com mais vontade. A sensação de que o nosso treino de todos os dias estava dando resultado era indiscutível.

Uma de minhas companheiras, que salta há muito tempo, saltou bem menos do que ela costuma saltar. Por isso, ela começou a chorar decepcionada ao meu lado, após ser eliminada. Ela dizia com grande tristeza nos olhos que era injusto apenas um dia medir o que se fazia durante um

ano inteiro, todos os dias da semana. Ela não se conformava com seu resultado. Eu não queria chorar, mas ao vê-la assim, chorei também, querendo que ela também tivesse feito o seu melhor.

Mas, ainda continuamos a torcer pela nossa outra companheira que continuou na disputa final. A tensão era muita no momento. De repente, nossa companheira conseguiu chegar ao 2º lugar, saltando o que ela jamais havia saltado em todo esse tempo de treino. Então, esqueceu-se qualquer decepção com resultados individuais para comemorarmos a nossa conquista como equipe. Pulamos até não poder mais e nos abraçamos fortemente, contentes com tudo aquilo. Todos da faculdade nos parabenizaram felizes e cantaram o hino da faculdade.

No dardo, nosso 6º anista também conseguiu um resultado que jamais havia conseguido. Além disso, ele havia treinado para essa modalidade apenas 1 ano, apesar de ter treinado arduamente e com admirável determinação. Ele ganhou medalha de bronze, jamais conseguida pela faculdade nessa modalidade. Também, era a primeira medalha que ele havia conseguido em seus 6 anos de faculdade. Ele ficou tão emocionado, assim como a equipe inteira, que ao subir no pódio, chorava sem parar.

Pediram-lhe que puxasse o axuxê para comemorar, ele não conseguia de tanta emoção. Ele resolveu puxar o hino da faculdade, quase que não puxando de tanto que chorava. A equipe que estava lá para comemorar e parabenizá-lo, chorou também, e todos cantaram o hino chorando. Foi a cena mais bonita que vi na intermed. Percebi que todos ali amavam a faculdade e que todos da equipe torciam de verdade por cada um que estava nela.

Nesse dia, o atletismo conseguiu seu melhor resultado já alcançado pela ABC na intermed! Todos nós

comemoramos na pista, ao final das provas, pulando, nos abraçando, gritando e com imensa felicidade. Os treinadores nos parabenizaram e até puxaram o nosso hino. Todos voltaram felizes à Santa Rita.

De volta no carro, estávamos, eu e minhas amigas, com um calouro. O calouro comentou que estava cansado de fazer “funças” e que não queria chegar logo à Santa Rita, pois sabia que teria de fazer muita coisa para o churrasco que ocorreria da turma 35 no alojás. Então, nós do carro prometemos que iríamos enrolar o máximo para que ele chegasse tarde e não tivesse muito o que fazer mais.

Fomos então jantar, e ficamos conversando horas, rindo e descontraindo um pouco. Chegamos bem tarde lá e o calouro nos agradeceu, declarando gostar muito de nós. Sempre que podíamos, nós o ajudávamos, chamando-o para ir comer com a gente ou fazer alguma coisa em outro lugar para que ele descansasse um pouco. Ele via na gente o descanso. Mas ele estava sempre disposto à ajudar os veteranos. Mesmo a gente falando que ele não precisava fazer, ele se sentia na obrigação de fazer e ele não tinha coragem de dizer aos outros veteranos que estava cansado - afinal eram poucos que ajudavam como ele. Ele também não tinha coragem de pedir que seus amigos ajudassem quando estivesse sobrecarregado. De qualquer modo, quando ele precisava, ele recorria à nós e nós procurávamos ajudá-lo de alguma forma.

Depois voltamos e ficamos na festa nos divertindo. Os calouros iam dormir cedo sempre, sobrando os veteranos nas festas do alojás.

Na intermed todo mundo sempre comenta do perigo de estar sozinho no meio da torcida de outra faculdade. Muitas vezes nos olhavam feio, nos intimidando. A MED ABC, MED Santos e a Puccamp têm a fama de serem as

faculdades mais encrenqueiras e mal-encaradas. Um de nossos residentes arranjou confusão com a paulista, estando sozinho. Bateram muito nele e ele foi parar no hospital.

Todo ano se sabe de alguma confusão, tendo sempre alguém que vai parar no hospital. Até por isso, tem os jogos considerados de grande risco, em que demanda maior atenção da chamada “comissão organizadora”, composta pelas atléticas de todas as faculdades participantes e com o intuito de organizar o evento e também evitar brigas e desentendimentos entre as faculdades durante o jogos.

A história de quem faz medicina geralmente não começa no primeiro ano de faculdade. Antes de virar calouro, são 2,3,4, até 5 anos de cursinho, em ritmo de estudo intenso para conseguir uma vaga.

Comigo não foi diferente. Eu estudei por 3 anos até entrar na Faculdade de Medicina do ABC. E não foram 3 anos normais. Você abre mão de tudo: namorado, família, balada por estudo, estudo e mais estudo. Isso é importante de saber, pois, a maioria dos estudantes passa por essa fase com uma ideia fixa, quase obsessiva, na cabeça: “quando eu passar, tudo vai valer a pena”.

Assim, quando em 2010 eu me tornei caloura, entrei na faculdade pronta para me integrar com a galera e tirar o mofo de tantos anos parada. E, como a grande maioria dos alunos, achei que faria isso frequentando as festas da faculdade, indo nas competições e treinando algum esporte pela Atlética. Infelizmente, meu cenário estava um pouco idealizado.

Logo no primeiro dia de aula eu notei que alguma coisa era estranha, no mínimo diferente do que eu imaginava. Nenhum dos veteranos era muito simpático com você. Na

verdade, eles mal te olhavam na cara. Até mesmo seus colegas de cursinho que tinham passado antes fingiam que não te conheciam. A tarde durante o trote no Cícero foi quando o trote “amigo” da nossa faculdade começou a se revelar.

Na sala de aula eu comprei uma camisa antiga da faculdade, me pintaram e de “elefantinho” todos os calouros foram andando até o “Ciço”. Lá, eu nadei em uma piscina de plástico e procurei com a boca, em uma bacia com farinha, por bala mastigada pelos outros. Foi uma das segundas-feiras mais frias do ano e pelo fim da tarde começou a chover torrencialmente. Como não tinha espaço coberto para todos, os calouros foram delegados para ficar na parte descoberta, tomando chuva. Por volta das 21 horas eu já não aguentava mais de frio e tentei ir embora. Foi quando me informaram que as minhas coisas (mochila, casaco, roupa limpa..) que tinham ficado com eles não seriam liberadas. Que calouro era assim mesmo, tinha que sofrer para aguentar o que é ser médico.

Uma amiga minha tentou animar a gente, formando um grupo de calouros dançando de um jeito engraçado, tosco mesmo. Um grupo de veteranos se divertia olhando os calouros quando um residente foi gritando até o meio do campo, onde o grupo dançante estava. Berrou que aquilo era uma palhaçada.

Mandou todos nós ajoelharmos e olhar para baixo. Perguntou se a gente achava que trote era brincadeira. Disse que nós éramos um bando de calouros burros que não sabiam de nada e que para chegar até onde ele chegou teríamos que sofrer muito. Quando ele foi embora eu dei um jeito de obrigar um veterano do segundo ano a me dar as minhas coisas para ir embora. Hoje, quase dois anos depois de tudo isso, eu não lembro quase de nenhum

detalhe. O cérebro é muito inteligente fazendo com que a gente esqueça os momentos de fobia e medo.

No dia seguinte, quando a aula acabou foi a vez da atlética entrar na sala de aula e começar a apavorar os calouros. Era cobrança de dinheiro, de presença no Ciço para tomar trote e por assim ia. O que eu achei que era um dia de estupidez virou rotina. Todos os dias, no final da aula, a atlética entrava a sala e era a mesma ladainha de sempre.

Eu lembro bem de uma véspera de prova de anatomia, em que eu e uma amiga não queríamos de jeito nenhum ir para o Ciço para poder estudar em casa. Sabíamos que os veteranos estariam na porta do prédio da morfologia esperando a gente sair para não deixar ninguém escapar. Eu e minha amiga então esperamos anoitecer na sala de aula e pulamos da janela do banheiro. O medo de ser pega no caminho até a porta da faculdade era tão grande que cogitamos pular o muro da faculdade também. Mas desistimos quando vimos que tinha arame farpado no seu topo...

No entanto, trote sofrido por mim que mais me marcou ocorreu durante uma gincana promovida pelo sexto ano. Todos os eventos aconteciam na quadra de grama da faculdade e na área anexada do Ciço. Quando a gincana acabou e já tinha escurecido, tínhamos todos que sair da quadra descoberta que seria fechada e ficar na área do Ciço. Eu e minhas amigas estávamos saindo da quadra quando um grupo de veteranos me chamou. Eu fui a caminho deles com todas as minhas amigas.

A gente tinha um pacto de nunca deixar a outra sozinha. Assim, se uma era chamada para levar trote ou qualquer outra coisa, todas iam juntas. Mas logo que cheguei até o veterano ele mandou todas elas irem embora. Ainda perguntou se elas tinham ouvido serem chamadas por ele e,

quando elas negaram, ele disse que elas eram umas surdas burras. Quando fiquei sozinha, um deles mandou eu calar a boca e olhar para baixo (“queixo no esterno”).

Perguntou se eu sabia de que ano que ele era. Eu disse que não, ao que ele respondeu que eu era uma anta em não conhecê-lo. Perguntou se eu estava me divertindo e eu não respondi mais nada. Foi quando ele começou a falar que trote não era brincadeira. Que se o sexto ano não sabia educar calouros ele sabia. Falou que ia pegar 3 “amiguinhos” calouros meus, me levar para a faculdade, que já estava fechada, me deixar pelada e me trancar no armário com eles.

Ficou perguntando o que eu achava disso e que eu até poderia escolher quem levar. Foi quando chegou um residente provavelmente mais velho do que o que falava comigo e perguntou o porque que eu, caloura, não estava na quadra. Eu saí correndo e fui para a parte coberta onde estava toda a faculdade. Tremia que nem uma louca e não conseguia explicar direito o que tinha acontecido para as minhas amigas. Ainda fiquei aquela noite segurando cerveja para veteranos, ouvindo eles falarem besteira quando você era chamada. Mas a partir desse dia comecei a dar mais “migués” ainda em qualquer evento da faculdade.

Continuei ouvindo muita besteira dentro da sala de aula, quando a atlética vinda dar os “recados”. Calouras não podiam andar com o cabelo solto, usar brincos ou ter as unhas pintadas. Tínhamos que vestir todos os dias a camisa GG que éramos obrigados a comprar deles, calça jeans e tênis. Se você quebrasse qualquer uma dessas regras, tinha que ouvir que era uma vagabunda, que se queria tanto assim dar para veterano era mais fácil escrever na testa, e etc.

Se você me dissesse, antes de entrar na faculdade,

que eu iria ser xingada, humilhada e reprimida desse jeito, eu iria dar risada. Sempre fui briguenta e, com certeza, te responderia que se alguém fizesse essas coisas comigo eu iria responder na hora, mandar o cara a merda, procurar a policia.

Acontece que você entra num ambiente hostil, em que você não conhece ninguém e onde eles somados dão o sêxtuplo do número de calouros. Fora o medo descomunal de responder e ser excluído de um grupo no qual você esperou por 3 anos para fazer parte. Então você se submete mesmo.

Entra de cabeça, sofre vê crimes como agressão, extorsão e coerção acontecerem e não fala nada. É uma realidade paralela que só quem vivenciou sabe como pode um microcosmo de ilegalidade e barbárie acontecer e funcionar em um país democrático com leis que, por mais que demorem para serem impostas, existem.

Após as férias o clima entre os calouros mudou. Acho que um mês vivendo uma vida normal, sem ter medo ou ser humilhado todos os dias, fez a maioria perceber que não dava para fingir que aquilo era normal. E logo nas primeiras semanas de aula explodiram as denúncias de que tinham urinado em alguns calouros e colocado pimenta no anus de outros. Tudo isso é verdade. Eu não estava no dia que aconteceu porque as vítimas foram selecionadas, o resto foi dispensado. Mas eu ouvi toda a história sendo contada por um ou dois meninos que foram violados.

Logo na recepção dos calouros de 2011 vi que as coisas tinham mudado. As meninas andavam arrumadas como queriam. A atlética não podia mais entrar na sala e o Ciço, lugar onde todo dia tinha trote, foi fechado. Mas também escutei que fulano de tal levou trote. Que os calouros sofreram na INTERMED e coisas do tipo.

Acho impossível o trote ter acabado 100%, mas que diminuiu é um fato. Para acabar mesmo com essa praga é preciso tempo. Uma nova ideologia da relação calouro - veterano já foi criada e funcionou. Afinal a turma 43 foi a primeira a vencer a USP nos jogos da Calomed. Agora é preciso tempo para essa ideologia pegar, impregnar e passar de ano para ano, como uma nova tradição. Até lá, precisamos contar com olhos atentos da faculdade e também das autoridades. Afinal, o que aconteceu comigo e com todos os alunos é crime.

“...bem na medicina que tem como base a ética e o respeito ao ser humano?”

Desde que escolhi medicina como minha opção de escolha de curso, já tinha conhecimento da competição que reunia um grande número de faculdades de medicina e suas histórias míticas, tendo como principais atrativos a rivalidade entre os participantes e as suas respectivas atléticas; e as suas famosas festas.

No primeiro ano não tive coragem de ir para a intermed com medo de retaliações por ter deixado de participar da atlética, fato que criou certas inimizades comigo e outros que também preferiram não se submeter mais aos trotes, que eram necessários àqueles que querem participar dos esportes na faculdade no primeiro ano. Apesar de não ter ido no primeiro ano e ter sido recebido com alguns insultos na calomed no meu segundo ano (2010), decidi que iria mesmo assim para matar minha curiosidade sobre o que seria na realidade a intermed.

Combinei com alguns amigos da medicina USP e mais dois amigos da faculdade para irmos juntos para Santa Rita do Passa Quatro e economizar pedágio e gasolina. Dos 10

dias de competição escolhemos apenas os 3 dias que nos pareciam mais interessantes, incluindo a maior e melhor festa feita pela FMABC o Carnabc. Durante o caminho fomos discutindo as experiências no trote das nossas faculdades e percebemos que nossas histórias eram completamente diferentes, como por exemplo a relação entre “pau-nocus” e atletas, que em nossa faculdade é um tanto polarizada, enquanto na deles é apenas uma relação normal baseada apenas na afinidade e não no fato de ser participante ou não.

Ao chegarmos deixamos nossos amigos da outra faculdade em seu alojamento e fomos diretamente ao nosso alojamento em um clube de campo próximo aos locais de jogos, tratamos logo de montar a barraca onde 2 iriam dormir enquanto eu iria ficar no carro. Já na chegada reconhecemos o local e pudemos observar a divisão entre calouros e veteranos, enquanto os mais velhos tinham barracas os calouros tinham que dormir em um palco no ginásio do alojamento, todos aglomerados em um canto, não sendo permitido a eles dormir em barracas ou ir para a cidade de carro. Ao conversarmos com outros colegas de classe ficamos sabendo que tudo estava tranquilo e que não estava havendo trote, ou que pelo menos estava sendo mais brando que nos anos anteriores.

Fomos então ao jogo que estava acontecendo perto do alojamento; me senti realmente em um jogo de futebol, um grande clássico, ao lado de uma torcida organizada dentro de um ginásio pequeno, tudo regado a cerveja, kossucos (mistura com destilados), bateria, fogos e gritos de guerra. Apesar de estar lado a lado com as pessoas da minha própria faculdade, sentia um certo ar de desprezo daquelas pessoas mais exaltadas e atléticas, como se minha presença fosse algo que não agradaria a eles, não me importei, pois também não tinha contato com a

grande maioria das pessoas que estavam ali, podendo estar enganado com relação a tudo isso. Foi apenas no segundo dia que pude ter realmente a certeza que havia certo ódio guardado com relação a mim e com aqueles que não se submeteram ao trote.

Depois dos jogos eu e um amigo estávamos mortos de fome e esperávamos a festa/janta oferecida pelo Diretório Acadêmico o PorcaD.A. , devido a pressa fomos logo de carro à churrasqueira onde os porcos estavam sendo assados para pegar os melhores pedaços. Pelo caminho passamos por varias pessoas que também tiveram a mesma ideia e que se dirigiam ao local a pé. Estacionamos e iniciamos nosso jantar conversando com alguns colegas que já estavam ali e com os churrasqueiros que se mostraram muito agradáveis fornecendo até mais carne que conseguíamos comer. Nesse instante um veterano entrou na varanda a qual estávamos e perguntou se eu estava querendo brigar, sem entender logo respondi que não, enquanto ele continuou a se mostrar agressivo e me acusar de ter passado com o carro próximo a ele, comentou que não ia com a minha cara e que estava pronto para me dar uma lição já que eu não deveria estar ali na intermed (esse mesmo veterano havia tido uma atitude parecida comigo na calomed daquele ano, apresentando estar muito embriagado havia me acusado de ser um intruso e que eu estava me aproveitando de uma coisa que seria só daqueles que passaram pelo trote), não dei muita atenção para ele e, evidentemente por estar sozinho, foi embora sem tentar nada.

Mesmo sentindo um grande ódio a noite tínhamos a festa pela qual estávamos esperando, tudo estava correndo bem e havia encontrado alguns amigos que também não eram participantes da atlética, enquanto estávamos andando em meio a festa eu e mais um amigo “pau no cu”, também do segundo ano, um dos veteranos que me conhecia por ter

participado um pouco no começo da faculdade me puxou pelo braço e comentou que não gostava daquele outro aluno e que eu não deveria estar andando com ele, sem ter tempo de falar mais nada o veterano passou por mim e deu um soco em meu amigo que não estava esperando por isso. Ainda sem acreditar no que tinha acontecido minha atitude foi de ajudar meu amigo e levá-lo ao hospital para dar pontos em seu supercílio que estava aberto.

Não tinha justificativa para a violência gratuita promovida pelos veteranos mais velhos, aí percebi a violência que existia também nos jogos com agressões e ameaças para todos os lados, creio que de alguma forma aquilo se refletia na relação com os próprios colegas da faculdade. O último evento que chamou minha atenção com relação ao desprezo dos troteiros foi no dia que estávamos indo embora, um veterano se recusou a dar ré para permitir a passagem do nosso carro; no início ele começou a dar ré, mas a partir do momento em que percebeu que era eu que estava dirigindo, parou apenas para impedir minha passagem.

Com isso tive que dar a volta e utilizar outro cominho para sair do alojamento. Indo embora, refleti e tive a certeza que fiz a coisa certa em não participar do trote da faculdade de medicina, pois se submeter e eventualmente ter que conviver com aqueles que te deram trote não parece algo que conseguiria fazer, além de toda a violência que esta inserida no modo de vida dessas pessoas.

Espero que o trote deixe de existir, ou que ao menos respeite os limites de cada um e não se transforme em bullying no ensino superior, ainda mais nas faculdades de medicina, onde se aprende uma profissão que tem como base a ética e o respeito ao ser humano.

Capítulo 5

Que modos usamos para “bulir” com o tema na nossa Faculdade?

O grupo de pesquisa e análise, sob a orientação de professores, foi composto por alunos e alunas do curso de medicina, que em algum momento e de alguma forma vivenciaram experiências em relação ao trote. Ali estava um dos grandes desafios desse trabalho: nossos alunos eram sujeitos e, ao mesmo tempo, objetos desse estudo. Por mais que eles e elas tentassem se colocar como pesquisadores, a emoção invadia as nossas discussões e nos encontros era preciso garantir sempre um tempo para os desabafos dos momentos angustiantes que passaram quietos, com medo, calados e sozinhos.

A metodologia da pesquisa foi qualitativa e utilizou-se da técnica de grupos focais. Foram formados dois grupos focais, convidamos e compareceram um total de 20 alunos e alunas do 2º ao 5º ano de medicina para colaborar com a pesquisa. Dialogaram sobre o tema por três horas, motivados a partir da leitura de uma narrativa escrita por uma das alunas participante da pesquisa sobre uma situação de trote abusivo na Intermed.

Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa. Segundo Goldenberg (1997), “o propósito dos métodos qualitativos é compreender as significações que os próprios indivíduos põem em prática para construir seu mundo social. Como a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos veem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através dos olhos dos pesquisados”.

A técnica utilizada de grupos focais é muito empregada nas pesquisas qualitativas em saúde. Para o seu sucesso, foi necessário um foco, em nosso caso, a leitura da narrativa, para a abordagem das diferentes visões relacionadas a um tema específico de um determinado grupo de sujeitos.

Tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar. (MORGAN e KRUEGER, 1993)

Um grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo curto. São particularmente úteis onde há interesse pelo cotidiano e cultura de um grupo. Possibilita conhecer processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se como uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças,

hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 1995)

Essa técnica possui fases importantes de organização, como, a seleção dos participantes a partir de critérios pré-estabelecidos; esclarecimento da natureza dos encontros; marcação de data, hora, local e tempo de duração desses encontros; elaboração do roteiro de perguntas com questões abertas ou a escolha da estratégia disparadora da conversa; organização do material para gravação da reunião e preparação do local; a escolha de alguém que durante o encontro mantenha a liderança do grupo; ouça atentamente os participantes; demonstre envolvimento; encoraje-os a falar; seja flexível a mudanças, sugestões e interrupções e que garanta a palavra a todos os participantes e não apenas aos mais expansivos.

Recomenda-se um auxiliar que se encarregue de registrar os acontecimentos, observe a linguagem não-verbal dos participantes, monitore a gravação das reuniões e controle os ruídos do ambiente. Finalmente chega-se à transcrição do material gravado e posteriormente, a compilação dos dados para as análises e a conclusão da pesquisa.

O grupo focal é composto de 6 a 12 participantes, além do moderador e do auxiliar, número necessário para o alcance das informações que possibilitarão compreensões originais e/ou novas perspectivas sobre o fenômeno em estudo.

Curioso notar que todos os nossos pesquisadores (as) quiseram ou “precisaram” participar dos grupos focais. E no momento de capturar as informações dos outros participantes, esse nosso grupo de pesquisadores,

quase que se manifestou mais que os nossos convidados. Uma necessidade notável de falar, por pra fora, vomitar, desengasgar situações abusivas vividas no ingresso e na permanência da Faculdade, demonstrando o quanto pode ser traumática, para a vida deles, tais experiências e também o quanto se faz necessário, na faculdade, esses espaços confiáveis, de cumplicidade onde esses jovens possam se encontrar e se sentir a vontade para falar e serem ouvidos.

Capítulo 6

Como os resultados “buliram” com a gente? Afinal de contas, porque nos submetemos a tudo isso?

É notório nesse estudo que as narrativas de professores e alunos (as) serviram como objeto central de nossas reflexões. Nos grupos focais o destaque foi para a fala dos (as) participantes que iluminam boa parte do nosso caminho de investigação. Graças à predisposição dos participantes e o vínculo de confiança entre professores e alunos (as), foi possível desvelar fatos que responderam, em grande parte, a nossa pergunta principal: **afinal, porque estudantes se submetem ao trote abusivo?**

A questão do companheirismo, de não deixar amigos sozinhos enfrentando o trote foi uma das explicações para a submissão:

“A desculpa clássica era: ajudar seus amigos. Quanto mais pessoas beberem da garrafa, menos pessoas vão ter que beber...Então você acabava bebendo pra ajudar. Esse velho barreiro,nossa,ninguém gosta de tomar...eu sentia nojo.”

“Eu não queria deixar meus amigos sozinhos, a gente sabe que quanto menos pessoas pior

é. Quanto mais gente cada um sofre só um pouquinho.”

A ideia de que quem não participa será bruscamente marginalizado, isolado e excluído socialmente, a necessidade de fazer parte de um grupo e o medo do abandono despontam como motivo à submissão ao trote. Também a possibilidade de fazer novas amizades, de se unir e conhecer sempre mais pessoas encanta os novatos (as):

“A gente entra(na faculdade)muito adolescente. E o que é o adolescente? Alguém que tem que fazer parte de um grupo. Ele precisa, não pode se ver isolado de algum grupo. Acho que esse é o pensamento principal de um adolescente. E aí também vem a insegurança de não fazer parte de um grupo. O medo do abandono, de ficar isolado de todo mundo.Vem a questão da união também... “

“Por exemplo: um cara que é seu amigo, que conversa muito com você enquanto você está na atlética. A partir do momento em que você sai, ele até tenta continuar sendo seu amigo, mas o pessoal da atlética critica ele, pergunta se ele ia ficar falando com um pau-no-cú.”

“...mas o maior medo das pessoas aqui é se sentir rejeitado.”

Impressão de que o trote irá acabar em breve, a aposta que tudo tem um começo, meio e fim, que tudo não passa de uma questão de tempo:

“Uma ou duas palavras pra dizer porque se submete? Tempo e acreditar que vai acabar”

“Colocam muito na nossa cabeça a ideia de que você leva trote por um ano, mas se diverte nos outros cinco. E isso é uma coisa tentadora. Eu ficava pensando que já tinha passado seis

messes, faltava só mais um pouquinho, que não era tão pesado. Aí você via um amigo seu se ferrando, querendo desistir e todo mundo falava pra ele se acalmar, que faltava só mais um pouquinho, que estava acabando. E isso vira um ciclo vicioso. Muitos querem parar, mas aí sempre vem um que consola, fala para aguentar mais um pouco”

A esperança de haver uma recompensa final pelo esforço que o trote exige:

“Ah, quando a gente entra na faculdade entra com a cabeça de que vai ser tudo legal. Que você vai ficar na festa, que você vai treinar... Aqui falam que quem não participa é muito chato, não faz nada. E você vê as pessoas que tomaram trote no ensaio, todos bebendo. E você pensa que quer fazer parte daquilo. Aí você acaba meio que compactuando com tudo aquilo. Você põe na sua cabeça que vai ter uma recompensa no final.”

Se submetem também pelo status de que quem toma trote é mais forte e mais valoroso (moeda da faculdade = o quanto se apanhou);

“Eles (que tomaram trote) acham que...sei lá. Acham que merecem mais (porque tomaram mais trote).”

O desconhecimento do ambiente em que o indivíduo é apenas um estranho em um meio já instalado e firmado, sendo fácil impor os ideais locais àquele que nunca esteve naquele meio tão desconhecido até então faz com que rapazes e moças se submetam:

“Medo eu sentia quando estava numa situação que eu não tinha controle e tinham muitos veteranos me envolvendo. As vezes até tinham outros calouros, só que eles te tiravam

para um canto, te cercavam, ficavam falando no seu ouvido...Eu nunca tinha passado por nada parecido. Eu estava meio despreparado para isso.”

Outro aspecto observado foi o fato da atlética sempre ser divulgada e tida como a única opção de participação da faculdade - “Dar o nome à faculdade” só é possível se participar da atlética e para isso é necessário passar pelo trote:

“A única opção que eles te dão é participar da atlética. Porque a gente tinha essa impressão? O COMU vinha falar com a gente, o DA vinha falar com a gente. Mas a participação da atlética na nossa vida era tão intensa que a gente só enxergava a atlética. Porque a gente não conhecia nada no campus! Eu nem sabia onde era o banheiro. Eu só sabia que a atlética estava lá todo final de aula.”

Acreditam nas chantagens impostas – na ideia de que somente quem passa pelo trote será ajudado durante o curso como um todo, terá vaga na residência e etc.:

“O que eles colocam na sua cabeça no primeiro ano é que quando você estiver no internato, seu veterano é quem vai te ajudar lá. Você pensa que não tem outro caminho para seguir.”

Pressão pelos próprios colegas de sala para que a turma como um todo se una e participe do trote:

“No final, eu acabei ficando porque achava que se eu ficasse ia aliviar para eles. Que se eu ficasse o pessoal ia se sentir melhor. Toda vez que eu falava que ia sair o pessoal vinha me pedir para que, por favor, ficasse. Que as pessoas precisavam de mim. Que quando eu tava junto era melhor...”

A ideia de que o trote é um ritual de passagem e uma tradição que deve ser respeitada, um processo natural da área escolhida:

“Sempre foi assim, sempre será assim.”

“Eu, por exemplo, fiz quatro anos de cursinho e nesses quatro anos eu não saía, não curtia. E eu até brincava com isso. Meus amigos falavam que quando eu entrasse na faculdade eu ia levar trote e eu respondia que queria levar trote. Que ia ser legal, ia conhecer o pessoal.”

“Um grupo inicial partiu de determinados princípios: o esporte, a prática do esporte, as confraternizações, a representação da faculdade em certos eventos...E eles tinham o seu ritual de passagem. E essa história teve o seu sucesso, mas começou a apresentar problemas também”.

Também desponta como um dos motivos, a imaturidade de caráter, ingenuidade, infantilidade e personalidade ainda não bem firmada, *“afinal no geral, são adolescentes”*:

“Tem um menino da nossa classe que quando ele entrou era o mais medroso, o que parecia que só ia estudar e nem se enturmava muito. E hoje em dia é uma das pessoas que é a mais social, que participa bastante”

A falta de respaldo e apoio das autoridades ou instituição conivente com o trote, fazendo com que o indivíduo não enxergue saídas alternativas que não o trote. Sustentação social para com o trote - a sociedade impõe o trote como algo natural, imutável, comum, inerente à entrada na faculdade:

“Tem professor que é troteiro”

*“O professor que dá trote você sabe quem é.
Todo mundo sabe quem é”*

*“Não é que eles (a diretoria) não aceitavam.
Eles usavam aquele formato, aquela fórmula.
Não é que eles aceitavam, eles utilizavam
também. Utilizavam entre eles. Uma vez eu
tava entrando no campo e o diretor que estava
abrindo o portão falou para os veteranos não
fazerem muita coisa com a gente (calouros.).
E perguntou se a gente ia ficar ligando para o
papai e a mamãe para reclamar...ironizando”*

*“A diretoria daquela época achavam (o
trote) normal. Eles levaram trote. Eles deram
trote...”*

*“O diretor pedia para deixar os seus meninos
da atlética em paz”.*

Parece que entram em processo de lavagem cerebral – organizada pelos veteranos ou órgãos estudantis, o indivíduo tem como seus os ideais do trote sem que ele perceba, fazendo com que ele seja submetido ao trote sem ter de fato consciência do contexto como um todo.

*“Eu acho que você entra num ciclo e acaba
nem pensando a respeito.”*

De modo geral, observamos que a recepção ao calouro tem como meta principal entre os estudantes que o recebe fortalecer o “espírito de corpo”, fazendo-o a aceitar as regras vigentes, predominando aquela relativa à hierarquia entre calouro e veterano. Este intuito é muitas vezes relacionado pelos estudantes à mesma hierarquia que existe entre os médicos, e entre professores e alunos.

Para ser parte, o calouro “tem que baixar sua bola”, uma vez que ele “se acha” por ter passado num curso

tão difícil. Manter-se de cabeça baixa e ser chamado de calouro é parte deste ritual. Passar por provações, como, por exemplo, fazer inúmeras flexões, comandadas por veteranos, é justificado como necessário, pois o médico tem que ter “couro duro”.

Foi notável a necessidade que esses alunos e alunas manifestaram de falar, denunciar ou desabafar anos e anos de silêncio. Nos dois grupos focais vimos falas embargadas de revolta e lágrimas de dor. Traumas revelados por fatos que marcaram e marcarão a vida desses jovens para sempre. Atitudes grotescas, violentas e ameaçadoras dos veteranos sobre os calouros que, recorrentes, ocasionava medo, insegurança e solidão. Isso dentro de um lugar em que as pessoas escolheram estar.

Nem todos os calouros se submetem, mas isso tem um preço, não conseguem ser parte deste “corpo”. Observamos que não são muitos os estudantes que cometem atos violentos e abusos verbais, físicos e psicológicos, mas são muitos os estudantes que se omitem, num silêncio cúmplice e em uma atmosfera de “reino do medo”.

Alguns professores naturalizam estes episódios recordando sua época de estudantes. Intimidações, abusos e assimetrias de poder entre estudantes não se restringem ao período de recepção ao calouro, conhecido como “trote”, são atos que persistem ao longo do ano, nos fazendo afirmar que o “bullying”, descrito e relatado no ensino fundamental e médio está, também, presente no ensino universitário.

Capítulo 7

“Bulimos” com a universidade? E agora como seguimos?

*Vigiar é punir, só?
Como mudar a atitude das pessoas? O modo de pensar?
Como bulir numa tradição tão incorporada num grupo, numa
comunidade e sustentada socialmente?
Assumimos as nossas responsabilidades enquanto instituição de
ensino?
Bulimos só de leve?
E a festa acabou?
E agora, como seguimos?*

Finalizamos com muitas questões, mas com a certeza de que desistir jamais! Aprendemos muito nesse período, fomos pesquisadores e “sentinelas”, alunos e professores. Ligamos nossos faróis, nos unimos por um ideal. A semente está plantada. É continuar regando. Esperar, observar, escutar, acima de tudo cuidar para ver o desencadear dessa história que não se esgota aqui, apenas começa.

Com todos os acontecimentos e medidas contra o trote tomado no ano de 2010, uma nova luz foi lançada sobre este tabu antes completamente ignorado. Ainda nesse ano, havia por parte dos veteranos receios de como lidar com os novos alunos.

Em 2011, pudemos notar grandes mudanças. Aparentemente existiu mais liberdade: várias calouras com unhas pintadas, cabelos soltos, brincos e que mais desejassem usar. As mudanças foram menos vistas nos garotos que continuaram a “meiar” o cabelo, e sem indícios visíveis de transformações significativas. Mesmo assim, era aparente uma certa “leveza” no ar, se comparado com o ano de 2010.

Quando foram iniciadas as palestras de conscientização dos calouros em 2011, muito se comentou na Faculdade que alguns deles riam, quando alertados sobre os riscos do trote violento, por simplesmente não acreditarem nas histórias que ouviam. Com isso, muitos se ressentiram do descaso dos novos calouros com um assunto que era, para muitos, tão doloroso. Mesmo com várias medidas adotadas pela Faculdade houve conhecimento que grupos de calouros passaram por trote, que agora tinha “evoluído” a algo extremamente sutil.

Com toda uma tradição enraizada, será necessário algum tempo para que as gerações de estudantes se renovem e o trote finalmente se torne um elemento do passado em nossa Faculdade.

Nosso trabalho, sobretudo, indica mudanças. Quebra de paradigmas, contra a cultura e a instituição de valores mais atualizados, condizentes com nossa sociedade do século XXI. Os caminhos a seguir são muitos. Muitas portas foram abertas, reveladas diversas facetas a serem exploradas, sobre esse assunto, tão enraizadas na comunidade acadêmica, em especial nos cursos de Medicina. Na nossa Faculdade, conseguimos mudar uma história de abuso de poder, uma tradição antiga. História e tradição, estas que ainda perduram em outras instituições de ensino médico, com mínimas diferenças e sofrimentos

demasiadamente similares.

Nosso trabalho representa um convite. Um convite para estudar esse tema sem medo e preconceito. Não é algo para o qual não retém solução ou impossibilidade de ação. É apenas necessária a dúvida e a vontade de mudar. O trote não é um caminho inquestionável, tanto pouco percebido, tanto pelos veteranos quanto pelos iniciantes.

Observamos desde o começo que ninguém se orgulhava pelo menos não abertamente, de ministrar o trote. Nenhum trotista se identificava como tal e acreditamos que a tradição do apelido possa ter surgido até como uma máscara para dessincronizar o aluno da Faculdade do individuo que aplica o trote.

Paralelamente, ninguém se mostra machista, racista ou homofóbico, a lei ou pelo menos, a moral vigente, não permite a livre exposição de ideias em que um ser humano se mostra ou acredita ser supremo ao outro. O *apartheid* acabou, a escravidão acabou, o regime nazista acabou. E o trote, também acabou?

Demos o primeiro grande passo para a mudança e arriscamos dizer que talvez tenha sido e seja o mais difícil de todos. Impusemos a lei e mostramos que o que estava acontecendo era mais do que errado. Era crime. Acabou de vez, 100% terminado? Temos dúvidas.

Muita coisa mudou na Faculdade em relação à recepção e o convívio dos novos alunos. Aprendemos com o Professor Antonio Almeida da ESALQ que as palavras “trote”, “calouro” e “veterano”, carregam significados simbólicos que reforçam as relações hierárquicas e abusivas no ensino superior, portanto, estamos tentando retirá-las do nosso vocabulário.

A hierarquia, desvirtuada proposta pelos trotistas,

vai muito além da relação entre estudantes (veteranos/calouros), ela inclui os outros cursos da área da saúde que também são discriminados (“subcalouros”). A cultura do trote desagrega, afasta as pessoas, cria guetos e desestrutura não só a vida social do estudante, mas também molda o profissional que irá renascer desse contexto.

Foi possível vislumbrar em 2011 um ambiente de maior integração, menos medo e não foi preciso acabar com as festas. Não houve denúncias, ameaças, atitudes abusivas, até onde sabemos. É preciso continuar cuidando das relações que não se esgotam em punições, limites e regras colocadas por uma direção ou lei nacional, sendo mudança de cultura e tradição exige sim limites, mas também tempo, estudo, trocas de experiências com outras faculdades, observação e paciência. É um processo. É preciso ainda, o envolvimento e a compreensão dos sujeitos nessa cruzada.

Hoje é possível ver o “Sorrir é Viver” nossa ONG de alunos, “doutores da alegria”, encenar esse histórico de forma cômica, o que antes, se não cuidado, poderia ter sido trágico.

Vitória também foi transcrever nossa experiência nesse livro onde autores, alunos e professores compartilham suas angústias, indagações, esperanças que se traduziram em um rico aprendizado coletivo. Esse é um papel fundamental de uma instituição de ensino.

Concluimos com o reconhecimento que bulir com a tradição “trotista” leva tempo. A semente foi plantada, mais ainda não cresceu. E, ainda, mais importante, não criou raízes, mas a tradição macabra e violenta que reinava nessa escola foi quebrada, considerando que a nova ideologia que surge em 2010 ainda não se fixou como algo vigente.

Do mesmo modo que ainda há quem acredite que o

homem é superior a mulher, que o negro é inferior ao branco, que o rico é melhor que o pobre e que a homossexualidade é doença, também ainda há quem veja o “calouro” como alguém inferior ao “veterano”.

Acreditamos na evolução da pessoa humana, na revisão de valores e na mudança de atitude. Estamos produzindo informação, promovendo paz, fazendo educação e este é um processo que nos transformou. As pessoas desejam e precisam de coisas diferentes, em diferentes lugares ou em diferentes épocas de suas vidas. Dentre essas coisas que as pessoas precisam e desejam, uma delas é a paz. Paz é você poder ser você mesmo em qualquer lugar, diferente dos outros e os outros poderem ser diferentes de você!

No nosso caso, a cultura de paz é uma das formas de se manter afastado dos centros acadêmicos as tradições mantidas pela cultura do “trote”. Não basta, apenas, eliminar uma cultura inadequada, é necessário, antes de tudo, envolver as pessoas na construção e na apropriação de uma nova cultura.

Chegará o dia em que perceberemos que somos todos iguais. Que sofreremos, respiramos e vivemos todos da mesma forma. No entanto, enquanto esse dia não chega, estaremos de olho bem aberto.

Pós-fácio

Na edição anterior deste livro, todos os autores (docentes e discentes) foram identificados, respectivamente, como “professores e acadêmicos de uma faculdade de medicina”. O intuito com esta “filiação” foi de conferir caráter universal ao problema em tela sem particularizar nenhuma faculdade.

Corria o ano de 2010. Passados quatro anos, o intuito de seguir conferindo ao tema caráter universal persiste. Entretanto, os autores caminharam pela vida, e decidimos lhes conferir singularidades. Os autores-alunos são quase médicos, estão ou no 5º ou 6º ano da Faculdade de Medicina e os autores-professores se inseriram em novas atividades e/ou outras instituições.

Apresentamos, a seguir, por onde anda agora todo este povo que deu garra, suor e lágrimas para fazer da Faculdade de Medicina do ABC um lugar cada vez melhor.

Autores:

Silvia Kharmandayan, Mariana de Souza Alencar, Lucas Bueno Feo, Bruno Bertoldo , Fernando Henrique Rea Cabral, Ivan Mattos, Leonardo dos Santos, Luis Felipe Goulart, Marcel Chabaribery, Mariana Gonçalves , Pedro

Mattos, Rafael Neves Nicolau, Webster de Oliveira Vitória – Acadêmicos do 5º e 6º ano da Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, SP.

Marco Akerman

Em 2014, tomou posse como Professor Titular do Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP. Mestre em Planejamento e Financiamento do Setor de Saúde e PhD em Epidemiologia e Saúde Pública (1993), pela Universidade de Londres; Livre-Docente pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Professor Titular de Saúde Coletiva (1996-2014) e Vice-Diretor (mandato 2010-2013) da Faculdade de Medicina do ABC.

Silmara Conchão

Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina do ABC. É professora de Saúde Coletiva e Coordenadora da Comissão de Extensão da Faculdade de Medicina do ABC (COMEX). Em 2014 assume o comando da nova Secretaria de Políticas para as Mulheres da Prefeitura de Santo André/SP.

Roberta Cristina Boaretto

Mestre em Gerontologia pela UNICAMP-Faculdade de Educação; Doutoranda em Psicologia Social na USP. É professora de Saúde Coletiva na Faculdade de Medicina do ABC. Vice-Coordenadora da Comissão de Extensão da Faculdade de Medicina do ABC (COMEX).

Bibliografia

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005, p. 73-86.

_____. FREITAS, M.V.; SPOSITO, M. P. (Org) – Juventude em Debate. São Paulo: Cortez. Ed. 2000. Ação Educativa.

_____.; LEÓN, Oscar D. In: FREITAS Maria V. (Org.) Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

AKERMAN M; CONCHÃO S, HOTIMSKY, S; BOARETTO, R.. Violência e intimidação na recepção aos calouros nas faculdades de medicina: ato que persiste ao longo do ano. Revista Brasileira de Educação Médica, 2010, 34(4): 627-628.

ALMEIDA JUNIOR, AR.; QUEDA, O. Universidade, Preconceito e Trotes. São Paulo, Hucitec, 2006.

ALMEIDA JÚNIOR, A. R. Anatomia do trote universitário. São Paulo: Hucitec, 2011.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política (7ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

COLTRO, M. Trote e Cidadania. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 135-136.

CONCHÃO, Silmara. Masculino e Feminino - a primeira vez. A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência. São Paulo. Hucitec, 2011.

DEVAL, J. El Desarrollo Humano. Madrid. Siglo XXI, 1998.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica Estudos de Psicologia, 2002, 7(2): 371-378.

ECO, U. Interpretação e superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FONSECA, A. A. A estratégia da dominação. Trote universitário favorece a lógica de opressão social. Jornal laboratório do curso de comunicação social. Universidade de Uberaba. São Paulo, n. 199, mar. 2002.

FOUCAULT Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FREITAS Maria V. (Org.) Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LIRA, G; CATRIB, AMF; NATIONS, MK. A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. Revista Brasileira de Promoção em Saúde, 2003, 16(1-2): 59-66.

GATTI, Angelina B. Grupos focais em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIAROLA, L. C. Trote na universidade. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 127-128.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de

redução da violência escolar no Brasil. *Cad. Pesqui.*, Mar 2002, no.115, p.101-138.

MARIN, J. C.; ARAÚJO, D. C. S.; ESPIN NETO, J. O Trote em uma faculdade de Medicina: uma Análise de seus Excessos e Influências Socioeconômicas. *Revista Brasileira Educ Médica*. 32 (4): 474–481; 2008.

MARTINS, S. T. F. Sobre trote e violência. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 129-130.

NOVELLI, P. G. A. A ética do trote. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 131-132.

ONGARO, S. Trote: instrumento de integração ou fenômeno psicopatológico. *Revista dos alunos UNESP. São Paulo*, 1991, n.4. Disponível em <http://www.antitrote.org/artigos/?id=4>, acesso jun 2010.

PALÁCIOS, M. e REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? Editorial. *Rev. Bras. Educ. Médica*, v. 30, nº 1, jan/abr 2006, p. 3-5.

RIBEIRO, R. J. O trote como sintoma: a dor de lidar com a dor alheia. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Ago 1999, n. 5, p. 153-160.

SEGRE, M. Trote violento contra calouros universitários. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 121-122.

SILVA, A. B. B. Bullying - Mentas perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WARTH, M. P. T. N. e LISBOA, L. F. Tradição, trote e violência. *Interface - Comunicação, Saúde, Educ.*, Ago 1999, 5, p. 111-118.

ZUIN, A. A. S. O trote no curso de pedagogia e a prazerosa

Marco Akerman, Silmara Conchão e Roberta Cristina Boaretto

integração sadomasoquista. *Educ. Soc.*, Ago 2002, vol.23, no.79, p.243-254.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Revista Educação e Realidade, 1995, v.20, n.2.

ZUIN, A.S. O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação. São Paulo. Editora Cortez, 2002.

Glossário

AFA: Sigla que designava o alojamento dos estudantes na cidade onde ocorreu a competição esportiva.

Alojas: Alojamento onde dormem os estudantes durante a Intermed.

Axuxê: Termo presente no “grito de guerra” dos alunos do FMABC

Calomed: Eventos de esportes das faculdades de medicina em que os calouros competem.

Carna ABC: Título da festa que ocorre dentro do evento da Intermed, que remete ao carnaval.

Cesco: Centro de Estudos em Saúde Coletiva do ABC.

Comuabc: Congresso Médico Universitário da Faculdade de Medicina do ABC.

Coreme: Comissão de Residência Médica.

DA: Diretório Acadêmico.

DAP: Departamento de Assistência e Previdência do DA.

Esalq: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da

USP.

FMABC: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP Faculdade de Medicina do ABC.

IFMS: International Federation of Medical Student.

Intermed: Evento de esportes dos alunos das faculdades de medicina do estado de São Paulo

MEDABC: Faculdade de Medicina do ABC.

Migués: Tentativa de escapar das atividades em que pode ocorrer trote.

NDE: Núcleo Docente Estruturante.

OIT: Organização Internacional do Trabalho.

ONG: Organização não governamental.

Porca DA: Leitões assados oferecidos aos estudantes pelo Diretório Acadêmico da FMABC como jantar de encerramento de eventos esportivos.

Sorrir é viver: Projeto criado por estudantes da Faculdade de Medicina do ABC, com objetivo transformar positivamente o ambiente hospitalar e humanizar a formação médico por meio do emprego da arte lúdica e *clown*.

Anexo

Transcrição dos grupos focais

Escolhemos compartilhar com os nossos leitores o material dos Grupos Focais. É um material rico, mesmo que “bruto”! Demos um “trato” nele assinalando com algumas citações elementos apresentados.

Ao iniciarmos cada sessão dos Grupos Focais fazíamos a leitura de uma narrativa sobre a INTERMED, inclusive esta compõe esse livro, escrita por uma aluna para que os (as) participantes se conectassem com o tema da pesquisa e sentissem o desejo e a confiança em falar sobre suas experiências, percepções, sentimentos e valores. Houve risos, descontração, tensão e lágrimas. Foram quase seis horas de reflexão sobre a experiência do trote, ao todo distribuídas em dois grupos focais. Os nomes foram trocados para preservar o sigilo.

Segue, então, para sua análise e uso, citando a fonte, este material completo dos grupos focais.

“OS MENINOS SEMPRE SOFREM MUITO”

Vera: Acho que assim, nunca passei por nada muito grave, quase tudo que eu passei eu levei na brincadeira, não foi nada muito pessoal, muito traumático, mas eu fiquei agora pensando nas razões, e eu acho que elas são

várias. Eu não queria deixar meus amigos sozinhos, agente sabe que quanto menos pessoas pior é, quanto mais gente cada um sofre só um pouquinho. E também pela vontade de participar. Eu confesso que eu tinha vontade sim. Eu sempre gostei de praticar esportes, sempre quis participar da atlética, dos eventos, que eu achava antes que eram muito interessantes. Mas eu também sempre tive bem claro que eu tinha um limite, que se passasse dos meus princípios, que me ferisse seriamente de alguma forma eu deixaria. Mas é aquela coisa, a gente sempre vê amigos que sofrem muito, geralmente os meninos. Os meninos sempre sofrem muito e o porquê eu nunca descobri. Eu nunca entendi e eles nunca falavam. Eu não entendo porque uma pessoa apanharia, sofreria uma humilhação muito pesada e continuaria participando disso. As lembranças que eu tenho hoje eu dou risada, foi um momento ou outro que a gente fica um pouco mais chateada com alguma coisa, mas comigo não foi nada muito pesado. Acho que é essa vontade mesmo de participar. Eu, por exemplo, fiz quatro anos de cursinho, e nesses quatro anos eu não saía, não curtia. E eu até brincava com isso. Meus amigos falavam que quando eu entrasse na faculdade eu ia levar trote, e eu falava “eu quero levar trote, vai ser legal, vou conhecer o pessoal”. Eu ainda não sabia dessa conotação tão ruim. Eu ouvia muito de outras faculdades que a pessoa vinha te dar trote, mas depois era a primeira pessoa a te ajudar quando você precisava. Isso eu nunca vi aqui na faculdade. A galera que dava trote nunca era a que depois vinha te ajudar quando você precisava de alguma coisa. Muito pelo contrário. Nunca mais olhavam na cara da pessoa, conforme o tempo foi passando. Eu acho que tem pessoas que dão o trote brincando e que vão ser seus amigos depois, e tem pessoas que passam dos limites, que depois te ignora, mas que depois você também não quer falar com eles, não depois do que a pessoa fez com você. Acho que é isso que

eu tinha pra falar...

“A GENTE ENTRA NA FACULDADE ACHANDO QUE VAI SER TUDO LEGAL”

Ana: Quando a gente entra na faculdade a gente entra com a cabeça de que vai ser tudo legal. Você vai ficar na festa, você vai treinar... Aqui falam que quem não participa é muito chato, não faz nada, e você vê as pessoas que tomaram trote no ensaio, todo mundo bebe... E você fala “Pô, eu quero fazer parte disso”. Aí você acaba meio que compactuando com isso. Você põe na sua cabeça que vai ter uma recompensa no final.

Vera: Colocam muito na nossa cabeça a ideia de que você leva trote por um ano, mas se diverte nos outros cinco. E isso é uma coisa meio tentadora. Eu ficava pensando “Ai, já passou seis meses, falta só mais um pouquinho” porque não era tão pesado. Aí você via um amigo seu se ferrando, querendo desistir, e todo mundo falava pra ele “calma, falta só mais um pouquinho, ta acabando” E isso vira um ciclo vicioso. Muitos querem parar, mas aí sempre vem um que consola, fala para aguentar mais um pouquinho.

Ana: Fica uma coisa que começa a ficar chato, quem não leva mais trote.

Professora (para Ana): você já se submeteu em algum momento?

Ana: Já.

“DORMIMOS NA RUA UMA EM CIMA DA OUTRA”

Professora: Você se identificou com a narrativa lida?

Ana: Aham, eu estava lá (risos). Eu não fiquei todos os

dias porque o meu pai surtou... Mas eu fiquei os principais que foram quando todos os residentes estavam lá. Eu cheguei em um sábado e fui embora na terça de manhã. Peguei o melhor dia! (risos). E eu fiquei no alojamento da natação, de domingo para segunda feira. Então eu cheguei no sábado de madrugada e foi essa história... A gente não dorme, eles não deixam a gente dormir, sempre vem alguém encher. Chegaram a jogar lixo onde a gente estava. Teve um dia que eu consegui fugir com duas amigas, agente dormiu na rua uma em cima da outra. Ai eu pensei “que trash, né? Meu pai me cria pra eu acabar dormindo na rua assim” (risos).

Professora: você ficava confusa, do tipo “isso é uma brincadeira?”

Ana: Ah, eu contava os dias para ir embora. Eu queria tanto entrar na faculdade, eu ouvia as amigas da minha irmã falando “a intermed é animal, animal, animal”... É meio decepcionante.

João: Meio?

Helena: É que sabe o que acontece? Quando você entra, colocam na sua cabeça... Porque assim, concorda que quando você entra você é um estranho e que todo mundo já se conhece? Então isso por si só já é um lugar hostil. Você não conhece ninguém, nem o colega que está sentado ao seu lado. Então eles colocam na sua cabeça que a faculdade é isso, e que participar da faculdade é participar da atlética, que não basta você ser aluno, aprender a medicina. Antes disso você tem que dar o nome pra sua faculdade, e pra isso, a única opção que eles te dão é participar da atlética. Por que a gente tinha essa impressão? O COMUABC (Congresso de Medicina) vinha falar com a gente, o Diretório Acadêmico vinha falar com a gente, mas a participação da atlética na nossa vida era tão intensa que a gente só enxergava a atlética.

Por que a gente não conhecia nada no campus! Eu não sabia nem onde era o banheiro. Eu só sabia que a atlética estava lá todo final de aula. Então eles pegavam a gente porque a gente era ingênua, não digo bobo, mas calouro é ingênuo, a gente não conhece nada, você não sabe em quem você pode confiar. Falam pra mim “Vai lá. Treina lá, amanhã eu te ajudo” ou “amanhã eu te empresto o livro”.. e pra gente essa é uma oferta tentadora, concorda? Porque você está no ninho, sem conhecer ninguém, te oferecem ajuda... Só que no final você descobre que essa ajuda sai muito caro. Vai custando muito caro pra você como pessoa.

Pedro: Se é que essa descoberta ocorre né...

“EU NÃO TENHO DINHEIRO PRA FICAR PAGANDO CERVEJA DE VETERANO”

Helena: É, se ela ocorre... Talvez no final você acaba recebendo algum benefício disso. Assim, a maioria das pessoas que eu conheço que largaram a atlética é porque acabaram descobrindo que aquilo não fazia bem pra elas. Que ela não tava mais recebendo nada. Você espera, se dedica e tal até o momento em que você percebe que está sendo prejudicado. A partir do momento que você descobre que aquilo não é verdade... Eu, por exemplo, larguei a atlética por N motivos. O meu primeiro foi financeiro. Por que eu não tenho dinheiro nem pra pagar a faculdade, quem dirá então pra ficar pagando a cerveja dos veteranos. Eu pagava, mas a muito custo. E aí, todo mês era assim, todo dia na verdade: Conta de... Ah, eu ia no Cíço... A conta de ontem da cerveja deu 500 reais. E aí começa assim, o pessoal da sua própria sala dar trote em quem não participa. Começa a formar um grupinho da sala e esses falam assim “você, meu amigo aqui da sala, não vai contribuir? Tá querendo ferrar seus amigos?” E beleza, pode até dar 50 centavos por

dia, mas contabiliza isso em um ano. E pra quem não tinha dinheiro pra pagar a faculdade, que era o meu caso, ficava muito apertado. Ai chegava a Intermed ou Calomed e você tinha que comprar a mala, que custava mil reais, não era isso?

Pedro: acho que uns 300.

Helena: Que seja, eu não tinha esse dinheiro. Aí os meus amigos falam assim “você não vai? Não vai porque esta com medo do trote”. E eu respondia que era porque eu não tinha dinheiro para pagar. E eles falavam “a gente divide”. E eu tentava explicar que mesmo depois eu ia continuar não tendo dinheiro para pagar. Não adiantava dividir. E aí era a bola, a mala, era o agasalho, era a camiseta, era a cerveja... Pra mim, pesava muito isso, muito, muito. Eu treinava nataçãõ. E ao invés de eles me te tratarem bem lá, pra você aderir a equipe, você era super mal tratada. Assim, do tipo dos veteranos não olharem na sua cara.

Clara: você era ignorada.

Helena: É ignorada, você entrava e era como se ninguém te visse.

Professora: Você pensou em desistir em algum momento?

Helena: Da faculdade? Sim. Bom, primeiro eu pensei em desistir porque eu não tinha dinheiro pra pagar, né?

Ana: Teve épocas que meu pai virou pra mim e perguntou “filha, 100 reais por dia está bom pra você?”

Clara: E nem dava, nem dava...

Helena: E eu também desisti de participar quando eu vi que tinha outros meios de ser útil para a faculdade. Quando eu descobri isso, que se eu não participasse da

atlética eu não seria ignorada e que eu ia ter amigos... Quando eu descobri isso, eu larguei.

Professora: E o que você acha que faz com algumas pessoas ainda fiquem na atlética, se essas coisas prometidas nunca chegam?

Helena: Talvez eles continuem porque é legal ser da atlética. A faculdade vê isso como uma coisa legal, as pessoas da faculdade veem isso como uma coisa legal. E eles formam um grupo mesmo. Então assim, eu acho que tem as coisas ruins e tem as coisas boas. O pessoal da atlética, tudo bem, eles podem ser sei lá o que, mas eles se unem. No bem ou no mal, eles se unem, nem que eles tenham que apanhar por isso, mas eles se unem. Eles são unidos e organizados. Entendeu? Então eles fazem isso parecer de uma forma legal. E isso dá um parecer pra pessoas de que é legal ser da atlética. E tem também o pessoal que fica porque gosta de treinar e ponto. Eu tenho uma amiga que gosta, adora, treinar, e não porque ela concorda com as coisas da atlética, tipo calouro pagar cerveja para veterano. Não, ela acha super legal treinar e se da super bem com o pessoal do time. Então, beleza, não tem porque não ficar lá.

“O CALOURO VAI COM A MANADA”

Membro da Atlética: Eu tenho muita coisa pra falar, na verdade. Primeiro porque que eu acho que o calouro, quando entra na faculdade, participa do trote. Por não conhecer nada. Ele vai com a manada. Por quê? Porque quem tomava conta do trote antigamente eram os alunos. Acho que esse foi um ponto para o sucesso que a gente teve esse ano. Não foi aluno quem liderou o trote, foi a Diretoria. Eu acho que esse foi um ponto fundamental para essa mudança. Se deixasse na mão dos alunos, caia na

hierarquia, e acabou. Entram 100 alunos, que olham para mais cem veteranos falando “vamo lá pro Ciço”, acabou. Vai que nem uma manada. Isso é uma falha da Diretoria que acontecia, porque a Diretoria antes não estava nem aí. A Diretoria virava as costas para o problema. Eu acho que o problema é deixar nas mãos dos alunos e a Diretoria se isentar. E a falta, claro, de conhecimento do mundo que você tem quando você entra na faculdade. Eu sou membro da atlética e eu não acho que os alunos na faculdade tenham que servir só a atlética. Eu acho sim que ele tem que engrandecer o nome da sua instituição. E ele pode fazer isso de diversas maneiras. Eu sou amigo do Pedro para caramba. E ele não treina. Mas eu acho que o trabalho que ele faz para o COMU fantástico, fabuloso, fenomenal. Hoje o nosso congresso é o maior do Brasil porque pessoas como ele trabalharam, trabalharam para ser o que o nosso congresso é hoje. É maravilhoso, eu adoro. Sai o dia em que começa e eu já estou fazendo a inscrição. Uma coisa que eu peço porque tem que diferenciar, porque envolve pessoas, é você ser da atlética e você treinar. Certo? Quando você fala que quando você era calouro você era da atlética... Não, você treinava. Quando eu era calouro eu adorava treinar. Na minha CALOMED eu fiz porque quis todos os esportes, eu treinava e treino até hoje com grande prazer. Agora, você treinar e você ser da atlética têm uma grande diferença. Eu concordo que tem pessoas que treinam porque gostam (do esporte), tem pessoas que treinam porque criaram gosto, e tem gente que treina porque gosta da convivência. Talvez não gostem de treinar, mas gostam das pessoas que estão lá. Porque isso faz parte. A gente não pode ignorar esse lado do ser humano também. Da convivência da pessoa. A gente não pode ignorar esse lado do ser humano. Eu vou repetir: isso não envolve só a atlética, envolve outros órgãos também, certo. Tem que deixar isso bem claro. Outra coisa que ela falou, porque que você acha que as pessoas

continuam sendo da atlética. Eu falo por mim. Sempre perguntam pra mim “Ou, porque que você virou membro da atlética, porque você tomou trote?”. E eu nem fui um dos caras que mais tomou trote da minha sala. Eu tomei trote, me submeti, justamente por essa coisa, eu não sabia de nada, fui com a manada. Tem um certo limite que eu, junto com alguns amigos meus que eu não vou citar nomes, porque acho que não tem necessidade, colocamos. Nós impomos os nossos limites. Tem uns que tomaram mais, uns que tomaram menos. Isso não vem ao caso. Agora porque que as pessoas continuam na atlética. No meu caso, eu vi isso muito e também das pessoas que estavam ao meu lado, meus amigos que são mais próximos da atlética, a gente faz por que a gente ama o esporte. Eu não vivo para o esporte, mas o esporte me faz viver. Eu amo o esporte, eu acho o esporte um reflexo da vida. Ele te trabalha, te forma personalidade para você enfrentar certas situações na vida. Eu sou contra o trote, nunca dei trote, sou totalmente contra o trote e por isso vim aqui com o maior prazer pra falar sobre isso. Só que eu virei membro da atlética justamente para potencializá-lo. E é um lado que, se a gente quer ser uma faculdade tão grandiosa, a gente não pode ignorar, de maneira nenhuma. Certo? Então, como tem pessoas que nem ele, que assumem o COMU, como tem gente que assume o DA, como tem gente que assume o Sorrir é Viver, cada um assume o que acha que pode ser melhor. Eu acho importantes todos esses órgãos, mas eu também acho importante o esporte, e por isso que eu assumi a atlética, justamente para poder dar uma potencializada no esporte. Certo? E acho que essa questão de estar dando certo esse ano em relação ao trote eu acho que é pela nova postura da Diretoria. Da liderança da comissão de recepção. Da conversa entre os órgãos. Porque esse ano a comissão fez a semana de recepção estruturada. E os resultados estão aí. E eles são positivos para a atlética. Esse ano a gente ganhou

a CALOMED. Tem resultados positivos para o DA porque as pessoas têm interesse para ser do DA. Tem resultado positivos para todos os órgãos. Como na época do relato eu era calouro, eu concordo. Tinham momentos tensos sim. Tinha momentos em que você ficava com medo sim. Por quê? Porque não tinha ninguém superior olhando tudo isso. Ou liderando. Deixava na mão de quem tinha um falso poder. A hierarquia ela existe e eu acho que ela deve existir no sentido “essa pessoa é mais velha, ela vai me ajudar, ela tem algo a me ensinar”. Mas não no sentido de que essa pessoa seja melhor. Eu sou hierárquico ao meu pai. Meu pai tem muito a me ensinar. Eu devo respeito ao meu pai. Eu acho que aqui as pessoas confundem a hierarquia. Daí que eu acho que tem que ter alguém da Diretoria não deixando isso acontecer. Senão acontece igual a todos os anos.

Helena: Mas posso falar só um negócio? Respeito a gente não exige de ninguém, a gente conquista.

Membro da Atlética: Justamente, eu respeito uma pessoa mais nova, desde que ela me ajude. O fundamento da hierarquia é justamente você ajudar para ele te ajudar.

Ana: Às vezes quem dava o trote era uma pessoa tão mais velha que não tinha mais nada a ver com a atlética. E queima o filme deles.

Membro da Atlética: Queima totalmente. Eu acho que isso é uma coisa que a gente tem que mudar que eu tenho que mudar. Desvincular. Porque os eventos sociais quem organiza? É a atlética? É a atlética.

Helena: É que é diferente. A gente vê um grupo fechado. Então, a atlética a gente vê como um grupo fechado. E se tem três pessoas que são sem noção lá dentro, e fazem alguma coisa lá dentro, de quem vai ser o nome? Da atlética inteira. Então aí também entra o preconceito. E tem

preconceito dos dois lados. “Ah, você não participa, blé” ou - “Ahhhh, você participa...”. Então eu acho que você tem que conhecer, sabe? Mas o calouro acha isso por quê? Ele entra na faculdade e não conhece nada. Então se alguém da atlética dá o trote nele, na cabeça dele fica que a atlética é horrível. Só dá o trote. Mas depois com os anos você vai aprendendo que não é todo mundo que não presta, que tem gente que não é da atlética e que também não presta.

“PARECE A INQUISIÇÃO: VAMOS QUEIMAR AQUELES QUE PENSAM DIFERENTE”

Pedro: eu acho que o que acontece aqui, a professora sabe... Eu gosto muito de olhar a nossa faculdade, a nossa comunidade acadêmica como uma visão social. E eu acho que o que se reproduz aqui, é o que a gente vê se reproduzindo ao longo de toda a nossa história. Tomando por exemplo a formação da igreja católica. Se você for olhar, era um grupo que partia do seu princípio de fé, e que tinha o seu ritual de iniciação naquela fé: batismo. Se a gente for passar isso para a atlética. Um grupo inicial partiu de determinados princípios: o esporte, a prática do esporte, as confraternizações, a representação da faculdade em certos eventos... E eles tinham o seu ritual de passagem. E essa história teve o seu sucesso, mas começou a apresentar problemas, como a própria igreja católica também apresentou. Começam os escândalos, começam as relações mais políticas, começa até a própria violência né? O período da inquisição. Como aconteceu com a própria atlética. Você vê um período em que as pessoas se perderam nesses ritos de iniciação. Como “agora vocês todos tem que ser católicos”, tribunal da santa inquisição, “vamos queimar todos aqueles que pensam diferente”. E talvez em algum momento na nossa própria faculdade isso

tenha ocorrido porque isso é um pensamento próprio do ser humano. Por quê? Quando uma comunidade percebe que a sua estrutura, a sua forma de pensar, a sua forma de interpretar é benéfica para ela, não significa que é benéfica para todos, mas se que é benéfica para ela, naturalmente as pessoas quer o que? Compartilhar. E às vezes as pessoas perdem o limite entre o compartilhar e o impor. E acabam impondo. E aí quando a gente tem gestões como a atual, que começam a mudar esse tipo de visão, tentando, por exemplo, não obrigar os calouros irem aos eventos, ou vamos fazer com que os calouros não tenham que pagar as cervejas dos veteranos, vamos fazer com que os calouros que queiram treinar são os que vão treinar mesmo... Fica um ranço que já ficou. Então as pessoas continuam olhando para a instituição atlética muitas vezes pela óptica daqueles que já fizeram parte. Então às vezes a atlética nem tem mais aquelas posturas inibitórias, coercivas e violentas, mas é um histórico de 10 ou 20 anos que ainda assombra a instituição, de certa forma como na igreja católica. Você olha, para os sacerdotes católicos com aquela óptica de instituição opressiva. Não que não ocorram os erros. Erros sempre aconteceram. Porque nós somos seres humanos. Se não nós não estaríamos na Medicina ABC nem aqui na terra. Erros sempre vão acontecer, mas nós ainda olhamos isso com aquela postura inquisitorial. Agente olha pra igreja com a óptica coerciva, retrógrada, limitada, que quer impor a sua visão, como a gente olha muitas vezes para as nossas instituições. Então eu acho que é uma construção social que precisa começar a ser mudada. E infelizmente muitos alunos falaram que a postura que foi tomada pela atlética foi radical, que foi uma postura revolucionária. Só que, infelizmente, muitas vezes, para a gente ter sucesso e mudar uma visão, a gente precisa de um Iluminismo. E o que aconteceu na nossa faculdade, com certeza, foi um iluminismo. Foi uma revolução. Poderia ter partido dos

alunos? Eu gostaria muito que esse tipo de postura tivesse partido dos alunos. Não partiu, infelizmente, como o próprio membro da atlética colocou, partiu de uma estrutura um pouco superior na hierarquia, a Diretoria, os professores. E eu acho que o calouro, o primeiro anista, se submete muito porque é natural do ser humano tentar passar por esses ritos de iniciação. Sempre que você se aproxima de uma instituição nova, de um período novo, você quer passar por algo que marque esse período. O problema é quando a pessoa começa a se despersonalizar por causa desse rito de iniciação, ou seja, ela começa a perder aquela identidade que ela tinha...

“SANGUE E DOR?”

Pedro: Quando a pessoa começa a perder o referencial que ela tinha dela mesma e começa a se submeter a essas violências que ela acaba identificando como uma coisa necessária para marcar esse período dela. Eu estava conversando com um professor que compara muito essa situação com o período em que a menina se transforma em mulher. A menarca. Quer dizer, é um período marcado por sangue, é um período marcado por dor, mas é também um período importante para ela, porque ela se transformou mulher. Mas será que sempre vai ter que ser assim? Quer dizer, será que sempre vai ter que ser marcado por sangue e dor? Será que a mulher não podia ter outro tipo de experiência para se transformar em mulher? Será que o calouro, para se sentir parte, sempre terá que passar por esse período de experiência de dor, de constrangimento, de humilhação? E eu acho que é como o membro da atlética colocou. Esse ano está se mostrando que não. Quer dizer, calouros que de certa forma não foram obrigados a treinar, que tiveram outro tipo de recepção foram e se empenharam

em seus treinos, ganharam. Então é uma revolução. E eu espero que isso seja uma nova forma da gente marcar esse início. Porque afinal de contas é uma experiência que tem que ficar preservada pra sempre na pessoa e fazer parte do caráter dela e não desconstruí-la. Eu via o trote como uma desconstrução total. Até a questão do cabelo meiado todo mundo, com a camiseta da atlética. Quer dizer, você tenta criar um espírito muito mais do que de grupo porque o grupo respeita a sua individualidade. Ele faz com que a sua individualidade faça parte do todo, e não que o todo seja a sua individualidade. Criava um espírito de corja. Muitas vezes descaracterizava a pessoa como futuro médico. E as pessoas falam que não, que se submeter a esse tipo de agressão, fazer parte desse tipo de recepção, não dita o médico que você vai ser no futuro. Eu discordo plenamente, plenamente. É uma forma de você marcar o seu caráter e as suas atitudes para sempre.

João: É o ultimo molde

Pedro: Exatamente, é o ultimo molde. Ultimo molde para a forma como você vai interagir com o seu paciente, é o ultimo molde como você vai aprender a interagir com as pessoas, é o ultimo molde que você vai aprender a vincular uma informação. E aí ainda falam “Ai, por que será que ainda tem tantos médicos arrogantes, que não sabem escutar o paciente, com aquela medicina paternalista, que impõe para o seu paciente o que o médico acha melhor?”. E ainda fica aquela luta entre os médicos de quem tem o ultimo parecer, quem é a ultima bolacha do pacote. Será que o trote, ou as recepções de calouros como são feitas, será que muitos desses médicos não tiveram influência? Mostrando para eles que a partir daquele momento eles estavam entrando no mundo da medicina, e que é assim que você tem que se comportar no mundo da medicina.

“QUANDO VOCÊ TIVER NO INTERNATO, SEU VETERANO VAI TE AJUDAR”

Helena: É verdade. Se eles colocam pra você que você tem que se comportar dessa maneira, que você só vai ser aceito na sociedade médica se for desse jeito e que se você não respeitar os seus veteranos eles não vão te ajudar... O que eles colocam na sua cabeça no primeiro ano é assim “aí, quando você tiver no internato, seu veterano vai ajudar a fazer parte lá”. E você, inocente de tudo... Imagina essa folha branca aí. Tudo que eu jogar nela vai ficar. Ela não sabe filtrar. Quando você chega aqui e é calouro eles te prometem muita coisa. E é a única opção que você tem. Muitas vezes é medo. Você pensa assim “Se eu não seguir esse caminho, eu vou seguir qual?”.

Ana: Você vê que os veteranos passaram por uma lavagem cerebral. Porque eles chegavam e falavam que eu tinha que aprender. Eu acho que educação eu tive em casa. E não é respeito que eles obrigam você a ter, é medo mesmo. Você é obrigado a ser submisso. Porque respeito eu tenho com todo mundo. Eu aprendi isso em casa. Até me faltarem com respeito, eu não faço nada pra ninguém. Agora, eu não tenho que ser submissa a ninguém. Ao contrário do que eles (veteranos) falam, eu não sou vagabunda e, se fosse, também ia continuar não devendo nada pra ninguém. O problema ia ser meu (risos).

Pedro: E outra coisa que eu falo que eu sempre vejo é quanto cada vez mais são pessoas imaturas que entram na faculdade de medicina. São pessoas que não entendem muito bem como funciona o meio. Como ela disse, é uma folha de sulfite em branco. O que você jogar ali vai ficar. E são pessoas imaturas que não tem discernimento para que, se alguém tentar jogar alguma coisa na sua folha de sulfite, você virar e falar não, isso você não vai jogar. Isso

não vai ficar na minha folha sulfite. Quer dizer, voltando mais uma vez para o social. A sociedade esta, que nem a OMS fala, que a adolescência vai dos 10 aos 19 anos. Pra mim, a adolescência esta cada vez mais indo dos seis aos 35 anos (risos). Porque as pessoas estão entrando cada vez mais imaturas e com conflitos existenciais todos entram. Mas eles entram aqui com conflitos de caráter. Quer dizer, como a Helena falou, quem, em sua consciência de seus 20, 21, ou até mesmo 18, 19 anos, vai chegar para o seu colega e falar, que foi o que falaram pra ela “que mancada sua não ir à CALO, deixando todo o time lá sozinho”, sabendo que ela não tinha condição de pagar. Isso é uma imaturidade muito grande. E aquela coisa “a gente divide”... “Mas eu não tenho condições de te ressarcir depois. O meu planejamento familiar impede que eu pague a divisão que vocês fizerem. Nem que seja um real por cada pessoa, eu não vou conseguir”. Eu acho que precisava o que muitos falam: uma triagem psicológica para alunos de medicina. Eu não sei se triagem psicológica veria essa questão da imaturidade. Mas eu acho que há pessoas que deveriam ser um pouco mais experimentadas.

Helena: Posso falar de uma experiência que eu tive? Eu participava, nadava, e aí começou essa história de que eu tinha que pagar esse negócio pra ir pra calo, porque eu treinava. E eu tinha dois motivos para não ir para a CALO: medo, eu tinha muito medo. Porque eu sabia como funcionava. Sabia que a gente ia dormir no chão, passar frio. Dormir não né? Dormir é apelido. A gente não ia dormir.

Clara: dar uma cochilada de 2 segundos no chão

Helena: Exatamente. Eu sabia que se eu era maltratada aqui, com supervisão, dentro do campus, lá fora sem ninguém, só com veterano. eu pensava “eu vou morrer”. Eu vou morrer? Imagina. Não morro. E, além disso, eu pensava

que não ia submeter o meu pai, que estava morrendo de trabalhar, para pedir 300 ou 400 reais pra pagar uma mala. Ia ficar ridículo, né? Aí, o que me colocaram? A equipe de nataçãõ se juntou e comprou um maiõ pra mim. Porque eu não tinha dinheiro para comprar maiõ. Alias não tinha dinheiro para comprar maiõ, touca e óculos... Fora as coisas que eu ia comprar lá também. E aí colocaram como “olha como a gente é legal, a equipe está te dando o maiõ, você tem que ir”. Colocaram-me em uma posição... Que eu pensava “agora eu tenho que ir. Como eu não vou se a sala inteira fez vaquinha para eu poder ir.” A sala inteira também colocou isso pra mim. E eu não fui. Eu não quis passar por isso e foi nesse momento que eu abandonei tudo da atlética, abandonei tudo. Todas as pessoas que treinavam comigo não olham na minha cara até hoje. Assim, hoje a gente cresceu, mas as pessoas que participavam mesmo da atlética não olham na minha cara.

“COISA DE FILME AMERICANO”

João: Eu concordo com tudo o que foi falado aqui. Desde que eu entrei na faculdade eu tento formar uma teoria do porque que isso acontece. Juro, uma coisa que eu nunca imaginei que pudesse acontecer no Brasil. Isso para mim era coisa de filme americano. É uma coisa que me chocou muito. E eu já tinha certa experiência (de vida). Eu estou aqui mais pra falar dos meus colegas porque eu não me submeti e não passei por isso

Clara: No outro curso que você cursou não tinha isso?

“POR QUE O TROTE EXISTE”?

João: Não tinha, não tinha... De forma alguma. Então eu tentei bolar várias teorias. O título do trabalho é “porque as pessoas se submetem?”. Só que eu acho que uma pergunta anterior a essa é porque que o trote existe. Então antes de vocês começarem a falar eu comecei a pensar algumas coisas e várias bateram com o que vocês falaram. Para mim os objetivos do trote são: você tem que amar a faculdade. Essa é a primeira coisa que eles falam. É meio um complexo de inferioridade. Acho que pela faculdade ainda não ter o nome que todo mundo gostaria que tivesse, não tem um nome de uma USP, paulista ou até mesmo Santa Casa, apesar de ser muito boa... Eu acho que eles tentam botar “você esta aqui, você tem que amar isso daqui”. Eles impõem esse amor à faculdade. Outra coisa é ter que respeitar a hierarquia. E isso é uma coisa que eu vejo que pode até ser inconsciente por parte dos veteranos que estão aqui hoje, mas essa hierarquia no mercado de trabalho, ela ainda funciona. Você vai receber benefícios no futuro, mesmo que você não seja tão bom quanto o outro cara. Agora, se você for horrível tecnicamente, se você participou da patota, se você participou do trote, lá em cima eles vão te dar emprego. Isso é fato, e faz parte da teoria do professor da ESALQ. Eles criam uma irmandade. Bom, também tem que treinar e defender com amor e, para isso, treinar soldados que perpetuassem essa missão. E ela dura para sempre, a hierarquia é para sempre. Você nunca vai poder tratar o cara de igual para igual. Nunca. O cara que toma tapa na cara aqui, desculpa, vai tomar tapa na cara de outra pessoa a vida inteira na residência, no mercado de trabalho. Vai continuar submisso o resto da vida. Ele paga o preço de tomar tapa na cara? Paga, mas lá pra frente ele também tem o bônus de dar o tapa na cara. Ele tem a quem respeitar, mas depois de formado ele também vai ter os soldados dele.

Uma coisa muito importante que esse ano mudou foi a questão financeira, garantir o fluxo de caixa da atlética. Essa questão é fundamental. Porque você pega, por exemplo, uma USP, que nem eu que estudei em outro curso, a gente tinha uma renda fixa que pagava os custos, eu sei por que eu participei da atlética lá, de quadra, de treinamento. Aqui não. Aqui você tinha duas opções: ou dividir com aqueles todos que gostassem de treinar ou obrigar os calouros a pagarem. Simples assim. Então, a extorsão que é feita com o calouro no começo do ano era um negócio absurdo. Era um negócio absurdo cobrar por um pedaço de pano, que é a bata deles, 20 reais. Antiga, de mil novecentos e bolinhas, 20 reais. E todo dia tinha gente que tinha que comprar (*risos*). E chegou ao que o pai dela comentou “100 reais tá bom pra você por dia?” Ou seja, o pai dela pagava o dobro do que ele pagava na faculdade pra poder bancar o custo da atlética.

A atlética tem um orçamento anual de 70 mil reais, pra você ter noção. E os calouros no começo do ano tinham que arcar com a maioria disso. Tinham que fazer o caixa do resto do ano.

“NO DA (DIRETÓRIO ACADÊMICO) NÃO HÁ TROTE”

Professora: Quem é do DA não da trote, é isso?

Todos: Não.

Ana: Quando eu era caloura eu ouvi alguma história de que alguém do DA tomou ou deu...

João: Então, mas no primeiro ano, quem dá trote é a atlética. Pela questão financeira, de ter que treinar, de amar a faculdade. Quem é de fora da atlética e dá trote é porque já foi da atlética algum dia. Ou já se submeteu ao

trote algum dia. O ciclo é esse.

Professora: Em algum momento você já se submeteu?

João: Não. No primeiro dia eu vim aqui...

Clara: No dia da lama?

João: Não, não. Não tinha isso. Não tinha lama. A gente ia para o Lelo, que era um barzinho aqui em cima.

O TROTE E A RELAÇÃO COM OS “BOTECOS”

Professora: O que era o Lelo?

João: O Lelo era o dono de um boteco. O Ciço é um boteco, o Lelo era outro boteco. Que era aqui na esquina, um ambiente fora da faculdade.

Helena: No Ciço tinha a casinha do Ciço, que era um funcionário da faculdade. Lá ele vendia cerveja, ganhava o dele, e vendia churrasquinho. E era lá que o trote acontecia.

João: No final do primeiro dia a gente foi pra lá. Eu tava querendo ver como que era. Participar, conhecer as pessoas e tudo. Porque pra mim trote era o que? Fazer pedágio e tomar cerveja todo mundo junto. Para mim trote era isso: integrar, agregar. Bom, aí eu fui e comecei a ver algumas coisas assim, um cara mandando o outro abaixar a cabeça... Aí eu peguei e saí. Nunca bati de frente também. Vi outro cara mandando outro de uma maneira mais forte abaixar a cabeça peguei e fui embora. Mas treinei, até para puxar os meus amigos. Porque eu sempre gostei de esportes e eu acho que esporte é fundamental, muito bom.

Clara: Você conseguiu treinar sem levar trote?

João: Sem levar trote. O pessoal achava que delegado

era advogado (risos). Aí a ignorância dos alunos me favoreceu também né. E eu também nunca bati de frente. Eu fui bem político nesse ponto. Nunca quis bater de frente. Mas escutava algumas coisas dos meninos...

Nesse tal de Lelo tinha um educandário. Que era uma sala lá dentro. Os meninos entravam, tiravam a camiseta deles, botavam eles de joelho no chão e (barulho de soco com as mãos) porrada neles. É um negocio que eu nunca imaginei.

Helena: Sabe que eu acho também? Que o pessoal que já é formado (em outro curso), que já é mais velho, eles não se submetem. A maioria não se submete. Um menino da minha sala também é mais velho, uma menina... Eles treinavam e não se submetiam.

João: Eu joguei sete esportes na minha CALOMED, a gente foi campeã. Essa parte foi muito boa.

Clara: Você meiou o cabelo? Não, né?

João: Não, não. Eu tenho audiência com o juiz no trabalho, como é que eu ia chegar lá...

“A GENTE ENTRA MUITO CRUA”

Helena: É a questão da imaturidade. A gente entra muito cru. 18 anos, imaturo de tudo.

João: entra realmente na adolescência. E o que é um adolescente? Alguém que tem que fazer parte de um grupo. Ele precisa, ele não pode se ver isolado de algum grupo. Acho que esse é o pensamento principal de um adolescente. E ai também vem a insegurança de não fazer parte de um grupo. O medo do abandono, de ficar isolado de todo mundo. Vem a questão da união também...

Porque é impressionante, eles são muito organizados. É uma organização paramilitar e eles trabalham muito o psicológico. Tem muito essa questão “Como é que você vai abandonar o seu amigo? Seu amigo está ali apanhando e você não foi lá”. E você vê que as pessoas em um espaço de seis meses se transformam, realmente, e passam a ver que o trote tem uma finalidade.

Professora: Se transformam como?

João: passam a aplicar o trote no mesmo ano, como foi falado aqui. No ano de calouro você já tem aquele troteiro dentro da sua própria sala.

Ana: professora tem gente que não vê a hora de ser veterano para zuar gente da sala deles. Cria um clima horrível na sala. A chegar ao ponto de colocar o dedo na cara e falar “eu fiz mais do que você”.

Helena: Ah, e também tem “eu participei mais, então eu tenho mais direito do que você”.

“OS MAIS SEVEROS PASSARAM A VIDA SOFREDO”

João: É assim mesmo. Eles pagam todo esse preço “Eu apanhei mais”. O valor da moeda é o apanhar.

Outra questão que agente vê é que aqueles que aplicam mais, que são mais severos, são os que passaram a vida sofrendo, seja bulling... Eram aqueles que na escola eram os mais recalcados. É ou não é? Você pode ver que hoje os piores eram aqueles que gaguejam pra falar, outro que era nerdinho... Você pode ver que são aqueles que mais sofreram na infância. E que entram na universidade achando uma chance de ter um poder que eles nunca tiveram na vida.

Professora: E eles são os primeiros que se submetem?

João: Se submetem... Já se submeteram a tudo na vida. São os que mais se submetem. Tem gente que tomou fezes. Tem gente que literalmente acordou cagado. Dormiam de bêbado e o veterano ia lá cagar neles. Tem um amigo meu que eu sei que fizeram isso nele. E hoje é um dos que mais aplica trote. Então é um ciclo que se a faculdade não chegasse a um momento e acabasse com isso ai iria morrer alguém. Não sei se seria calouro ou veterano. Porque ia chegar uma hora em que calouro ou pai de calouro ia matar um veterano. Se eu sou pai e sei que esta acontecendo isso com o meu filho, juro, eu não sei o que eu faço.

“EU CONTRATARIA UM MATADOR SE FOSSE PAI”

Clara: teve um pai de amiga minha que queria contratar um segurança.

João: Eu não contrataria um segurança, eu contrataria um matador.

Ana: O nosso ensaio técnico era de quinta feira de madrugada. E eu sou de Santo André. Então para o meu pai aparecer aqui na faculdade é 5 minutos. Um dia eu tava na atlética, meu primeiro ensaio técnico, todo mundo ajoelhadinho (risos).

João: Você vê como banalizou? Dentro do que se faz ficar ajoelhadinho é normal.

Ana: É, não é nada...

João: Você vê como os valores vão se perdendo.

Ana: ... Ai meu pai me ligou, e meu pai é muito bravo, e grande. Ele não ia chamar a policia, porque ele sabia que

ele podia resolver. Ele falou pra mim “se um dia eu me irritar eu vou tirar você pelo cabelo e o primeiro veterano que eu ver vai morrer”. E aí na hora em que ele me ligou eu atendi e os veteranos começaram a xingar a gente. Eu peguei, dei tchau para a veterana e fui embora, porque meu pai queria entrar na faculdade. E teve um pai de outro amigo que entrou na faculdade e chamou a polícia, porque em uma quinta feira, 3 horas da manha, você não pode atender o celular, não dá notícia. E você só ouviu história ruim.

Helena: Sabe o que eles faziam? Eles pegam as nossas coisas e trancavam. E você não podia pegar, porque a chave ficava com o veterano. Então você não podia pegar nada pra ir embora. E também tinha a carteirinha de presença...

Pedro: Uma folha de sulfite xerocada que a gente tinha que pagar 10 reais.

“UMA ORGANIZAÇÃO INCRÍVEL”

Helena: Exato, você tinha que pagar também, para mostrar presença, se não no final eles te davam mais trote.

João: Realmente eles chegaram a um nível de organização incrível, tem que dar a mão a palmatória.

Helena: Eu sofria sozinha. Porque se eu chegasse em casa e falasse pra minha mãe tudo o que eu via aqui imagina! Ela ia vir aqui e rodar a baiana. Você não conhece a minha mãe louca. Ela me falava assim “Helena, pega as suas coisas e vamos embora” e eu falava “não dá mãe, que tá trancado, eu não consigo pegar...” e ela respondia “não quero saber, pegue agora, ou eu to indo pra aí” e eu já falava “NÃO, tá bom, eu pego, eu pego” (risos), e dava um jeito de pegar. Fazia tudo para ela não vir. Porque se ela viesse...

“A DIFERENÇA DO QUE É CRIME E DO QUE É BRINCADEIRA”

João: E além da imaturidade, do medo e tudo, uma das coisas principais, e nesse ponto eu batia muito que era falta de informação, tanto de veteranos quanto de calouros, é a diferença do que é crime do que é brincadeira.

Ana: Minha mãe é advogada, e pelas minhas costas, quando eu era caloura, ela chegou a ligar para jornal entre outras coisas. E teve reunião dos pais e ela nunca ficou sabendo disso. Porque eu nunca falei pra ela por saber que a minha mãe ia... Ela falava pra mim que isso era terrorismo psicológico.

João: Esta na cartilha. Não sei se você chegou a ver, a que saiu agora. Está tudo tipificado, e isso foi um passo que eu acho muito importante para o calouro saber e falar “isso você não vai fazer comigo”. Dar um respaldo pelo menos legal, pra falar “Isso não”.

Professora: Você acha que é só falta de informação? Você já falou da questão do poder...

Clara: Falta de uma autoridade apoiando.

João: E o que eu acho que é o maior prejuízo é você mudar a personalidade da pessoa para o resto da vida. Porque os mais imaturos, eles são moldáveis. Cansei de ver gente que seria super gente boa se vivesse em um ambiente positivo. Mas como ele foi inserido em um ambiente extremamente negativo, com valores extremamente distorcidos, ele passa a ser um crápula que será assim para o resto da vida dele. Querendo impor as coisas na vida profissional, na vida familiar, da forma como ele viu que deu certo aqui.

“CONFLITOS DE PERSONALIDADE”

Pedro: Uma das coisas que eu ia comentar é exatamente isso. Fazendo parte da presidência do Congresso, até a Helena também pode falar, a gente percebe um conflito de personalidades. E a gente percebe que muitos dos nossos amigos, amigos que às vezes vinham de cursinho, até de colégio, a gente olhava e falava “O que aconteceu com essa pessoa? O que - aconteceu-com-essa-pessoa? Aonde fulano de tal se perdeu? Onde ele ficou? Onde está o meu amigo, que eu conheci no meu 2º, 3º colegial? Aonde”. E depois agora fazendo parte da presidência do congresso, eu olho para pessoas que no meu 1º ano eu não conhecia, mas que fomos interagindo, porque eu fiz parte até a CALOMED. Depois da CALOMED eu falei chega, eu não queria mais fazer parte disso. Porque para mim era uma coisa muito clara: eu ir treinar e no ano seguinte receber calouros e falar para eles irem treinar, ir em ensaio da bateria, era como se eu tivesse colocando um selo de aprovação. Então eu pensei “pode vir a retaliação que for, eu não vou treinar, não vou aos ensaios de bateria, não vou nem nas festas- não fui nem na minha festa de calouro- eu não vou colocar um selo de aprovação nisso que eu reprovoo totalmente”.

Participando e olhando para essas mesmas pessoas que fazem parte do congresso, eu penso: nossa, onde ficou aquela pessoa que poderia ter posturas extremamente diferentes e não tem? Exatamente como o João falou, pessoas que falavam “ah, quando eu for veterano eu vou mudar, eu vou tratar o calouro bem, de outra forma” e que você olha no congresso com umas posturas que você tem que chegar e falar “Ou, Acorda! Aqui você não vai tratar as pessoas assim” e elas ainda falam “Ah, mais é só assim que calouro entende” e eu disse “Não, não. Não é assim que cachorro entende, não é assim que tartaruga entende, não é assim que ser humano vai entender. Você vai tratar ele

como um ser humano, que tem lobo frontal, que consegue raciocinar, que tem um neurônio motor e consegue exercer funções” (risos). Então você vai ligar pro calouro e falar “Oi, tudo bom? Boa tarde, você pode me atender agora? É assim que você vai tratá-los”. E eles respondiam “Mas não é assim que calouro entende. Começa a tratar calouro assim, eles começam a ter muita liberdade”. Eu já cheguei para pessoas e falei “Onde está a fulana de tal que eu conheci no primeiro ano e que falava que quando fosse veterana gostaria que as pessoas tivessem mais liberdade?” E a resposta é o que já foi falado. “Ah esse sistema não dá certo. O que dá certo mesmo é a gente impor, porque na medicina é assim que funciona, se a gente dá muita liberdade, as coisas desandam. Então agente tem que vir com mais autoridade mesmo, porque é assim que funciona que o ambulatório funciona, é assim que o hospital funciona, é assim que funciona na sala de aula e é assim que tem que funcionar aqui”.

“VOCÊ VAI SER UM CUIDADOR DE GENTE? O QUE PASSOU SEIS ANOS FAZENDO?”

Uma das coisas que também me deixou muito chateado não foi à palestra do promotor, que eu achei genial, mas sim olhar para a cara de alguns veteranos e perceber que no final do sexto ano deles eles se perguntavam “isso não pode fazer? Isso não é brincadeira?”. Dava vontade de virar para essas pessoas e perguntar: Meu Deus do céu, o que você passou esses seus seis anos fazendo? Você vai ser um cuidador de gente... Você quer uma parabenização por tratar as outras pessoas como ser humano? De uma forma que você sempre deveria ter tratado? Você quer alguma parabenização por ser um ser humano que daqui a quatro meses vai ser cuidador? Porque sinto muito, você não vai salvar vidas, você vai cuidar de vidas. É isso? Porque pelo

amor de deus me explica. Eu estou com um hipoacusia, estou delirando, alguma coisa esta errada. E foi ver essa cara deles que me deixou assustado. Ou até mesmo como já foi falado, alguns deles achando ridículo. Ridículo o que? Informação é ridículo? E esse vai ser o médico que não vai orientar a paciente dele a usar camisinha, porque ele vai achar ridículo ter que orientar alguém sobre isso. Esse vai ser o médico que não vai falar para o senhorzinho que ele precisa prestar atenção em seu jato urinário, porque é ridículo falar dessas coisas. Vai ser o médico que não vai perguntar para o adolescente como ele está indo na escola, porque afinal médico não esta lá pra resolver isso, mas para tratar a dor, dar mais um Omeprazol e abraço até a próxima consulta. Isso molda a personalidade da pessoa. E você acaba vendo gente no sexto ano com uma personalidade transformada quando não poderia ser assim. Você olha gente de outros cursos, como turismo, direito e vê que tem uma melhor mentalidade para ser médico do que esses. Minha vontade no primeiro ano era chamar todos os meus amigos que optaram por fazer direito e falar “Gente, vamos fazer um intercambio de escola? Vocês vão fazer medicina e quem tá lá vai fazer direito?”.

“ESPÍRITO DE GRUPO”

Helena: Sabe o que tem também? É uma coisa pessoal que eu noto. Muitas pessoas têm uma fantasia, não sei se é um personagem. Então quando você encontra com a pessoa assim no grupo...

João: é o espírito de grupo, né?

Helena: Espírito de grupo! Aquele negócio de adolescente que quando esta em um grupo encara uma personalidade e quando está sozinho é calminho, te trata

bem. Ou quando ele precisa de um favor seu... Porque sim, eles precisam de um favor seu. Ai eles falam “Ah, por favor,”...

João: E é um prejuízo enorme, para o nome da faculdade. Enorme para aqueles que desistem da faculdade por causa do trote. A gente perde muita gente boa.

Ana: Meu namorado é da atlética. E assim, eu participei e tal, mas no segundo ano eu percebi como isso era a coisa mais chata do mundo (risos). Sempre as mesmas pessoas, todo mundo chato, aquele suco com a água da privada...

Professora: Como é que é?

João: É que eles fazem o Kossucos com a primeira água que aparecer.

Ana: E é assim, na sala dele teve um monte de problema. Porque toda a sala teve denúncia, é a maior mentira isso (de que só na sala dele que teve). Na minha sala teve denúncia, aposto de que na de vocês também teve, só que na sala deles foi a única em que pararam para escutar.

João: é que a diretoria mudou e as coisas melhoraram.

“OS DA 42 PAGAM O PATO ATÉ HOJE”

Ana: E, assim, o quanto ele (o namorado), fala mal de gente que era amigo dele... Porque chegou na hora, o cara foi e falou, falou tudo que aconteceu com ele, e o que ele viu acontecendo com os outros. E o meu namorado fala “Pô, o cara levou a gente na mão, falou coisa que nem aconteceu com ele” e eu respondo pra ele que ele não é obrigado a falar, mas que eu acho isso um crime, você vê

tudo isso e se omitir. E ele não tem esse discernimento. Eu ainda tento dar um toque né? Mas é assim, eles se juntam, o pessoal da atlética, e eu fico lá, no meio... E assim, como a denúncia deles (da 42) surtiu efeito, os veteranos pegam o troféu da CALO deles quebram, cagam dentro. E para eles isso é uma puta ofensa. E eles jogam a culpa disso naqueles que resolveram falar, porque eles não aguentavam mais. Tá destruído o troféu deles. E eles ficam super chateados. E eu entendo... Os que hoje são da atlética dessa turma pagam o pato. Eles escutam até hoje “sua sala é uma bosta”.

Clara: Quando alguém fala “Ah, ele é da 42” respondem “42 não, 42 é uma bosta”.

Ana: Só que eles falam isso pra eles né? (pra quem é da 42 e da atlética). E eu não tenho nada contra, porque eu denunciaria também. Se tivesse alguém para me ouvir quando eu era caloura falaria tudo o que fizeram comigo e com os meus amigos, porque eu acho que tudo isso é um absurdo. Mas não são eles (os que denunciaram) que ficam lá para ouvir.

João: É mais um motivo para trabalhar bem esse segundo ano. Para a diretoria valorizar bem esse segundo ano.

Pedro: Nossa, demais.

Helena: Quando estava nessa época de denúncia, agente foi conversar com os calouros que hoje são do segundo ano. A gente falava “Olha, fala o que você tem que falar”. E olha isso, o pessoal que tinha sofrido o episódio da pimenta, eles falaram que eles sofreram, mas eles falaram que não iam denunciar.

Ana: Só que um menino levantou a mão e confirmou tudo, e até hoje tem quem odeie ele.

Paulo: Eles jogam muito, muito com esse psicológico.

Pedro: É uma coisa bizarra que foi uma experiência que agente teve há umas duas semanas. A gente estava em uma aula de moléstias infecciosas no Mario Covas. Quando a gente chegou à clínica da aula e viramos, eu tenho a imagem nítida, que quando eu fui cumprimentar o professor eu vi o grupo de internato em pé. Quem era grupo de internato? As benditas criaturas que fizeram tudo isso (trote) e mais um pouco, quando eu era calouro. Eu sabia que uma hora esse encontro ia acontecer. E a gente começou a aula prática, quando veio um deles e falou “Você conseguiu auscultar a broncofonia da paciente” e eu respondi que não. E ele falou “então vem aqui que eu te ajudo”, e mostrou para mim como fazia. Eu pensei “todo mundo tem o seu dia de graça... ou ele vai querer algum certificado do congresso” (risos). Depois, quando a gente foi discutir o caso eles falaram “professor, eu acho que eles não entenderam, posso explicar?”. Quando o professor perguntou qual é a coloração tal, eles responderam que a gente ainda não tinha tido isso, e começaram a explicar a coloração para a gente. Acabando a aula, esse mesmo grupo chamou a gente pra auscultar a paciente e outro paciente com tuberculose. Levaram a gente para fazer o exame com a gente. Depois, não satisfeitos, ainda foram falar para a gente o que costuma cair geralmente na prova.

Então, o que acontece, é um grupo de internato reduzido, de cinco pessoas. Porque que eles estavam com esse espírito solidário? Agora pega essas cinco pessoas e coloca um copo de cerveja na mão e junta com as outras 15...

Helena: Ai vira o bicho...

“É IGUALZINHO O HIGH SCHOOL”

Pedro: ...ai não dá. Você não existe, vira aquela terminologia que tem, pau-no-cú. Alguns ainda dão um tchauzinho discreto, outros nem olham na cara.

Helena: é feio ser amigo de pau-no-cú. É feio. Se você é da atlética (e amigo de pau no cu) você disfarça.

João: Professora pegue o filme americano de High School. É igualzinho. É impressionante.

Pedro: E ainda mais ano passado quando fizeram aquele agasalho do tipo americano de beiseball eu falei “Pronto, está aqui. Vamos filmar um dia que vão pensar que agente esta num campus norte Americano”. É idêntico. Se tivesse armário aqui, eu tenho certeza que um dia teria papel higiênico usado no meu armário...

Helena: Tem gente que me conhece, do DA ou do COMU, e me cumprimenta quando eu estou sozinha, quando não tem ninguém olhando. Quando tem alguém da atlética junto, eles passam reto.

Professora: Esse episódio da pimenta foi o mais grave que já aconteceu? Foi a única vez?

Todos: Não. Foi só a primeira vez que foi denunciado.

Clara: Era tradição né? Pra começar. Parou um período de uns três anos, em que não tinha. Acho que a ultima tinha sido a 38 e voltou na 42.

“UMA PIMENTA NO SEU ANUS É TRADIÇÃO?”

Pedro: E outra coisa que a gente percebe é que as pessoas não sabem, definitivamente, o que é tradição. Elas não vão ao dicionário. Eu já perguntei se eles queriam de

presente um dicionário. Porque uma vez eu escrevi um texto para o Newceo ou para uma pós de um professor em que eu ajudei, e tradição, que vem do grego, significa você entregar um presente para alguém. Entregar um legado, um presente. Agora, uma pimenta no seu anus é um presente? Eu já perguntei para algum deles “Você daria de presente uma pimenta no anus para o seu pai, para a sua mãe?” (risos). Eu falei mesmo, e eles responderam “Ah, não, veja bem...” e coloca aquele tipo de discurso de que o calouro precisa ser submetido a diversos tipos de experiência, que o calouro precisa aprender a peitar uma ordem porque no internato eles terão que fazer coisas muito piores. E eu falei que eu realmente imaginava um professor pedindo para os alunos colocarem pimenta no anus. (Irônico). Aham, tá, eu realmente imagino (risos). Acho que isso deve ser uma coisa muito frequente no internato e na vida profissional de uma pessoa. E eles falavam “Ah, você não entende” e eu respondia que realmente eu não entendia essa agressão.

Pedro: e eles falam sem conhecimento de causa. Eles não têm experiência de vida. É muito curioso que eles chegam e falam “no primeiro ano você não precisa estudar nada, você não vai usar nada disso aí na sua vida”. Como se eles já tivessem 20 anos de profissão. É muito engraçado. Porque quem fala isso é alguém do 3º ano para alguém que esta no 2º ano. E quando eles falavam isso para mim eu dava risada. Vou falar o que?

Ana: Falavam pra mim que aquele professor não deixava ninguém de segunda época...

Pedro: “Já aprendeu o que é a tróclea do fêmur? Você nunca mais vai estudar isso, não serve para nada” ou “Bioquímica pra que? Vai embora para a casa” quer dizer eles não falavam pra você ir pra casa, eles mandavam você ir para o campo, ir lá socializar com eles, porque eles queriam “conhecer” a gente.

“DEPOIS O PESSOAL TE COLOCA NA RESIDÊNCIA” (?)

João: Nesse ponto tem até uma contradição. Aliás, eles entram em contradição a todo o momento. Essa questão deles falarem que a gente tem que mandam o nome da faculdade pra frente. Tem jeito melhor do que levar o nome da faculdade com um “A” no ENADE? A INTERMED é importante? É importantíssima, treinar para quem gosta. Mas não tem nada melhor do que você colocar o nome da sua faculdade, que serve pra te formar médico, no topo das faculdades médicas. E isso é um contracenso, você estimular o calouro a não estudar logo no 1º ano. E depois eles ainda falam “depois o pessoal te coloca na residência”...

Mas eu to muito feliz. Muito feliz mesmo com a mudança desse ano. Precisa continuar com o olho bem aberto, porque quem foi rei nunca quer perder a majestade.

Helena: Eu quase chorei. Porque quando eu era do DA a gente tentou fazer uma pizzada para os calouros. A gente tentou até o ultimo segundo. Segurando as pizzas dentro do carro, e eles (da atlética) tentando quebrar os vidros do carro.

Pedro: Eles não queriam nem roubar a pizza para levar para a atlética, eles queriam destruir as pizzas. Porque era inadmissível o diretório acadêmico fazer um evento com calouros em maio.

Helena: Ridículo. E eles falavam “é o meu dinheiro, o dinheiro do DA que esta pagando essas pizzas” e eu respondia que não era, que era o meu dinheiro mesmo. E eles falavam “Não, não, quero ver de quem é esse dinheiro que esta pagando essas pizzas”.

“A GENTE NUNCA IMAGINOU QUE IA SER TÃO BEM RECEBIDO.”

Agora, quando eu vi esse ano o DA lotado, porta aberta, porque a gente não teve que trancar a porta, a Diretoria lá... foi fantástico! E a caloura virou pra mim para falar “Eu queria parabenizar vocês porque agente nunca imaginou que seríamos tão bem recebido”.

João: Antes a gente tentava fazer essa aproximação, mas não dava porque o pessoal da atlética, ou que já foi da atlética não deixava.

Helena: Eles invadiram o DA com a bateria, imagina que cena ridícula. A gente segurando a porta de um lado... Eu estava lá embaixo porque eu fui pegar as pizzas. E eles quase quebraram o carro. Porque a gente foi pegar a pizza lá na entrada e, quando a gente voltou, já tinha vários veteranos na escada do DA e eles não deixaram a gente subir com as pizzas. Então não tinha como a gente subir com as pizzas nem muito menos como os calouros pegarem as pizzas. E ficou todo mundo morrendo de fome... E o pessoal do DA lá, segunda a porta de dentro com o pessoal de fora, da atlética, batendo para entrar.

Clara: Sabe o que eu pensava antes? Porque quando eu entrei, eu participei e tal, mas eu não queria ser da atlética, apesar de que queriam muito que eu fosse. E eu nunca quis, porque é a maior cobrança, você é feito de escravo. E aí me perguntavam “Por que você não é do DA” e eu pensava que não adiantava nada ser do DA porque quem ia me cobrar era a atlética, porque o pessoal do DA não conseguia fazer nada. Eu tinha muito essa ideia. E eu achava isso um absurdo, o DA não conseguia fazer nada. O DA não tinha voz. Então você ser do DA ou da atlética era a mesma coisa.

João: Eles (atletica) são muito organizados. Eu não sei como está hoje, mas eles são muito organizados. Eles têm uma capacidade de comunicação entre eles e eles se doam 24 horas por dia a isso. Diferente de quem é do DA, que quer estudar também, né?

Ana: Eles não estudam para as provas. Tipo, eles tem prova de fisio amanhã e começam a estudar hoje.

Helena: E o trabalho do DA esta por trás. Pouca gente vê o trabalho do DA.

Clara: É quando eu era caloura eu achava que não era nada.

Clara: Você tem que ficar nos ensaios sempre. Não dá. Que eu estaria no segundo ano e que não precisava estudar. Que dava pra levar. Eles me ligavam o dia inteiro pra fazer todo do atletismo. Eu pensei “como vou estudar?”. Segundo ano, cheio de provas, é um absurdo. Eles falam como se estudar não fosse nada.

“É MELHOR SER PAU-NO-CÚ DO QUE SER PAU MANDADO”

Helena: É, eu e minhas amigas queríamos fazer uma camiseta escrito: É melhor ser pau-no-cú do que ser pau-mandado (risos).

João: (risos) Meu Deus, por que vocês não fizeram. Essa frase é fantástica.

Helena: a gente achou que seria um pouco agressiva (risos)

Pedro: Pensamos que ia causar muitas comoções (risos)

**“OS DMs (DIRETORES DE MODALIDADE ESPORTIVA)
VIRAM ESCRAVOS DA ATLÉTICA”**

Ana: Com essa história da hierarquia, a diretoria (da atlética) acaba não fazendo muita coisa, e jogando tudo para os DMs. Os mais velhos viram para a diretoria e falam “quero DJ Manteiga, isso e aquilo”. E a diretoria pensa “Putz, tenho que conseguir tudo isso, com um dinheiro de rifa”, e joga tudo para os DMs.

Clara: DM tem que fazer tudo. Jogam todos os pepinos pra cima dos DMs. Você vira o escravo da atlética. O faz tudo da atlética.

Ana: Fazem tudo, montam a tina, afinam a bateria, pegam gelo, a cerveja.

Helena: As meninas da minha sala saiam da aula cedo de sexta feira.

Pedro: Não, ninguém deles assistiam aula de sexta feira.

Clara: Eu saia da aula para pegar garrafa de água. Eu acho um absurdo as coisas que eu fazia. Saia da aula pra encher garrafa de água!

Pedro: E você não pode encher a garrafa de manha, quando você chega, porque a água tem que estar gelada. Então você tem que sair no meio da aula mesmo.

Clara: Tem que ser no horário certo para ficar na temperatura ideal (risos)

Helena: (risos) Por que você fazia isso? Fala? Essa é a pergunta que você tem que responder.

Clara: Eu queria treinar. O meu negocio era o atletismo. Eu queria ser DM do atletismo para organizar o atletismo,

mas eu não queria ser da atlética. Só que eles não podiam separar isso. Eu perguntava se eu podia ser DM e não ir ao ensaio, não fazer os turnos? Eu queria ser só do atletismo, ir às competições, organizar cada prova. E não, não podia. Então era um absurdo. Eles colocavam todas as funções pra cima de mim, para ver no que dava. E eu ia indo. Só que no final não deu. A atlética é coisa de louco. Eu não era nem DM e já tinha muita cobrança, ficava muito estressada. Eu falei “meu, não vou ser (DM)”.

Helena: Mas você não sofreu preconceito por não querer ser DM?

Clara: Ah, mais ou menos. Porque o que aconteceu no final foi que não teve DM. O DM do 3º ano teve que ser DM de novo.

Ana: Também teve um amigo nosso que foi e desistiu. Então a atenção foi toda para ele, porque ele foi (DM) e desistiu. Eu acho que ele mais aceitou para esfregar na cara dos meninos da sala, que ele podia ser DM. Só que deu duas semanas e ele falou “nossa, que burrada” mandou mensagem escrita “Não quero mais”. A atlética fala mal dele até hoje. A sala inteira fala mal. A sala inteira não vai, porque ele é o meu melhor amigo.

Ele não é bem vindo aos ensaios. Então ele não vai para a CALO porque ele tem medo de que falem alguma coisa. Pior do que você não ser atlética, é você ser e largar.

João: O clima que se cria é muito ruim. O natural seria o que? Quem gosta de esporte vai praticar e não criticar o outro por não fazer.

Eu espero que esse ano seja uma nova era em que não exista mais esse clima. E eu estou adorando esse ano porque os argumentos dos troteiros estão escorrendo pelas mãos deles. “se a gente não obrigar ninguém vai para a

Intercalo”. Nunca se foram tantos calouros na Intercalo.

Clara: Só um calouro não meiu o cabelo esse ano

João: Só um calouro?!?!

Ana: Falavam que se não tinha trote não tinha incentivo para treinar. Poxa, vai ter maior incentivo pra eles (calouros do ano que vem) terem visto os anteriores campeões?

João: É...eles foram e ganharam.

Clara: Mas eu acho que essa pressão fazia muita gente desistir. No meu caso, eu saia cedo da aula para encher garrafa de água, pegar todo o material do atletismo, que tinha peso...

João: Eu falei para o presidente da atlética que essa função não pode ser do primeiro ano. Calouro não pode ser força de trabalho para a atlética.

Clara: É que também tem muito aquela pressão “você é um calouro bom, agente está confiando em você”. Põe aquela pressão que você pensa que se não fizer isso e aquilo vão falar muito, vão me odiar, porque eles estão botando fé em você. Então chegou uma época no meu caso que eu falei que não queria me comprometer e o outro que aceitou desistiu. E eu acho que eles acham isso pior do que você já falar que você não quer ser. Sei lá, eles até que não foram chatos comigo.

Helena: O que eu acho pior do trote, tudo bem, bater nunca bateram em mim...

“O QUE AS MULHERES FALAM PARA AS MULHERES”

João: Professora, você não tem noção do que as mulheres falam para as mulheres...

Ana: Ai de você se você é bonitinha... Você já reparou? Na atlética só tem menina feia (risos)

Clara: É, as mais feias estão na atlética...

Ana: E cria um ódio da caloura que é bonita, arrumadinha.

Clara: Eu levei muito trote da sala de você por causa da minha irmã. Muito, muito. Eu chorava horrores. Uma vez eu tava na INTERMED dançando, e chegou um amenina que hoje é do sexto ano e falou “Você é uma vaca mesmo. Muito puta. Todos os meninos da minha sala falam isso, você não se mancou? Eles estavam ali agora comentando como você é a maior arregaçada”... Começou a falar várias e eu comecei a chorar. Porque quando você é calouro você pensa “será que é verdade?”.

Ana: E é uma coisa horrível você ficar ouvindo essas coisas de cabeça baixa, só da vontade de chorar mesmo.

Pedro: É inominável o que eles falam. Pensa nas maiores ofensas, sei lá, pensa no filme da Bruna Surfistinha e transporta isso pra boca de uma menina que vai ser médica daqui a quatro meses. E ela falando isso para uma menina que acabou de entrar na faculdade, que deveria ser bem acolhida.

Ana: É pura inveja. Quem fala são as horrorosas. Porque imagina, você não é bonita, e entra aquela menina linda, loira de olhos claros. Todos os seus amigos começam a falar “nossa, olha aquela menina”. Então tem gente que até hoje odeia ela (a menina bonita)

João: Tem também a síndrome de Estocolmo. Tem muito isso. Porque aquele cara que é o mais agressor, qualquer agradozinho que ele faça que qualquer pessoa do mundo faria, ou seja, o mínimo, ele vira um Rei. Tipo “o cara me estuprou, mas depois ele me deu uma florzinha”.

“ABUSO SEXUAL”

Professora: E teve casos de estupro aqui na faculdade?

Clara: Não que eu saiba

João: Juridicamente, essa questão da pimenta é considerada estupro.

Clara: eu já tive medo de ser estuprada

Ana: É, eu também já tive medo.

Helena: Olha o que aconteceu com a menina da minha sala. Pegaram ela em um final de aula, levaram ela para a atlética, deveriam ter uns seis veteranos. Deitaram ela no chão da atlética, fizeram uma roda com ela, ao redor com seis homens e ela não tinha como sair. Aí começaram a falar pra ela que iam brincar com ela de fazer exame físico. Eu não sei até que ponto foi a brincadeira, mas quando ela voltou para a Morfo ela estava chorando loucamente. E a gente perguntava “O que aconteceu?” e ela só chorava e falava “não aconteceu nada, não aconteceu nada”. A gente falava “O que aconteceu, pelo amor de Deus?” e ela só falava “nada, nada”. Quando ela falou que a deitaram no chão e falaram que iam fazer um exame físico, agente falou que não era mais brincadeira. A gente perguntou se tinham tocado nela, e ela respondeu “tocaram”. E agente “mas tocaram onde?”, e ela não quis falar. Então eu não sei o que aconteceu.

Clara: eu não duvido que tenha acontecido algo.

Helena: e ela não falou pra gente o que fizeram com ela lá dentro. Porque a gente já tava num nível louco da vida pra denunciar. E agente falou pra ela que ela não podia deixar isso acontecer. Falamos pra ela ir lá, já, na policia. E ela falou que não ia, não ia e não foi. Tanto que isso ninguém ficou sabendo.

Clara: Quando os caras bebem eles ficam muito agressivos. Eu tinha muito medo. E eu não duvido que tenha acontecido. Muitas vezes eles ficavam tão agressivos e começavam a falar um monte de besteiras, eu saia correndo. Eu não tenho duvida que se alguma menina mais trouxa ficasse que aconteceria alguma coisa. Eles falavam tanta merda que dava medo.

Helena: É, porque tem o Quiz com as meninas, que eles perguntam coisas íntimas da sua vida.

“MUITOS DELES SÃO FILHOS DE MÉDICOS”

Professora: Bom, eu acho que é isso gente. Eu só queria saber se vocês, que são mais velhos e estão no 4° e 5° ano, se vocês acompanham quem deu trote em vocês a ponto de saber se ele continua tendo certas facilidades na residência e depois na própria medicina. Se isso se perpetua.

João: Olha, eu posso dizer que dos cinco piores que eu soube estão muito bem. Muito bem. Eles não são burros, eles são inteligentes. Quando eles focam para aquilo que é bom, eles também se destacam. E claro, contam com a ajuda de outros.

Helena: Muitos deles são filhos de médicos. Tem

ajuda do papai, de quem indica.

Professora: Vocês acham que influencia na hora de dar o trote também? Lá trás?

Clara: Eu acho que sim. Porque eles não se preocupam na hora com a carreira deles, eles já têm a carreira garantida. Agora eu, que não tenho nenhum médico na família, tenho uma preocupação total com a minha carreira. Não tenho ninguém para me ajudar. Quem dá mais trote tem os pais médicos.

Pedro: E eles continuam sempre dando trote. Vão à INTERMED com filho, bebe de colo. Você olha para aquela situação, R1, R2 com bebê de colo e a esposa... Não da pra acreditar.

Helena: tem cara que é formado há 10 anos e vem ainda em ensaio de bateria.

Ana: ...eu me decepcionei muito, até tinha pensado em sair, não da medicina, mas da faculdade mesmo sabe. Prestar outro lugar e não continuar aqui sabe. ... Porque isso foi uma coisa que eu conversei com meus pais e aí foi até uma ideia do meu próprio pai: ah, deixa passar uma primeira semana e aí você vai pra ver se isso passa, entendeu... então como às vezes os pais não conhecem, não tem experiência com a área de saúde, não é médico e tal... Não tem como eles orientarem os filhos, mas como meu pai falou então... (...) eu decidi que não ia passar por isso, mesmo porque eu não ia passar por isso, ou eu não ia passar por isso ou não ia continuar na faculdade... Essa foi minha escolha esse foi meu caminho, o jeito que eu me senti bem...

Lauro - Quando eu entrei aqui minha mãe já sabia um pouco das histórias então ela sempre marcou bem em cima. Ela me disse que era coisa de maloqueiro não sei o

que... Mas o primeiro dia eu falei que foi super-tranquilo, que foi legal ai ela falou: ah tudo bem. O problema foi que no segundo dia eu já voltei completamente bêbado pra casa, vomitando no carro do meu pai e mesmo assim eu falei que queria continuar, que eu precisava continuar, ela até queria me tirar da faculdade. Só que desde o começo eu já tinha essa ideia que o trote... Bom... E eu ia continuar me submetendo...

“O REINO DO MEDO”

Professora: Você sentia medo?

Lauro: Medo eu sentia quando eu tava numa situação que eu não tinha controle e era sempre muitos veteranos envolvendo você... Às vezes até tinha outros calouros só que eles te tiravam pra um canto, te cercavam, ficavam falando no seu ouvido... Eu nunca tinha passado por nada parecido, eu estava meio despreparado pra isso...

Lauro: Tem medo do lugar onde você estuda, tem medo de sair da sua sala...

Carlos: Tem medo de qualquer veterano... Você fica condicionado a olhar pro chão, fica condicionado a ficar de cabeça baixa, porque você fica com medo de todos.

Lauro: Por incrível que pareça hora mais tranquila era quando você tava dentro da sala de aula Porque você ficava lá dentro, quando ninguém te ligava, pedindo pra você sair, pedindo pra você fazer alguma coisa...

Ana: E o pior assim, que eu senti. Quando eu vim pra cá eu conhecia ele e mais uma menina do terceiro... E o problema era: você não podia chegar perto das pessoas que te conheciam... Eles, que não participavam de nada, tinham medo de chegar perto da gente pra conversar com

a gente. E eu comecei a ter um bloqueio... E só no final do primeiro ano, só fui fala com eles... Nossa... No finalzinho da primeira época que eles falavam “não, tem que estudar isso, tem que estudar aquilo”... Um medo de comunicação tanto deles quanto meu... E a minha vizinha, no primeiro dia de aula, ela chegava perto da gente e parecia que ela só tava andando... “não posso fala com vocês, não posso... tira tudo e fica quietinha, não precisa fala nada... eu to te ajudando.” ela não podia chega perto da gente.

Carlos: A atlética bloqueia os outros veteranos, aqueles que pararam de participar e fala “os calouros são nossos não são de vocês”.

Leandro: Eu lembro um colega nosso levou um soco... Aí você nunca... depois até de estar no segundo ano isso aí ainda deixa você um pouco receoso porque você nunca sabe o que pode acontecer

Carlos: Eu tinha meu contato também dentro da faculdade... Fiz cursinho, eu era colega dele, eu me lembro do ano que ele passou na faculdade e foi no Anglo com outro colega com o cabelo meiado. Quem me dava as informações no começo era ele, como se portar e etc... .. Quanto ao negocio dos pais, minha mãe também queria me tirar da faculdade, mas eu falei “não não, é assim mesmo...”

Ari: Não sei se posso falar por todo mundo, mas a maioria das pessoas aqui, o maior medo aqui das pessoas é se sentir rejeitado. Então vai participa... quando eu parei, eu quase sai da faculdade por me sentir rejeitado... as pessoas “nossa, você não vai mais...” Beleza. Aí no segundo ano eu tentei voltar, participei do primeiro ensaio antes de vocês chegarem. Foi normal, só vieram conversar comigo. Aí quando foi a recepção dos calouros deles, quem tomou trote fui eu também, porque eu tinha parado e eles queriam que eu voltasse... .. O medo de se sentir rejeitado, tanto que

eu tentei voltar no segundo ano, seis meses depois de ficar parado, tentei voltar pra não me sentir rejeitado... Então eu vi em casa, como meu pai não tinha problema nenhum, ele falava que era uma brincadeira só... Uma brincadeira idiota né, porque na época dele pelo menos era a mais saudável. Tinha trote, mas não era ficar batendo em ninguém, nem fica humilhando ninguém. Era uma brincadeira, se a pessoa quisesse... Eles sentiam se a pessoa estava incomodada ou não, Era uma brincadeira via, você ficar na praia, tranquilo... Ainda la as pessoas moravam em república, acho que é pior... Aqui não tem tanto esse problema, as pessoas conseguem ir pra casa... Pelo menos eu fiquei bastante tempo participando, em casa não tinha nada contra: eu falava das minhas notas, eu falava o que acontecia. Mau pai “você consegue depois”. O que eu passei um mês pra poder passar de ano nessa faculdade foi... Nossa

Lauro: Eu queria contar duas coisas: uma em relação a conhecer alguém. Esse ano vieram quatro... Cinco meninas La da cidade onde meus pais moram inclusive elas moram perto, elas vieram pra fazer o vestibular aqui da abc. E fizeram, tudo bem, uma delas passou. Ela ta na XLII, fez o vestibular esse ano. E durante as férias toda, eu contei tudo pra ela do que acontecia, e até minha namorada falou “toma conta dela, cuida dela”... Escondido, eu não vou chegar perto dela, eu não posso, porque os veteranos não deixam... Eu vou lá, converso com ela, falo alguma coisa, ela tem meu telefone, ela liga pra mim, se ela precisar de alguma coisa ela fala comigo. Mas na faculdade vai ser difícil eu falar com ela. Acabei conseguindo conversar depois de tudo que aconteceu aqui: não teve trote, não fizeram nada... No primeiro dia, ela desceu com mais uma menina da sala dela, a gente fico conversando aqui dentro...

“OBEDECIA PRA NÃO CRIAR CONFUSÃO”

Professora: E você, naquele período, você obedecia eles por quê?

Lauro: Na época pra não criar confusão, porque eu já criei confusão aqui e era a segunda coisa que eu ia falar. No fim do meu primeiro ano foi o vestibular da XLII, e dois amigos vieram prestar e eu vim trazer eles. E até no dia eu tava com carro, peguei passei e vi o pessoal da minha sala tocando bateria na porta da fundação junto com os veteranos... Você já conhece quem são os caras chatos e quem não são... Aí eu falei com eles: “oh cara, eu vou passar, vou lá embaixo depois eu pego vocês aqui em cima. Não vou parar na frente e tal porque o pessoal não gosta muito” Foi tranquilo, passei parei o carro lá na frente e dei a volta, levei o pessoal na sala “vai lá boa prova pra vocês”. Só que... você quase não tem roupa, a maioria das roupas que você tem é da faculdade e eu vim com uma camiseta da faculdade. Eu vim pra cá, estava passando... depois disso veio um cara da minha sala e eu comecei a conversar com ele e tal, ele falou “vem pra cá, vamos ali”. O pessoal já tinha parado de tocar bateria já, tava tudo guardando... “vamos Lá, o pessoal da nossa sala ta ali, vamos conversar”. E eu fiquei lá, conversando com o pessoal, até que o ex-presidente da atlética já passou um recado pra um, que já passo um recado pra outro e vieram tirar satisfação porque que eu tava ali na frente da faculdade, com a camisa da faculdade sendo que eu não era da atlética. Aí falaram de longe pra mim assim “aqui é pro pessoal da atlética e convidados tá”? Você não é nenhum dos dois então pode ir embora - eu falei “eu não vou embora, to aqui com o pessoal da minha sala, também tenho direito de ficar aqui”. Aí chegaram, “tira essa camiseta, você não merece usar essa camiseta” eu falei “é você que não merece”. E acabo que no final das contas a gente quase brigou, quem

separou foi até esse cara da minha sala que me levou pra lá pra conversar com o pessoal, ele falou “vamos, vamos pra lá, pra não arrumar confusão”. Então quando você pergunta pra mim porque que a gente obedecia, era justamente por causa disso, porque eu sou um cara que não aguenta ficar ouvindo muito, levando desaforo pra casa, e eu não queria arrumar confusão. Eu to aqui dentro, eles são em maior número e eu to sempre aí... agora a gente anda... uma coisa que você aprende quando você é calouro é andar em bando, você começa a andar em bando porque ai você nunca ta sozinho... você foge em bando, vai almoça em bando e você acaba... Uma vez, passando com o fulano, ali no estacionamento o cara ali do quarto ano... la ser a chopada do quarto ano, acaba as aulas deles, eles não vem mais pra faculdade, começa o internato. E antes da chopada, tem a pré-chopada que eles fazem no DA... antigamente tinha até a tradição do quebra-quebra, eles quebravam o DA inteiro. Hoje em dia o DA pega, guarda tudo... e deixa eles com a piscininha deles lá, alaga tudo o DA... quebram o banheiro inteiro.... Aí a gente estava passando, eu, o R e o F, pelo estacionamento... a gente saiu, era intervalo, vamos lá no DA comer um lanche. Aí quando a gente passo “puta, tá tendo a festa dos caras, o DA ta fechado. Vamos então lá no restaurante, no GID” A gente passando de boa, o cara la de cima xingando a gente “seus pau-no-cu, que vocês tão fazendo aqui, não sei o que”, ficou zuando que eu tava de camisa regata, tava calor pra caramba “se ta achando que é fortão, fica andando de camisa regata, seu pau-no-cu, vai se foder” xingando... E o que mais deixou eles apavorado é que a gente não se submeteu, a gente pega e devolve, a gente xingou, aí fizeram gestos obscenos e aquela troca de elogios um pro outro né...

Professora: E se eles descessem ia ter confusão.

Ari: la ter confusão... a gente até parou, ficou

esperando...

Professora: Então não se submeter também tem um preço.

Carlos: Sim, não se submeter tem um preço. Agora, tem preços diferentes. Tem aqueles que nunca se submeteram e tem aqueles como nós, que se submeteram bastante... Eles pegam muito mais no pé por que... Eles viravam e falavam pra gente “você eram pra ser bons, mas você não são bons, você nos decepcionaram”.

Ari: Eles investem em você.

“OS QUE SE SUBMETEM, OS QUE NUNCA SE SUBMETERAM E OS QUE JÁ SE SUBMETERAM”

Leandro: Nós conhecemos vocês. Por que nós conhecemos vocês? Porque vocês participaram. Quando vocês pararam de participar.. Aquele grupo que nunca participou, eu não conheço eles, pra mim tanto faz quanto tanto fez ele ta aqui na faculdade. Mas vocês eram pra ta aqui com a gente e agora você viraram pau-no-cu, não prestam...

Professora: Você está classificando os que nunca se submeteram daqueles que se submeteram um dia...

Leandro: Aqueles que nunca se submeteram são ignorados e até aqueles que se submeteram, mas se submeteram muito pouco, não deu tempo de todo mundo conhecer e tal, foi num ensaio só, acaba entrando nesse grupo dos que não se submeteram. E para os veteranos mais antigos, eles olham assim tipo com desprezo, pra mim tanto faz quanto tanto fez ele ta na faculdade, eu não sei quem é ele. E um dos motivos que eles dão pra dar trote é

conhecer as pessoas. Então pra você que participou, beleza, ta aqui com a gente, você é nosso amigo. Agora você que participou bastante e parou, pra eles pior, preferiam que você nunca tivesse participado ele não te conhecesse, do que saber que você participou um monte e ele teoricamente perdeu o tempo dele pra conhecer você...

Ari: Não sei se comentaram de terem passado por isso antes... Uma coisa que eu passei por isso antes da faculdade. Quando eu jogava rugby, os primeiros jogos que eram fora eu me submetia a exatamente a mesma coisa que aqui, a mesma coisa que aqui. Então não é uma coisa única daqui. Quando eu jogava rugby também me submetia. Eu já tava meio preparado pra isso. Pra mim foi mais tranquilo. O problema foi que quando teve as férias...

Sueli: Eu ia fala da minha amiga... (...) e era muito engraçado porque a gente tinha combinado que não ia se falar dentro da faculdade... Passava o dia aqui a gente fingia que não se conhecia, nem se olhava... E quando chegava em casa, bêbada, chorava tudo pra ela e pra amiga dela e elas me acalmavam... Todo dia era assim... Foi assim até o começo desse ano, quando a gente assumiu que era amiga mais de dez anos já e sabe, é uma coisa muito engraçada porque a gente tinha muito medo...

Professora – Medo de que?

Sueli: De repreender, de arranjar confusão porque ela não podia falar comigo, eu não podia falar com ela...

Carlos: Uma coisa que tem aqui é que quem conhece alguém que já ta na faculdade realmente toma mais trote que os outros. Principalmente se essa pessoa for da atlética... Na nossa sala tinha um menino que tinha uma irmã... E tinha mais um menino que tinha um irmão que era da atlética e tomou mais trote por causa disso, por causa

do irmão dele... Tem um menino do segundo ano que tem um irmão também levo muito trote por causa do irmão e o irmão dele é um dos mais chatos que tem.

Sueli: em qualquer órgão ele quer encher o saco entendeu? A gente fez a COMFOR, nossa... Ele é o primeiro a levantar a mão e fala alguma coisa contra, criticar o trabalho... É o primeiro a levantar mão e falar mal, e o que importa é churrasco...

Ari: ... Eu tinha uma amiga, ela estuda com ele no colégio e era normal... Uma pessoa que realmente era amiga dela. E hoje eles nem se olham na cara. E eu tenho um amigo na minha sala que era namorado da minha amiga e eu era superproximo dele... E tipo ele nem olha na minha cara, só vem falar comigo pra pedir dinheiro: no ano passado foi porque eu tava devendo 50 reais pra atlética. Era uma pessoa muito próxima minha sabe? Tem coisas que só amigo sabe mesmo, você ta sempre conversando; faz jantar na casa de alguém vai todo mundo, é esse tipo de amizade que hoje eu... Não olha na minha cara e isso chateia...

“OS VETERANOS SOFREM TAMBÉM?”

Professora: E eles sofrem também, os veteranos? Eles continuam submetidos?

Lauro: Antigamente DM continuava tomando trote. DM é quem cuida do esporte no ano seguinte, é quem administra o esporte, é responsável por levar água e tal... Até chegar os calouros, o DM que é o responsável...

Professora: Que ano isso?

Lauro: Segundo ano. Os alunos do segundo ano que

é que eram responsáveis pelo esporte e o terceiro ano geralmente é a diretoria da atlética. E esse segundo ano que eram DM's eles continuavam tomando trote, porque tudo era nas costas deles né, eram tipo os piões de obra. Então se tinha alguma coisa dando errado é porque ele não tava fazendo dar certo.

Professora: E o grupo que comanda é pequeno, mas de acordo com que vocês estão falando, controlam tudo...

Ari: São poucas as pessoas que seguem isso a risca...

Carlos: 20 pessoas eu dou... 15 pessoas por sala... Tem sempre uns cinco DM's que não são tão assim...

Lauro: São daqueles também que tipo, eles podem até achar que tá errado e tal, mas são da atlética. Se virem alguma coisa acontecendo, eles também não vão falar nada. São daqueles que pra eles tanto faz, ele pode não dar o trote em você, mas ele também não vai virar pro outro e falar pra ele parar de dar o trote em você. É daquele que é neutro, ele fica neutro na história...

Ari:...eles querem mandar. Na nossa época meio que a gente escolhia a sala, só que no fim deu par e ímpar. Eles queriam “não! Tem que ter uma sala da atlética”... Eles querem mandar em tudo... Eu acho uma palhaçada, 15 pessoas mandarem numa sala inteira, é horrível...

Professora: Eles reproduzem isso? Como vocês entendem isso? Como isso se mantém, por que eles oprimem?

Ana: Eles acham que sei lá... Eles merecem mais por que... Uma das coisas que mais me marcaram foi quando eu peguei e falei assim que eu não queria ser DM e eu entrei pro DA e aí eu ouvi de pessoas da minha própria sala falar tipo “você foi uma decepção” entendeu, deles mesmos

entendeu. Como se eles fossem uma classe superior e que por isso, sei lá, por terem passado pelo trote, sei lá, eles merecem parabéns e merecem ser respeitados e merecem mandar...

Professora: E é esse grupo que vocês chamam de lavagem cerebral?

Carlos: Eu acho que você entra num ciclo e você acaba nem pensando a respeito. E também as amizades que você teoricamente cria, que eu acho que são amizades meio voláteis, acabam muito rápido com isso. Ou às vezes a pessoa acaba te cobrando. E só alguma coisa que te marca ou algum pensamento que te faz parar com isso. E é um... Você cai num ciclo que você acaba pensando nisso toda hora e achando normal... Então você acaba reproduzindo e, por exemplo, no meu caso, eu olhava pras pessoas, eu falava assim “como eu vou conseguir ser amigo dessa pessoa no ano que vem, daqui dois anos, na residência...” Eu não vou conseguir olhar na cara dessa pessoa e conversar com ela normalmente. Eu acho que isso daí me marcou bastante, tanto assim que eu fiquei martelando isso e chegou uma hora que eu desisti...

Professora: Em que momento vocês acharam que não era normal?

Ari: Pra mim era sempre, só que eu continuava porque eu tinha esse medo de ficar deslocado, de ficar por fora, só por isso...

“QUANDO HÁ O CONVÍVIO COM O AGRESSOR...”

Maria: ... Meu pai e minha mãe fizeram ITA, na época da ditadura. O trote pra eles foi uma coisa surreal, muito pior do que vocês imaginam. Eles contavam histórias, a gente já

crece com essa visão de que o trote é algo muito ruim.... eu tenho histórico de violência na família desde pequena e quando você convive com isso você aprende a diferenciar o que é um agressor que faz por prazer do agressor que faz porque acha que precisa, porque acha que vai ser melhor pra você. E assim... No primeiro dia que eu vi os meninos já apanhando... Todo mundo chorando... Eu cheguei em casa destruída, falei “nossa pai, mãe... que vocês acham que eu faço”. Eles falaram assim... Nunca falaram viraram e falaram assim “não faça, não participe”... eles falaram assim você tem que decidir o que você vai fazer... você não pode desistir no meio, então se você decidiu que vai ficar você tem que saber por que você vai ficar e você vai ter que continuar com isso até o final. E assim, uma coisa que você aprende quando você convive com um agressor que faz porque precisa, porque acha que precisa, quando tem alguém olhando ele se intimida... ele se sente intimidado e ele da uma aliviada. E eu comecei a perceber isso no segundo dia... eles me faziam ir à rodinha dos meninos que estavam apanhando eu tinha que os fazer darem risada de todo jeito... e quando eu vi que mesmo que por um segundo os meninos meio que saíam um pouco... aquilo tipo me dava um alívio muito grande... e no final eu acabei ficando porque eu achava que se eu ficasse ia aliviar pra eles. Se eu ficasse, o pessoal ia se sentir melhor. Toda vez que eu falava “não gente, acho que vou sair” o pessoal vinha “não não, por favor, a gente precisa de você, fica com a gente”. Quando você está junto é melhor. E assim eu fiquei até uma semana antes da INTERMED e eu só desisti porque me chamaram pra ser DM... e assim eu só desisti quando teve um churrasco da 38, eu lembro que os meninos chegaram desesperados naquela semana antes da INTERMED... era aquela semana “vou pra INTERMED, vai ter festa e tal”. E os meninos chegaram desesperados “não meu, tão querendo alguém lá no Cícero porque a 38 ta fazendo churrasco

e eles querem os calouros lá”. E eu lembro que eu fiquei naquilo de “não gente, vamo vamo” só que o pessoal já tava meio que naquele clima de “ah não velho, não vou sair pra ir pro churrasco da 38. A gente vai apanhar, a gente vai se ferrar, não vou sair da sala”. Eu lembro que eu e outra menina saímos da sala achando que tava todos os meninos lá. Quando a gente chegou tinha um menino e ele não foi embora... ficou só nós dois lá no campo com a 38 inteira, foi bizarro. E assim naquele dia eu fiquei “alguém vai aparecer, o pessoal vai sair da sala e vai vir ajudar a gente, alguém vai vir.” E assim, em nenhum momento eles falaram que a gente precisava ficar lá, que se a gente quisesse, a gente podia sair do campo. Mas eu fiquei achando que alguém ia aparecer... aquele dia assim, pra mim foi fim. Eu falei “poxa, eu fiquei o ano inteiro por eles e tipo, ninguém veio, sabe, ninguém. Eu fiquei tipo muito mal, e naquele dia eu saí e falei “não, não vou mais”. Aquele dia pra mim foi horrível e eu lembro tipo que jogaram água em mim. Aí um amigo me emprestou uma camiseta tipo, eu saí com a camiseta dele. Fui tentar entrar na sala, a sala estava trancada e eu fiquei do lado de fora chorando sem saber o que fazer porque eu queria entrar na sala e eu não podia e se eu voltasse pro Cícero, ia levar trote de novo. Tipo assim meu amigo da camiseta me pegava na minha mão e tentava me tirar do Cícero falando “não você não ficar aqui dentro, você tem que sair, deixa só o seu amigo” e era o B., meu... tipo era o B.! “Não, eu não posso deixar ele aqui sozinho” e ele “sai daqui você não vai ficar aqui!” e eu “não! Eu vou ficar com o B.!” “Mas você não ta vendo que seus amigos não ligam pra você, sai daqui! O que você ta fazendo aqui”. E eu estava com a camiseta dele, a minha toda encharcada, ele tipo “não, sai daqui sai daqui”... Pra mim aquele dia foi o fim... Só não fui à INTERMED por causa daquele dia, depois nunca mais participei. E o pessoal falava “não, você tem que aceitar ser DM, porque vai ser bom ter você com

a gente. Não, você vai fazer a diferença, você vai ajudar a combater o trote.” Tipo, é tudo mentira sabe, lá no fundo é tudo mentira. O pessoal consente com aquilo, o pessoal aceita...

Marta: Eles acham que é necessário.

Maria: É, entendeu. Você vê: eles fazem isso porque eles realmente acreditam que precisam fazer isso.

Lauro: ...o fato de falar que faz bem. Eles colocam tanto na sua cabeça que quando você olha... Na CALOMED você fala “nossa, o trote dá resultado, o trote é necessário, porque você acha que tá todo mundo unido na nossa faculdade”... o pessoal da USP não tá unido. Por quê? Porque a bateria da ABC nunca pára de tocar. Pode tá em intervalo de jogo, acabou o jogo, pode ter perdido, não vai parar de tocar. E o fato da USP parar de tocar, ficar sentado lá todo mundo esperando o jogo começar é o fato de tá unido. Eu achei quando eu fui pra CALOMED “nossa o trote foi necessário pra isso” entendeu... E tipo você vê ah o pessoal que não toma trote, eles tão lá sentadinhos. E a gente não, a gente tá lá tocando com raça. Você acha que isso é a verdade, entendeu... você acha que isso é o bom... E quem ganha tudo é eles, que não tem trote, e não a gente.

Carlos: Não sei se na sala deles foi assim, mas na nossa quando o pessoal tomava trote era bem assim a conversa “não, ano que vem isso aqui muda, trote da nossa sala ninguém vai tomar, ninguém vai tomar”... As meninas falavam assim “eu nunca vou deixar esses meninos darem trote em mim”... Eu tive um problema na minha época porque eu passei direto aqui... eu tinha 17 anos, então eles me obrigaram a beber com 17 anos. Eu chegava bêbado em casa com 17 anos. 3 horas da manhã caindo em casa, meu pai “se chegou bêbado de novo, vai lá toma uma água, vê se você melhora”. Tipo, como é que... Eu não sei... Quebrar

uma lei sabe... Comecei a beber, fiquei mal quatro ensaios seguidos, nem lembro. Depois de uma chopada nunca mais bebi cerveja na minha vida...

“BEBIDA: OBRIGAÇÃO - FUGA?”

Ana: Eu gostava de beber porque era um jeito meio de eu ficar inconsciente, sinceramente. Eu falava assim “eu quero beber porque, sei lá, a pessoa vai começar a falar e eu vou ta feliz e foda-se, entendeu...” Não vou me importar muito com o que ela ta falando. Ou assim, eu bebia, eu passava mal, podia ir embora mais cedo. Eu já cheguei a fazer isso. Eles nunca me obrigaram a beber, mas eu vou beber porque eu não quero ficar ouvindo isso. Eu vou ficar solta, se vier falar merda eu posso falar que to bêbada, se eu passar mal eu posso ir embora.

Lauro: Eu não podia beber porque eu vinha dirigindo, aí ficava complicado...

Ana: Se pudesse você beberia?

Lauro: Então, da última vez que eu fui ao ensaio eu bebi...

Carlos: É, no primeiro dia que eu vim, eu não bebi nada... eu ria. Aí, nos ensaios eu comecei a ser obrigado a beber, obrigado mesmo, me dava dor de barriga... Era 15 minutos pra acabar com a minha barriga...

Leandro: ...dia que eu passei mal, vomitei no carro do meu pai, fui pro hospital toma soro foi exatamente isso... Passava e “toma aí, abre a boca” ai me puxavam prum canto “come esse tang salada de fruta” aí eu comia, aí “abre a boca” jogavam pinga. Aí entra na rodinha de novo, tem que acabar tem que acabar.

Professora: E você obedecia...

Leandro: Na verdade eu tava obedecendo, mas depois eu tava tão bêbado...

Marta: A desculpa: ajuda seus amigos. Quanto mais pessoas beberem da garrafa, menos as pessoas vão ter que beber... Então você acabava bebendo pra ajudar. Esse velho barreiro nossa, ninguém gosta de tomar... Eu sentia nojo...

Lauro: Uma coisa importante que eu acho assim era assim. No primeiro e segundo ensaio, eu era obrigado a beber. Aí que eu percebi que era bem mais fácil bêbado passar aquilo. Eu mudei muito naquela época, mas hoje eu não faço mais isso... é que você fica tão acostumado a beber na faculdade, você tá tão acostumado a beber beber... Eu só comecei a mudar mesmo, como eu sou no meio do ano passado, que eu parei com esses negócios... Eu bebia vodka essas coisas tudo bem, mas eu bebia muito pouco, quase nada, entendeu.

Ana: Ele me contava as histórias que aconteceu no começo do primeiro ano “nossa era você mesmo? Não acredito que você fez essas coisas” sabe...

Ari: Lembra da festa que a gente foi da GV? Eu saí completamente louco levando coisa da festa sabe... Eu queria levar uma cafeteira...

Carlos:... Umás três horas e a gente não achava ele, “acho que o A. morreu”. Aí a gente o achou, tava to cheio de terra, dormiu no mato.

Lauro: A gente muda professora, infelizmente a gente muda. Eu fiquei quatro vezes... Teve uma festa que dormi em cima de prego... Teve uma festa que eu acordei e não sabia onde eu tava... Eu mudei, eu não era assim, a minha vida foi um inferno nessa época... A gente ri, mas é verdade.

Eu bati num amigo meu...

Ari: tem um menino da nossa classe que quando ele entrou ele era o mais medroso, o que parecia que ia só estudar e nem se enturmava muito. E hoje em dia ele é uma das pessoas que é mais social assim, que participa bastante...

Professora: Participa bastante do que?

Ari: De tudo! Ele faz tudo! É um cara que enche o saco agora.

Carlos: Ele era uma pessoa totalmente diferente. Ele ficava se escondendo, ele era tímido. E ele mudou muito. Acho que eu mudei...

Ari: Não é por nada mais eu senti que se eu continuasse, eu ia ter que beber e eu ia virar um alcoólatra.

Lauro: Eu quase virei um alcoólatra. Eu só não virei porque eu fiquei com aversão a cerveja.

Professora: E agora?

Lauro: Eu consegui mudar de volta ao que eu era.

Ari: Eu, não.

Carlos: Assim, ninguém volta. Só que você ganha consciência...

“DOR E LÁGRIMAS... EU ME SENTIA UM LIXO”

Professora: Amadurece sim, muda, ganha consciência... Mas tem gente que está aqui e está chorando. Vocês duas. Acho que essa coisa da emoção... O fato de vocês estarem aqui com a gente, essa emoção, de quando

vocês falam vocês se emocionam... Vocês sabem identificar onde que pega?

Ana: foi muita decepção, o pessoal olhar pra você decepcionado... Gente assim, que eu admirava, muito mais velha, já na residência, olhava pra mim “nossa, porque ta todo mundo decepcionado com você”.

Professora: Aí você se sente como?

Ana: Ah eu me sentia um lixo, um lixo...

Marta: Você não sente que as amizades não valem nada?

Maria: É...

Ana: Hoje eu quase não ando mais com umas meninas que ano passado eu considerava minhas melhores amigas. E elas falam... E o resto não vale nada.

Marta: ...elas começaram a sair, elas começaram a desistir. Aí eu falei “não, peraí, já tem gente desistindo”... - Tem gente que continua indo no ensaio de bateria. Mas eu pra mim, gente, ensaio de bateria sexta-feira à noite... Sabe, era todo dia a mesma coisa, as mesmas pessoas... eu preferia ir pra casa e ficar com meu namorado, entendeu...

Ari: Dou graças a Deus porque algumas pessoas que eu conversava que... Até do sexto ano assim... Tem um ou dois que ainda conversam comigo... Eu sei que essas pessoas são boas. A gente vê que tem. Agora, a maior decepção é você ver aquelas pessoas que brincavam com você, que faziam alguma coisa com você, até te chamavam “nossa você... eu ainda queria que você fosse meu brother”... Os caras nem olha na sua cara. Você faz alguma coisa assim nossa, o cara “ah beleza” sabe. Você faz um negócio, um trabalho... No congresso, eu to no congresso... O pessoal

não reconhece nada do que você faz. Uma pessoa que tá no DA não reconhece nada do que você faz. Eles acham que é só a Atlética que faz alguma coisa pela faculdade. É uma coisa absurda isso. A Atlética não faz nada pela faculdade...

Carlos: Se em algum instante você questionar o que eles fazem eles vão te cortar. Eles não vão mais ser do mesmo jeito com você.

Leandro:... É bem provável que eu não tenha vivencia pra falar disso, mas do jeito que vocês colocaram assim... Parece que isso aqui vira o universo de muita gente...

Lauro:... Tem muito essa ideia da integração, da amizade. Aí depois, um fator determinante pra sair disso... É ver no fundo que isso era só falsidade sabe, não era uma ideia de integração, mas de oportunismo, de se aproveitar dessa ideia dos outros. Aí depois que você vê que não era isso, aí acho que é um determinante pra você sair, sabe... Ela (atlética) quer talvez que a sua vida seja só aquilo, mas não tem como você ser isso porque você tem outras coisas pra fazer também. Você tem a sua vida, então eu acho que é isso, eu acho que a pessoa vê que essa integração é falsa sabe, é só como um interesse em querer se aproveitar ao máximo, esgotar você, sabe...

Ana: Eu queria falar que assim, o trote me fortaleceu muito. Eu virei uma pessoa muito mais forte por causa do trote. Então eu mudei muito... Só que por outro lado eu não consigo mais controlar minhas emoções, eu choro muito mais. E antes uma coisa inadmissível era chorar na frente das pessoas, eu nunca chorava. Agora na faculdade eu choro toda hora. Se acontece qualquer coisa que eu me sinto mal, eu choro. Mas eu aguento mais as coisas tipo, tipo, eu não era assim. Também era uma coisa inadmissível chorando, todo mundo olhando, eu achava “meu, não posso, tenho que mostrar que sou forte”... Eu me sinto mais

forte, mas ao mesmo tempo também... Eu to chorando muito na faculdade. Minha mãe me acha estranha “minha mãe fala “meu você chora toda hora” Eu chorava em casa no quarto de noite “... pras pessoas não ouvirem pra não mostrar que era uma fraqueza. E agora depois do trote eu to gritando. Você não consegue mais segurar. Você explode. Quando você explode, você não consegue mais voltar. Todo mundo na sala... todo mundo chora. Todo mundo chega um dia e chora. E eu prendia muito, prendia muito... No dia que eu explodi eu nunca mais consegui segurar... Foi uma mudança na minha vida, sério. Eu não conseguia mais...

Maria: O que eu mais às vezes me arrependo assim de ter tomado trote é que o trote te afasta das pessoas que você conhece fora, sabe. E pessoas que eu gostava muito que eu me afastei completamente e to tentando volta agora o contato e é mais difícil...

Professora: E quem são as pessoas de fora?

Maria: Eu tinha amigos que assim... Eu gostava muito, to tentando voltar agora a ter contato. Depois de dois anos assim é bem difícil, sabe.

Professora: Você se sentiu dentro dessa lavagem cerebral?

Lauro: Com certeza, eu acho que eu era um dos mais de direita assim, um dos que mais entrou no começo assim. E afasta muito sabe, a sua vida é só a faculdade... Primeiro ano você não faz nada... Primeira semana você fica todo dia. Aí de fim de semana você só quer descansar, não quer ver ninguém na sua frente. Você não aguenta, você vê alguém na sua frente você bate na pessoa. Aí chega depois, passa tudo aquilo de novo, cinco dias passando tudo de novo, fim de semana você só quer dormir, descansar, entendeu. Acho que o que eu mais me arrependo, que eu não faria de novo...

Eles conseguem criar... Você não consegue ter amizade fora... E eu tinha muito amigo que eu queria ter continuado a amizade e não continuei por causa disso, entendeu, porque eu me fiz esnobe na época que eu podia falar com eles, que era quando eu tava tomando trote, falava “não não posso” eu sempre falava “não”, nunca falava “sim” pra eles. Acho que eu devia ter falado “sim” pra eles...

Marta: ...amadureci muito pelo fato de você ter de fazer escolhas. Aprende a fazer escolhas corretas... Acho que você fica mais maduro de ter a sua opinião e não seguir a dos outros. Mas assim, isso faz a gente ficar mais sensível... Eu sou uma pessoa muito mais sensível do que eu era antes e extremamente nervosa... eu sempre fui uma pessoa estressada, mas eu conseguia sempre me controlar. Hoje, depois que eu passei pelo trote, eu nunca consegui voltar ao normal. Eu sempre falava pra familiares, amigos, namorado “não, deixa passar que eu vou melhorar” e eu nunca consegui voltar ao que eu era antes, eu nunca consegui voltar ao meu estado normal. Eu sempre... Eu vivo com esse conflito interno porque é muito difícil saber que você tinha um controle muito forte sobre você e eu não tenho mais... É um negócio que... Eu vivo num stress muito alto... É um limiar muito pequeno que você tem, qualquer coisinha explode e é muito difícil você querer voltar ao que era antes e eu não consigo. E é difícil pras outras pessoas que tão de fora entenderem

Lauro: Chegou uma época que eu não aguentava ficar falando “vai se ferrar não quero fala agora, to descansando agora”. Com meu pai, nunca tinha feito isso com meu pai.

Ari: Eu fiquei assim, mas não sei se foi por causa do trote.

Marta: Eu percebi que foi. Na época do trote eu fiquei uma pessoa muito nervosa, estressada. E eu até hoje não

consigo voltar ao normal.

“TEM PROFESSOR QUE É TROTEIRO”

Professora: Tem família que acolhe e que diz “não, isso não é normal”, tem família que fala “isso é normal e vai passar”. Vocês sentiam assim com os professores, uma forma de sustentação social?

Ari: Tem professor que é troteiro.

Ana: Eu já vi professor aqui falando “eu não sabia que isso acontecia”, e professor que dá trote. O professor que dá trote você sabe quem é, todo mundo sabe quem é.

João: ... Fulano falou isso. Aí os atletoqueiros iam lá e dava trote.

Marta: Minha mãe queria vir falar na faculdade. Aí eu falei “mãe, pra que você vai na faculdade se você vai falar e não vai adiantar nada”.

Maria: Não é que eles [a diretoria] aceitavam não. Eles usavam aquele formato, aquela fórmula... Não é que eles aceitavam, eles faziam também, eles faziam entre eles. Uma vez eu estava entrando no campo, o P. estava abrindo a porta do campo, ele falo bem assim “não faz muita coisa com eles hoje não.” Falou assim.

Ari: Teve uma vez no começo do nosso primeiro ano que fecharam o Cícero... O P. falou “vocês não vão ficar ligando pro papaiiiii?”... O Diretor falou assim “vocês não vão ficar ligando pra papai e mamãe né?... ficou lá na frente e falou assim “então qualquer coisa que acontece aqui vocês vão reclamar, é isso”? Vocês não tem atitude? Vocês não conseguem resolver isso sozinhos?”. Porque parecia uma coisa ruim que a gente estava fazendo pra ele, e eles

não tinham nada a ver...

Carlos: No nosso primeiro dia ele até desceu lá no churrasco que teve no Cícero e a gente com cara de tristeza, apanhando né, o cara “ah tudo bem com vocês? Vocês tão gostando?” Esse negócio da diretoria... O primeiro e segundo ano era a diretoria antiga. Era mais fácil pra eles fingir que nada tava acontecendo do que se dar ao trabalho de entrar, como aconteceu no ano passado quando mudou a diretoria, e bater de frente, entrar com processo cível, envolver policia... Tudo. Por quê? Porque a diretoria daquela época, eles achavam normal. Eles levaram trote, eles deram trote...

Leandro: Mas eles também não tinham muita vontade de trabalhar né?

Maria: É. Mas essa é outra história...

Marta: Eles destruíram a faculdade, deixaram um rombo absurdo aí.

Carlos: O P. parecia que ia morrer toda hora. Ele falava assim “deixa meus meninos em paz” os meninos da atlética...

Ari: Outra coisa que eu ia falar era aquele negocio da amizade, que perde os laços de fora. Pra mim assim, acabou acontecendo, mas não por culpa do trote. Porque eu morava no interior e lá tem faculdade de medicina e tal, e tem a UNESP, outra faculdade grande, mas o que acontece. A grande maioria dos cursos é fora da cidade. Então todos os meus amigos estavam em algum lugar. Então esse papo de cada um ir pra algum lugar já separa. Porque até chega o feriado que você volta pra sua casa, mas o feriado que eu vou você não vai, ou o que ele vai eu não vou... Então nunca ta todo mundo junto de novo. E a única coisa que assim eu ouvi do trote que eu achei que era verdade mesmo, que eu

vi acontecer, foi que a pessoa que ta do seu lado, olha bem pro cara que ta do seu lado, que esse vai ser seu amigo de verdade daqui pra frente. Você vai passar mais tempo com ele do que com seus familiares...

Carlos: O trote te ajuda a conhecer muita gente, só que também... Você cria amizades de verdade... Só que ele te deixa muito vulnerável pra você achar que você ta tendo amizades de verdade mesmo. Às vezes a pessoa realmente só ta do seu lado por causa da situação...

“A GENTE SAIA PRA ALMOÇAR, A GENTE FUGIA”

Lauro: Eles são manipulados. Por exemplo, aquele cara que era seu amigo, conversava muito com você lá enquanto você tava na Atlético, a partir do momento em que você sai, às vezes ele até tenta continuar a ser seu amigo, mas o pessoal que ta na Atlético fala “você vai fica com aquele cara? Ele saiu, é um pau-no-cu, ele não ta mais aqui”. Então mesmo que... Se o cara for um pouco fraco de cabeça no sentido de que ele passou por uma lavagem cerebral e continuou aceitando e ta ouvindo aquilo todo dia, toda hora, todo mundo que ta do seu lado acha que ta certo, vai acaba acontecendo que você vai acabar se afastando daquele cara que saiu da Atlético. E com o tempo, sei lá, acho que isso é de pessoa pra pessoa, mas acho que com o tempo vai acabar cortando a relação que você tinha. Então pra gente, quando a gente saiu, acho que o que acabou acontecendo é que a gente acabou saindo mais ou menos na mesma época. E a gente ainda era aquele pessoal que andava em bando, aquele grupinho que, na hora do trote, você olhava prum lado olhava pro outro, falava “vou ficar com aqueles caras”. A gente saia um dia pra almoçar, a gente fugia...

Lauro: Você percebe que as pessoas elas são totalmente desgastadas, elas são vazias. Elas não se dão conta disso agora, um dia elas vão se dar, mas... É assim, elas tentam passar a percepção delas, elas são tão egoístas, elas são tão vazias, que a missão de vida delas é fazer com que os outros em volta delas fiquem vazios iguais a elas. Porque é uma questão de sobrevivência delas. Se elas não fizerem isso, elas não tem mais futuro. Por que as pessoas que sofreram isso mudam? Porque você já viu o pior lado, o lado mais egoísta do ser humano elevado a infinita potência, entendeu. Por que vocês são mais perigosos... Porque vocês já passaram por isso, vocês conhecem, entendeu. Quem tem a maior capacidade pra perceber isso e mudar isso, porque é uma questão deles, eles não... Se eles não lavarem todo mundo, eles não vão conseguir sobreviver. Porque, por exemplo, chega lá no futuro, você, tudo bem, você consegue enganar um paciente, alguma coisa, porque ele não te conhece, ele não te conhece de jeito nenhum. Mas existem outros indivíduos que são diferentes, eles sabem distinguir quem que é o certo e quem que é o errado. E se eles não fizerem o mínimo deles lavado, não vai ter como eles sobreviverem. Eles são tão egoístas, eles são tão frustrados que eles... Não se conformam que os outros não sejam iguais a eles. Por isso que eles querem te consumir, entendeu. Por isso que existe essa tal lavagem, é pra isso.

Marta: ... A única coisa que eu queria falar é que assim, mesmo depois... Eu nunca senti que o que eu tinha feito era errado. Então eu tinha mó carão, eu pegava e ia pros ensaios, eu aparecia, eu vestia a roupa da Atlético, não tava nem aí, aparecia. E assim, tem gente... Eu sei que o pessoal às vezes olha pra mim e faz uma cara feia, só que eu nunca tive vergonha de encarar ninguém, e com o tempo... É muito engraçado, passa alguém que tinha me dado muito, muito trote e eu encarava, cumprimentava e a pessoa baixa a cabeça e passa assim com vergonha. É uma coisa muito

engraçada, você fala “poxa, olha aí agora que tá, como troca”. Você vê que lá no fundo, você que as pessoas fazem algumas coisas que elas se arrependem depois, sabe. Você sente isso quando você frequenta, não tem vergonha de e mostrar.

Maria: Achei muito interessante... Acho que as pessoas acabam reproduzindo isso pra ter alguém que também faça isso, pra eles se sentirem no meio de alguma coisa. E não faz sentido você fazer aquilo se mais ninguém ta fazendo também, se você não tem mais ninguém, alguém novo, né, reproduzindo isso ou te fazendo companhia em dar o trote. E acho que não faz sentido você fazer isso e todo mundo do seu lado não faz, acho que isso também leva a pessoa a reproduzir ou forçar outra pessoa a fazer isso de novo. Tanto que no segundo ano, quem não dá trote é visto com maus olhos. Você tem que dar trote, o pessoal que participou né, que esteve presente, você tem que dar trote, é uma obrigação e, eu não sei, eu não sou a pessoa mais... Que mais participou né, que esteve no segundo ano vendo isso, mas as historias que a gente escutava era que quem não dava trote o pessoal ficava bravo e tal... Mas isso serve como companhia, eles precisam fazer sentido aquele comportamento.

“ELES METEM MEDO E AS PESSOAS VÃO LÁ E ACATAM”

Ana: Minhas próprias amigas, tipo, não todas, mas duas amigas minhas repreendiam muito quem não dava trote. Elas eram minhas amigas. E eu achava isso um absurdo, brigava muito com elas. Quando a XLII chegou eu fui tipo muito feliz, eu brincava, zoava, foi mó bizarro aquele dia, fiquei zoando. E as minhas amigas chegaram “meu como você é tosca” - minhas amigas - “meu você não vai dar trote? Não pode falar assim com calouro, tem que

maltratar”. Eu falava “não, não vou maltratar”. Tipo, elas ficavam muito bravas comigo... Apesar delas serem minhas amigas, teoricamente, eu era amiga delas porque elas eram do meu esporte. Mas qualquer coisa que fosse tipo relacionado à Atlética, elas estavam por cima de mim. Tipo não importa se você é minha amiga, você tem que fazer isso. Eu falava “meu, você é minha amiga ou você é da Atlética”. Bom, mas outra coisa que eu ia falar... Na verdade, a gente como calouro ou como veterano que desistiu, a gente pode fazer o que a gente quer, a gente só não faz porque a gente tem medo. Porque se a gente encarar e falar qualquer coisa, os veteranos vão baixar a cabeça, eles não têm tanta coragem assim. Tem coragem porque eles metem medo e as pessoas vão lá e acatam. Se você olhar no olho das pessoas, muitas pessoas que tipo... As pessoas que eu não tinha medo, por exemplo, chegava... A pessoa pedia pra você fazer alguma coisa, você olhava pro olho dela falava “não, eu não vou fazer”, a pessoa baixava a cabeça e ia embora, e era veterano, mesmo quando eu era caloura... Acho que o trote, o que mais faz a gente se submeter ou ficar com medo de desistir e tal é que primeiramente a gente tem um objetivo, mas a gente só continua a se submeter a uma coisa que a gente não aceita, que a gente acha muito errado porque a gente tem medo. Tipo, a grande força do trote é o medo. Todo mundo fica com medo de fazer, não sabe o que acontece, então acaba se submetendo, eu acho que essa é a grande questão do trote... O veterano não tem tanta coragem assim, mas ele finge que tem, e você acredita...

Lauro: No fundo, o veterano tem medo porque ele lembra do que aconteceu no ano passado. “Ah eu to aqui né, mas se o cara começar a denunciar vai sobrar pra mim”. No fundo, no fundo, ele vai te dar o trote, mas ele fica com o pé atrás...

Maria: Só que a gente não sabe e a gente acredita

nessa fortaleza que são os veteranos.

Ari: Então assim, pra fechar... Quando eu voltei no segundo ano, no primeiro dia deles, chegaram alguns veteranos e falaram assim pra mim “oh, já que você tá aqui, vai dar trote” - “não, eu só tô aqui pra conhecer eles só... ver como eles estão, se eles estão felizes aqui” beleza. Depois de um tempo, chegou um cara pra mim “ou você dá trote, ou você não volta nunca mais aqui”. Eu falei “tá bom”. E eu nunca mais voltei... Eu ia começar a rir da cara do cara [calouro] e ele ia começar a rir da minha também... Se eu chegasse mandasse você baixar a cabeça, você ia fazer o que? Vocês iam rir! Eu não consigo dar trote em ninguém. Como que eu vou dar trote em alguém. Tem tanta coisa legal pra fazer, você vai dar trote... Tudo que eles passam pra você é o conceito errado.

Lauro: Esse negócio que eles falam “ah, é tradição, é tradição”, é mais ou menos como se fosse assim. É um culto deles por que... Eles usam mecanismos, ou você bebe, enche a cara, você fica... Inibe uma percepção sua, esse é um mecanismo. Ou você vai, você tem que agredir os outros, você tem que agredir, porque se você não agredir você tá traindo, né. Você é uma pessoa perigosa, você conhece o meu culto. E se você conhece e você nega, você é uma das pessoas que pode ajudar a mudar isso, entendeu, e eu não quero isso. É o meu meio de sobrevivência, se eu não fizer isso, você vai acabar comigo e... Isso não é legal. Por exemplo, a H falando com uma pessoa olhando pra baixo pra ela, é lógico, ela não pode chegar ao ponto de querer irritar a H, porque a H já passou por isso, ela conhece como que funciona... Por que ela é mudada? Ela conhece como eles funcionam, só que ela não quer se indispor por quê? Porque ela já viu o lado ruim dessas pessoas, elas são tão ruins que a H não quer criar confusão por quê? Ela quer se manter afastada, ela não quer se sentir influenciada por

essa pessoas, entendeu. Ao mesmo tempo, a outra pessoa passa “ah, abaixa a cabeça”, é lógico, ela não quer, ela morre de medo da H, porque a H já passou por isso. Mas ela soube o que? Ela soube dizer não, e se ela tivesse no grupo de todas essas pessoas assim, ela é um indivíduo muito fácil de chamar a atenção dos outros que tão no meio desse grupo e tirar essas pessoas disso, entendeu. É por isso que existem todos esses mecanismos.

Ari: Tem duas formas de você conseguir poder: sendo amado ou punido.

Carlos: Só quero dar uma sugestão, já que o tema é “por que as pessoas se submetem”. Cada um falar um ou dois motivos pra participar assim. O que a pessoa acha...

Lauro: Falando no que ela falou, eu vi um filme que o rei chega e fala assim... o rei chega e quer que todos sejam leais a ele... “Robin Wood”. Aí chega o ator que faz o Robin Wood e fala assim “então, você já tentou pelo menos conseguir o amor, o respeito e o amor dessas pessoas? Com certeza elas seriam muito mais leais a você...” Por que ele era um rei que só impunha medo... Ele achava que não conseguia, só pelo medo ele conseguia conquistar as pessoas, conquistar a lealdade. Até que as pessoas só vão ser leais a ele quando ele promete uma sociedade totalmente diferente. Aí as pessoas são leais a ele...o rei era visto assim “vocês são subordinados a mim porque é sua obrigação”, é isso que ele falava. Você, por medo, consegue apenas a obrigação de ser subordinado a você. Se você conseguir pelo carisma, pelo amor, a gente é leal a você. A gente vai querer... ajudar você no que você quiser fazer...



Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

- * **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação** - Laura Camargo Macruz Feuerwerker.
- * **O cuidado e a educação popular em saúde** - Org. Luciano Bezerra Gomes.
- * **O trágico na produção do cuidado - Uma estética da saúde mental** - Ricardo Moebus.
- * **O cuidado em saúde aprendendo com a morte** - Orgs. Ana Lúcia Abrahão e Emerson Elias Merhy
- * **Pesquisadores IN-MUNDO - Um estudo da micropolítica da produção do acesso e barreira em saúde mental** - Orgs. Paula Cerqueira e Emerson Elias Merhy
- * **Lavoro della salute: micropolíticas e cartografias** - Orgs. Túlio Batista Franco e Emerson Elias Merhy.
- * **Corpos, gêneros e sexualidades – dispositivos de subjetivação** - Fátima Lima.
- * **Cartografias do apoio na gestão em saúde** - Org. Laura Feuerwerker

Coleção Completa dos Clássicos da Saúde Coletiva:

- * **As Instituições Médicas no Brasil – Madel Luz**
- * **A Arte de Curar versus a Ciência das Doenças – Madel Luz**
- * **Saúde Pública como Política – Emerson Merhy**
- * **O Capitalismo e a Saúde Pública – Emerson Merhy**

editora



rede unida

www.redeunida.org.br